



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS -GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

ELLEN CAROLINE DOS SANTOS SILVA

“O CAVALO É UM COMPLEMENTO PARA A VIDA”: conexões multiespécies

BELÉM, PA

2022

ELLEN CAROLINE DOS SANTOS SILVA

“O CAVALO É UM COMPLEMENTO PARA A VIDA”: conexões multiespécies

Dissertação apresentada ao Programa de Pós –Graduação em sociologia e Antropologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Voyner Ravana –Cañete.

BELÉM, PA

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Santos Silva, Ellen Caroline dos.

"O cavalo é um complemento para a vida" : conexões multiespécies / Ellen Caroline dos Santos Silva. — 2022.
102 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Voyner Ravena –cañete
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém, 2022.

1. humanos com cavalos. 2. etnografia multiespécie. 3.
conexões multiespécie. I. Título.

CDD 301

ELLEN CAROLINE DOS SANTOS SILVA

“O CAVALO É UM COMPLEMENTO PARA A VIDA”: conexões multiespécies

Dissertação de mestrado submetida à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará.

Membros da banca

Profa. Dra. Voyner Ravena –Cañete.

(PPGSA/UFPA)

Orientadora

Profa. Dra. Luciana Gonçalves de Carvalho

(ICS/UFOPA/PPGSA)

Examinadora interna

Prof. Dr. Miguel Aparicio Suárez

(PPGCS/UFOPA)

Examinador externo

To the memory of my father, with love.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por minha vida e a oportunidade de dividir essas experiências;

Gratidão, à minha orientadora, Voyner Ravena pela compreensão, carinho, ajuda e incentivo, por segurar a minha mão e enfrentar esse processo que foi tão delicado, por não me deixar desistir, esse trabalho só existe porque você me acolheu, porque você me deu ar, porque você acreditou e lutou por mim, até quando eu achava que não conseguia mais, você me ajudou a renascer;

Ao Nilson e a Angélica, que me fizeram adentrar um mundo;

Aos humanos e não-humanos que me receberam e compartilharam suas vidas;

À Lane, jurista pós-moderna, porque só nós sabemos: brotamos no deserto;

À tia Maria, por me abrigar e acolher;

À minha mãe que me deu condições para viver como pesquisadora *em campos e com os cavalos*;

Ao meu pai, minha luz, o grande amor da minha vida. Foi mágico poder ti sentir através das conexões com os cavalos;

Aos Professores Heribert, por meio do qual fiz as primeiras leituras sobre campesinato e o mundo rural, Romero Ximenes que me fez perceber a antropologia na Amazônia e Flávio Abreu por me apresentar a discussão sobre humanos e não humanos e me possibilitou os primeiros escritos;

A todos os meus professores e professoras que conduziram minha formação, me mostraram que conhecimento é muito diferente de sabedoria, na qual reside a humildade, resiliência e a criatividade, pois não se trata, apenas de letras em um papel, mas de dedicar o tempo, a vida com muita paixão e luta para a concretização de um projeto;

Ao meu treinador, por me motivar “acredita mais em você mesma”, por me mostrar “que só dependia de mim”, por me ajudar a “sentir os cavalos, ler os pensamentos dele”, pela oportunidade de montar e viver com eles todos os dias.

“Algumas pessoas adoram dividir e classificar, enquanto outras fazem pontes – tecem relações que transformam uma divisão em um contraste ativo, com poder de afetar, de produzir pensamento e sentimento”.

(STENGERS, 2017,p. 02)

“ele [Lévi-Strauss] apenas disse “Laissez-vous porter par le terrain” (“Deixe-se levar pelo campo”).

(DESCOLA, 2018, p.323)

“A horse knows what is in your head, responds to what is in your heart and connects with your soul ”.

Angie Wells

RESUMO

Esta pesquisa é sobre caminhos de imersão *em* campos de interação de humanos *com* cavalos, no nordeste paraense. Buscou compreender como essas relações são estabelecidas e de quais formas se projetam, através da experiência etnográfica com pessoas que compartilham a vida *com* cavalos. A pesquisa de campo foi iniciada no município de Aurora do Pará, onde acompanhei o evento de cavalgada e o cotidiano de lida, e num segundo momento passei aproximadamente um ano em um Centro de Treinamento de cavalos *quarto de milha* que competem na modalidade esportiva de três tambores, localizado no município de Castanhal, no qual aprendi a entender e a sentir os cavalos. A importância da interação de pessoas com cavalos é refletida no cotidiano de trabalho, no treinamento esportivo e no lazer. O cavalo é um agente motivador de socialização, onde o foco está em como são estabelecidas as conexões com o animal e nas formas que produzem no cotidiano, na cavalgada e no esporte, um envolvimento de corpo e mente interespecífico que gera sociabilidade multiespécies.

Palavras-chave: humanos com cavalos, etnografia multiespécie, conexões multiespécie.

ABSTRACT

This research is about immersion paths in human-horse interaction fields, in the northeast of Pará. It sought to understand how these relationships are established and in what ways they are projected, through the ethnographic experience with people who share life with horses. The field research began in the municipality of Aurora do Pará, where I followed the horseback riding event and the daily routine, and in a second moment I spent approximately a year in a Training Center for quarter mile horses that compete in the sport of three drums, located in the municipality of Castanhal, where I learned to understand and feel horses. The importance of people interacting with horses is reflected in daily work, sports training and leisure. The horse is a motivating agent of socialization, where the focus is on how connections with the animal are established and in the ways they produce in everyday life, in horseback riding and in sport, an interspecific body and mind involvement that generates multispecies sociability.

Keywords: humans with horses, multispecies ethnography, multispecies connections.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Localização do município de Aurora do Pará, no Estado, na Amazônia e no Brasil.....	13
Figura 2 - Recordações da cavalgada dos anos 90 com meu pai.....	17
Figura 3 - Angélica em 2017, na pista de vaquejada.....	18
Figura 4 - Evolução equina.....	29
Figura 5 - Tipos de andadura natural do cavalo.	31
Figura 6 - Como colocar o cabresto.	32
Figura 7- cabeçada.....	33
Figura 8 - Ilustração de uma sela usada no cotidiano, considerada sela de vaquejada e sela para 3 tambores	34
Figura 9 - Ilustração da Barra e do Seringal.....	40
Figura 10 - A "brincadeira" de laçar o "bezerro".	42
Figura 11 - Ilustração da "ferra",.....	43
Figura 12 - Ilustração da prova de tambor.....	44
Figura 13 – Ilustração da cavalgada em Aurora do Pará.....	45
Figura 14- Início da cavalgada com café da manhã para as comitivas	47
Figura 15 - A concentração da procissão da cavalgada.....	47
Figura 16 - Comitiva organizada na concentração I.....	49
Figura 17 - Comitiva organizada na concentração II.	49
Figura 18 - A cavalgada nas ruas da cidade	50
Figura 19 - Organização da comitiva na procissão	50
Figura 20 - Os cavaleiros sem comitiva.	52
Figura 21 - A chegada das comitivas no Seringal.	53
Figura 22 - A festa da cavalgada	54
Figura 23- Vestígios das womanhorses.....	57
Figura 24- The Horsewoman - Edouard Manet, 1875.....	58
Figura 25 - "Segura peão"	70
Figura 26- Equinos e bovinos soltos no pasto.....	75

Sumário

Sair andando a cavalo	12
Uma antropologia multiespécie?.....	19
Viver <i>em</i> campos: “Você quer <i>ser</i> da roça mesmo”	24
Capítulo 1 - Compartilhar a vida <i>com</i> cavalos.....	28
“Você tem que entender os cavalos, os pensamentos dele”	35
“A cavalgada é andar com os cavalos na rua”	38
Amazonas, cavaleiras, horsewoman: vestígios	56
Capítulo 2 - O peão, o vaqueiro e a lida no cotidiano da colônia em Aurora	60
“É uma vida sofrida, mas é a vida do nosso sonho”	68
“Macho é macho, fêmea é fêmea”	76
Capítulo 3 - Da observação dos cavalos soltos no pasto ao aprender a “saber o que ele está pensando”	82
“Você tem que sentir o cavalo, ganhar a confiança dele”	89
Aprendendo <i>com</i> os cavalos como construir conexões	91
REFERÊNCIAS	95

Sair andando a cavalo

Os cavalos são os seres mais fascinantes com quem compartilhei a vida e a pesquisa nos últimos anos, um mistério no qual me engajei para decifrar, vivendo *em* campos e *com* eles. Um grande desafio que uma jovem pesquisadora enfrentou ao acompanhar pessoas que tiveram suas trajetórias de vida compartilhadas com cavalos, os *horseman*, os homens, que segundo meu interlocutor, “crescem com o espírito do cavalo o cercando, tem o dom de entender os cavalos e tirar o melhor deles”, são pessoas que vivem cotidianamente com os cavalos e que vivem a partir do trabalho com eles, num processo minucioso de tornar-se um vaqueiro, cavaleiro, treinador, competidor habilidoso, cujo o propósito pode ser resumido na seguinte fala de um treinador: “só vou parar de montar quando Deus quiser, isso aqui é a minha vida”, foram pessoas assim que me guiaram.

Essa conexão com o cavalo é produzida em trajetórias de vida nas quais a interação tem o poder de produzir afeto, trabalho e sociabilidade. A escolha do título “o cavalo é um complemento pra vida” ressalta uma narrativa construída em conjunto e no significado que ela carrega, no estabelecimento de um vínculo interespecífico que surgiu há 1500 a.C, como data Rink (2008,p. 56).

O objetivo central desta pesquisa foi compreender como ocorre a interação dos cavalos com pessoas¹ e o seu significado. A investigação ocorreu em duas cidades do interior do Pará, iniciou em Aurora do Pará² (Figura 1) onde acompanhei, inicialmente, o evento de cavalgada³ e em seguida o cotidiano de trabalho na roça e no pasto, que tem

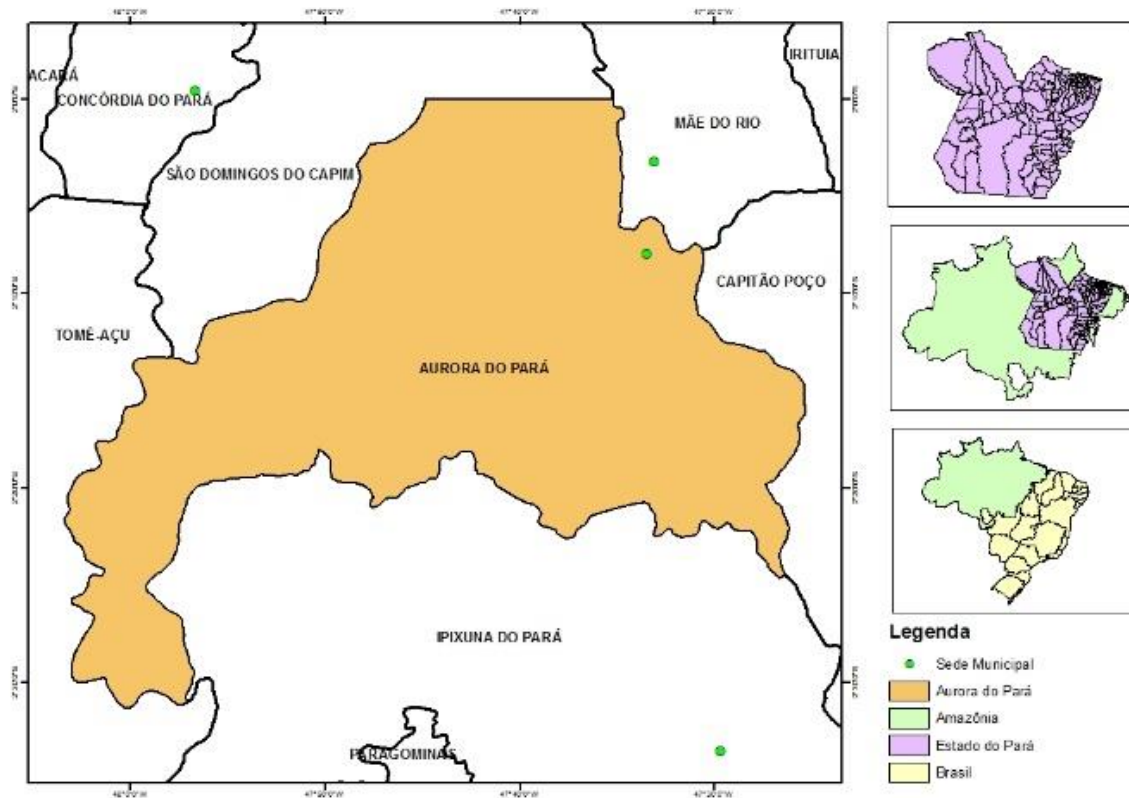
¹ No sentido taxionômico explicado por Ingold (1995,p.09) “Um ser humano é um indivíduo pertencente a uma espécie; existir como ser humano é existir como pessoa. No primeiro, sentido, o conceito de humanidade refere-se a uma categoria biológica (*Homo sapiens*); no segundo, aponta para uma condição moral (de pessoa). O fato de que empregamos a mesma palavra "humano" para ambos os sentidos reflete a convicção profundamente arraigada de que todos os indivíduos pertencentes à espécie humana - e exclusivamente estes - podem ser pessoas, ou, dito de outra forma, que a condição de pessoa depende do pertencimento à categoria taxionômica.”

² O *locus inicial* desta experiência etnográfica está situado no município de Aurora do Pará, localizado no nordeste paraense, cidade na qual cresci, a aproximadamente duzentos quilômetros da capital Belém. Segundo o último censo do IBGE (2010) a população era de 26.546 habitantes e a maior parte residente da área rural. A ocupação regional ocorreu nos anos 1950 com a abertura da Belém-Brasília. Na oportunidade, o lugar ficou conhecido como Vila Aurora ou km 58. As principais atividades desenvolvidas eram a extração de madeira e agricultura, a maioria dos trabalhadores vieram da região nordeste do país.

³ Como ajuda a definir Rink (2008, p.287) “A cavalgada não é um esporte – é um exercício – não tem vencedor ou perdedor. É praticado com um objetivo único – o prazer da cavalgada; o prazer de estar em

como figura central o cavalo, e, em consequência, para aprender sobre equitação, “ser boa de sela e rédea” acompanhei a rotina de um Centro de Treinamento – CT que conta com aproximadamente quarenta cavalos *quarto de milha*⁴, no município de Castanhal, no qual pude compreender como se estabelece a interação, aprendendo a entender e sentir os cavalos no treinamento esportivo. Esta dissertação conta essas experiências.

Figura 1- Localização do município de Aurora do Pará, no Estado, na Amazônia e no Brasil.



Fonte: produção ilustrativa da autora

comunhão com a natureza; o prazer de olhar a paisagem; o prazer de estar em companhia do seu cavalo e dos seus companheiros de cavalgada”.

⁴ “A raça Quarto de Milha foi a primeira a ser desenvolvida na América. Ela surgiu nos Estados Unidos por volta do ano de 1600. Os primeiros animais que a originaram foram trazidos da Arábia e Turquia à América do Norte pelos exploradores e comerciantes espanhóis. Os garanhões escolhidos eram cruzados com éguas que vieram da Inglaterra, em 1611. O cruzamento produziu cavalos compactos, com músculos fortes, podendo correr distâncias curtas mais rapidamente do que nenhuma outra raça. Com a lida no campo, na desbravagem do Oeste Norte-americano, o cavalo foi se especializando no trabalho com o gado, puxando carroças, levando crianças à escola. Nos finais de semana, os colonizadores divertiam-se, promovendo corridas nas ruas das vilas e pelas estradas dos campos, perto das plantações, com distâncias de um quarto de milha (402 metros).” (fonte: <http://quartistas.com.br/blog/a-origem-da-raca-quarto-de-milha/>)

Neste sentido, trilhei *caminhos de imersão*⁵ nas relações estabelecidas com humanos e cavalos no cotidiano tendo em vista a compreensão de quais são os elementos que intermediam esses processos interespecíficos de humanos (*homo sapiens*) com cavalos⁶ (*equus caballus*) e que criam e definem conexões⁷ multiespécies refletida nas várias formas de estar junto⁸ no cotidiano, em cavalgadas e competições esportivas.

Dessa forma, os cavalos chamaram atenção pela multiplicidade de significados e papéis que desempenham nos diversos espaços que ocupam, tendo em vista as habilidades que performam. Busquei acompanhar e entender como esses vínculos são criados, observando o tratamento específico e a intencionalidade dos comportamentos.

A razão de existência desta pesquisa é adentrar mundos de conexões multiespecíficas nesta região da Amazônia paraense, parte do pressuposto de que a dimensão coexistencial entre pessoas, equinos, coisas, plantas e tecnologias, engendrados por meio da construção de habilidades específicas na lida interespecíes no processo de vida, geram os processos de sociabilidade⁹ multiespécie entre os agentes humanos e não humanos. E para pensar sobre o assunto as interações entre humanos e cavalos, como principais atores da cavalgada, são uma espécie cria conexões, ativa e companheira.

Como ressaltou o interlocutor chave, que deu o título a esse trabalho, “o cavalo é um complemento para a vida”, ele não restringiu ao trabalho, ao lazer, ao esporte, mas a própria vida, pela dimensão dessa interação que envolve mente e corpo, habilidades e conhecimento mútuo.

⁵ Na forma que Van Dooren, Kirksey, Münster (2016) definiram “caminhos imersivos de conhecer e estar com os outros envolvem uma cuidadosa atenção ao que importa para eles – atenção para como eles criam vidas e mundos partilhados”. [versão online]

⁶ Os equídeos, abrange, os asnos, os pôneis, as zebras e os cavalos, são mamíferos, do gênero *equus*, que comportam várias classes, comportamento e a interação com humanos diferentes, (conf. CLUTTON-BROCK, 2008). Por isso me concentrei no *equus caballus* o cavalo doméstico que convivemos, por tudo que ele representa e pela necessidade de recorte. Por que sempre uso “cavalo” no masculino? porque na prática é muito usado como um termo neutro, no sentido de que independente se é macho ou fêmea, no convívio, quando não conseguimos identificar se o sexo, quando não conhecemos o animal, predomina chamá-los cavalos, non masculino.

⁷ “os modos de relacionamento e conexão que constituem mundos” (DOOREN; KIRKSEY e MÜNSTER, 2016).

⁸ “estar depois, estar junto, estar perto de, eis, aparentemente, diferentes modalidades estar, em verdade do estar-com. Com o animal (DERRIDA, 2002, p.27).

⁹ Uma *sociabilidade* que propõe “estudar as comunidades homens-animais, onde se compartilham os sentidos, os interesses, os sentimentos, onde se elabora uma sociabilidade interespecífica complexa” (BARATAY, 2016, p.524).

É neste emaranhamento de sentido, meu esforço é principalmente *dar forma*¹⁰ e alargar os horizontes para pensar essas interações em espaços de vidas num enlace multiespecífico que opera a partir de um roteiro relacional das dinâmicas coexistenciais que constrói o vínculo e a conexão multiespécie.

A imersão nessa temática de relações entre humanos e não humanos foi através do curso “Introdução à antropologia numa perspectiva interdisciplinar”, em 2015, ministrado pela antropóloga Emilie Stoll¹¹, na Universidade Federal do Pará, quando era bolsista Pibic¹² e pesquisava relações de gênero no manejo do pirarucu (*Arapaima Gigas*) na RDS Mamirauá, Amazonas.

Na oportunidade foram apresentadas discussões sobre o dualismo natureza/cultura (SANTOS JÚNIOR, 2014), relação homem-natureza (INGOLD, 2000; VIVEIROS DE CASTRO, 2002; DESCOLA, 2005), a relação homem-animal (MURRIETA, 2001; SAUTCHUCK, 2010, 2013) e a interação dos seres com a paisagem (FAULHABER, 2004, ALENCAR, 2013).

Essas referências foram fundamentais para entender essa nova configuração da antropologia, que não se restringe ao humano, social e cultural, mas inclui todos os seres, inserindo outras dimensões nas relações e domínios ontológicos, foi essa formação que me possibilitou bases para viver *em campo*¹³ e buscar novas leituras.

O segundo momento, foi o encontro da aproximação teórica, a partir de discussões sobre “Antropologia das interações humanos-não-humanos: coletivos humanos e animais” (INGOLD, 2002; SERVAIS, 2005, KNIGHT, 2005, HELMREICH, 2010; KOHN, 2016. DESCOLA, 1994; VELDEN, 2012), realizada nas aulas de Teoria Antropológica II, ministrado pelo antropólogo profº Flávio Leonel Silveira, os diálogos

¹⁰ No sentido, como Ingold (2012, p. 26) emprega de que são “os processos de gênese e crescimento que produzem as formas que encontramos no mundo em que habitamos são mais importantes que as próprias formas. “A forma é o fim, a morte”, escreveu ele; “o dar forma é movimento, ação. O dar forma é vida.” (Klee, 1973, p. 269).

¹¹ Emilie Stoll é antropóloga, doutora da Ecole Pratique des Hautes Etudes (em cotutela com o PPGCA-UFGA). É pós-doc na University of Aberdeen (Escócia) e desenvolve um trabalho sobre a percepção da paisagem e as dinâmicas identitárias.

¹² Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), no qual por três anos fui bolsista e pesquisei questões relacionadas a gênero no manejo de recursos pesqueiros na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (RDSM) localizada no Amazonas. Essa pesquisa voltava-se à interação entre pescadores e pescadoras com o pirarucu (*arapaima gigas*) e outras espécies.

¹³ Como ressalta Pires (2011, p.144) na medida em que o pesquisador estar aberto ao imponderável da vida é um sujeito, “que vive a sua profissão, - ele deixa de ir a campo, *ele vive em campo*”.

em sala de aula me fizeram refletir¹⁴ sobre uma realidade e cotidianos não acadêmicos baseada numa singular experiência pessoal, e na pretendida intersubjetividade, mas guiada pelas múltiplas lentes que permitem criar perguntas e formular hipótese sobre os sentidos da cavalgada e o que levava os cavalos as ruas da cidade e em torno deles se criar uma festa?

Essas reflexões, teve como resultado o artigo o “A relação homem-equino na cavalgada de Aurora do Pará” e me levou a questionar: Como ocorre essa relação com dos humanos e equinos e como surge esse evento interespecífico? A partir do qual realizei o projeto desta dissertação, porém, até a qualificação, havia ampliado o foco para a cadeia produtiva das atividades agropecuárias.

Mas, a partir das questões colocadas na banca de qualificação, duas foram de exímia importância: a primeira ressaltava a necessidade de recorte para um estudo atento as relações entre humano-não humano, ao equino e a cavalgada e a segunda, provocada pela antropóloga Luciana Carvalho¹⁵, era sobre o fato de que “não é todo pesquisadora que sai andando a cavalo”, junto com o antropólogo Flávio Silveira¹⁶, motivaram a reflexão sobre como firmei as relações com o campo e os interlocutores e adentro esses espaços, questões essas que trago aqui no texto, afinal, “compreender é primeiro compreender o campo com o qual e contra o qual cada um se fez” (BOURDIEU, 2005,p. 40).

Respondendo a essa questão, apesar de não ter sido socializada nesse meio, não cresci no lombo de um cavalo, - ao contrário, mudei para a cidade grande, Belém, ainda adolescente para estudar- foi por meio das viagens para Aurora, fui redescobrimo minhas raízes, na qual paixão por cavalos é sentimento de afeto que tenho pela memória do meu pai (figura 2), que faleceu por causa de um câncer, ele era trabalhador rural e por isso a maioria dos peões e vaqueiros me reconheciam¹⁷ como filha dele e sempre me falavam “tudo que sei aprendi com seu pai, devo tudo a ele”, “tu é a filha do Evandro, ah, eu

¹⁴ Victor Turner (1974) “embora levemos as teorias para o campo conosco, elas só se tornam relevantes quando iluminam a realidade social” (TURNER, 1974, p. 19)

¹⁵ Doutora em Ciências Humanas-Antropologia (PPGSA/UFRJ, 2005).

¹⁶ Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). É professor Associado II da Universidade Federal do Pará (UFPA) e docente dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia/PPGSA e Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia/PPGLS

¹⁷ Vinciane Despret (2016, p.02) afirma que “essa forma de falar dos mortos tem algo de divertido e de sério ao mesmo tempo, conexões tão vivas que tornam os defuntos ainda presentes, de modos criativos: uma presença que traduz bem o fato de que eles continuam a mobilizar e a fazer coisas àqueles que aqui ficam”.

conheci demais teu pai, trabalhei muito com ele”, Vinciane Despret (2016, p.02) afirma que “essa forma de falar dos mortos tem algo de divertido e de sério ao mesmo tempo, conexões tão vivas que tornam os defuntos ainda presentes, de modos criativos: uma presença que traduz bem o fato de que eles continuam a mobilizar e a fazer coisas àqueles que aqui ficam”.

Figura 2 - Recordações da cavalgada dos anos 90 com meu pai.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

A partir da participação de cavalgadas, desenvolvi habilidades de montaria na prática, “andando errado”, na passada “desconfortável”, caindo, montando no pelo, até que com o tempo a sintonia e o reconhecimento dos sinais foram ficando mais claros, e fui conquistando meu espaço.

Dessa forma, foi a proximidade com o campo no qual estava inserida, mediado através do encontro¹⁸ com a *minha não- humana* Angélica (figura 3, minha égua, apresentada mais adiante) e o vínculo com o lugar e as pessoas, aliado a formação de pesquisadora me situo no contexto de trabalho rural e interações com animais não humanos. Portanto, foi por meio da a minha posição de origem e das inserções em campos teórico experimentais que a tessitura dos caminhos da interação pessoas com cavalos se formam, no sentido de entender como se constituem essas interações.

¹⁸ “constituição de laços simbólico-práticos e afetivos com eles. Portanto, trata-se de um fenômeno interespecies que abrange dimensões existenciais diversas, que importam na ontogênese” (SILVEIRA, 2016, p. 291-292)

Figura 3 - *Angélica em 2017, na pista de vaquejada.*



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Onde o campo foi o meu principal condutor, as próprias pessoas e cavalos com quem convivi me permitiriam refletir sobre o tema, é isso que os clássicos estão o tempo todo nos mostrando, como Lima (2013, p.13) nos ressalta, “Evans-Pritchard declarou que a batalha decisiva não se travava no campo, mas depois que se voltava de lá”, esse pensamento ilustra a essência desta dissertação, a batalha de se tornar possível, de achar a sua maneira de si escrever, depois de um campo desafiador.

Esse contato com os cavalos iniciou em 2014, quando comecei a participar da cavalgada em Aurora e na consequente inserção na comitiva¹⁹ “Te pego no meu laço”. Esta é responsável pela organização do evento no município, por meio da qual consolidei uma rede de relações com os diversos atores envolvidos.

¹⁹ São como os grupos se organizam para participar das cavalgadas, em comitivas, as quais é dado um nome específico, um símbolo, e um uniforme.

É interessante a trajetória, como crio interesse por cavalos e como eles se tornam parte do meu dia-a-dia, como faço a imersão em campos e todas as aventuras e desventuras que aconteceram durante os anos, e lhes garanto, não foi nada como planejei, mas que tem muita coisa que as pessoas e os cavalos me ensinaram e a gente pode refletir sobre isso. Num exercício impõe uma dinâmica de múltiplas subjetividades que tem por finalidade compreender diálogos e vivências interespecíficas.

Nesse percurso, cavalgada me direcionou para o cotidiano e o cotidiano ao treinamento, independente do contexto que foi se delimitando, a questão estava pautada em entender esses processos, em como e porque ocorrem essas interações entre humanos e cavalos. Os capítulos a seguir retratam essas especificidades, são marcadas por um percurso de descoberta dessas formas de ser e estar com o animal.

Até se entender que se conectar ao cavalo sempre envolve descobrir quem ele é, essa foi a chave de entendimento quando ouvi meu treinador falar “cada cavalo tem seu jeito”, assim como cada espaço, lugar ou modalidade.

A seguir presento o tema das interações entre humanos e não humanos. Ao longo do texto, inscrevo as referências teóricas e metodológicas a medida em que falo da imersão nas atividades que envolvem os cavalos, as coisas, plantas e humanos.

Uma antropologia multiespécie?

“procuremos a vida onde a vida está”

(SCHLEIERMACHER, *apud* MAFFESOLI, 1998, p. 180)

“O mundo animal e o mundo vegetal não são utilizados apenas porque existem, mas porque propõem um método de pensamento”.

(Claude Lévi-Strauss, *O totemismo hoje*, 1975, p.23).

Os animais estabelecem os mais variados tipos de interação com os humanos ao mesmo tempo o constituem²⁰. Mas, nos remete a estruturas hierárquicas de poder reproduzidas historicamente no que entendemos por sociedade humana e a construção de alteridades animais. A questão dos não-humanos que paira entre o mítico, o vivo e o material numa conjunção atemporal que nos remete a paradigmas conceituais sobre natureza e cultura, são marcados pela dualidade (FAUSTO-STERLING, 2001) e numa humanidade forjada em contraposição a animalidade²¹ (INGOLD, 1995).

Esse predomínio humano, sobre animais, plantas e paisagens são heranças seculares retratadas por Keith Thomas (1989) durante os séculos XVI, XVII e XVIII a sujeição e figuração dos animais a partir de uma elaboração de uma status civilizatório, teológico, de superioridade do homem perante os outros seres, no qual concerne a construção do pensamento científico ocidental baseado em uma classificação de alteridades a partir de uma máquina antropocêntrica²², monoespécie, na qual, os animais, os “primitivos”²³ e as mulheres foram colocados em estâncias da animalidade²⁴ e natureza instintiva. E nesse contexto, os animais *são os outros* dos outros, como evidencia Benedito Nunes (2011), assim, para a antropologia, o que a interessava eram antes de tudo as pessoas e o “descobrimento” de povos de cujo o modo de vida fosse peculiar ao ocidental, das culturas humanas.

Donna Haraway (2009, p. 40) afirma que a criação de “dualismos tem sido persistentes nas tradições ocidentais; eles têm sido essenciais à lógica e à prática da dominação sobre as mulheres, as pessoas de cor, a natureza, os trabalhadores, os animais

²⁰ Conf. COLLEN, Alanna. 10% humano. [recurso eletrônico].1.ed. - Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

²¹ No sentido, segundo Lestel (2011, p.23) “a animalidade designa uma classe de criaturas vivas, da qual o ser humano tenta se distinguir”.

²² Termo usado por AGAMBEN (2011) “máquina antropológica do humanismo é um dispositivo irônico que verifica a ausência para o *Homo* de uma natureza própria mantendo-o suspenso entre uma natureza celeste e uma terrena, entre o animal e o humano – e seu ser, portanto, será sempre menos e mais que ele próprio.” [AGAMBEN, 2011, p.53] que critica as formas que o dispositivo antropológico do humanismo define a humanidade em contraposição a animalidade, discussão aprofundada em Costa Filho, Maurício Sérgio Borba. *A máquina antropológica entre antropogênese e antropocentrismo : Uma leitura crítica de Giorgio Agamben a partir de uma perspectiva multiespecífica da biopolítica*. Dissertação de mestrado, UFPA, 2020.

²³ Os "primitivos", como Ingold mostra “eram vistos da mesma maneira, como seres cujo aspecto de humanidade ainda estava pouco desenvolvido: linguagem relativamente pobre, inteligência pré-racional e capacidade de autodomínio muito limitada (INGOLD, 1995, p.13)

²⁴ “Como condição oposta à da humanidade, a animalidade transmite uma noção da qualidade de vida no estado de natureza, onde se encontram seres "em estado cru", cuja conduta é impelida pela paixão bruta em vez da deliberação racional e que são totalmente livres dos constrangimentos da moral ou da regulação dos costumes” (INGOLD, 1995,p. 07)

– em suma, a dominação de todos aqueles que foram constituídos como outros”, por isso não se trata só da construção de um pensamento, mas em estruturas reais que precisam ser repensadas no sentido de garantia de vida no contexto do antropoceno²⁵(DANOWSKI, VIVEIROS DE CASTRO, 2014; TSING, 2019) , na qual já é perceptível os efeitos da presença e ações humanos no planeta terra.

De acordo com Latour (2014, p.12) esse conceito “oferece um modo poderoso, se usado de maneira sensata, de evitar o perigo da naturalização à medida que permite reconfigurar o antigo domínio do social – ou “humano” – em domínio dos Terráqueos ou dos Terranos”, a medida em que a forma de pensar e agir guiada pelo “o que der dinheiro eu faço”, na realidade, não é mais viável, como mostra Haraway (2014, p. 140) a *natureza barata acabou*, a forma de exploração do capitalismo exauriu, destruiu “espaços-tempos de refúgio para as pessoas e outros seres”, não estamos mas falando de crise ou mudança ecológica/ambiental, mas de *mutação*, pois como defende Latour “deveríamos falar mais propriamente de “mutação”: estávamos acostumados a um mundo; agora estamos passando, transmutando em um novo” (LATOURE, 2015, p. 16), estamos lidando com as consequências da “descoberta” do mundo e do que fizemos dela.

Essa forma de pensar e situar o animal, a partir da animalidade, da brutalidade, da subalternidade influenciou na prática de domas de cavalos na qual usavam o controle pela força, medo e dor, a prática criticada pelo horseman Monty Roberts que conta²⁶, apesar de ter essa forma de doma ensinada pelo pai, criou formas de natural horsemanship²⁷ usando a voz e a linguagem corporal para conquistar o animal, tendo por intenção dar a liberdade ao cavalo de escolher estar com as pessoas, sem usar instrumentos, como a sela ou embocaduras para solicitar algo. Os pontos positivos e negativos do horsemanship natural atual foram analisados por Lynda Birke,²⁸ e que segundo ela, o contato leva em conta o ponto de vista e o comportamento do cavalo e ainda é um tema muito polêmico entre treinadores.

²⁵ “conceito de *Antropoceno*, cunhado pelo químico e Prêmio Nobel Paul J. Crutzen e seu colaborador Eugene F. Stoermer para designar a época geológica atual, na qual a espécie humana teria se transformado de um simples agente biológico em uma força geofísica importante, capaz de alterar as condições biotermodinâmicas do planeta” (FLEURY, MIGUEL, TADDEI, 2019, p. 20).

²⁶ ROBERTS, Monty. *O homem que ouve cavalos*. Ed. Wolf, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.

²⁷ Horsemanship é a palavra que define a constituição do relacionamento entre pessoas e cavalos. “horsemanship”—an ability to understand what the horse is thinking and feeling and to act accordingly, with sensitivity. “(BIRKE, 2007, p. 219) .

²⁸ BIRKE, Lynda. “*Learning to Speak Horse*”: *The Culture of “Natural Horsemanship*”. *Society and Animals* 15 (2007) 217-239.

Repensar tais posicionamentos perante os animais e investigar as multirelações desempenhada pelos seres desencadeia uma quebra e descobrimento epistemológico²⁹ na ciência a partir da dimensão reflexiva e reavaliativa do humano, a partir da “chamada de *virada ontológica* nas ciências sociais. A própria vida passa a ser entendida como indissociável das formas como os seres – vivos e não vivos – estabelecem relações entre si; ou seja, as ontologias são entendidas como fundamentalmente relacionais” (TADDEI, GAMBOGGI, 2016, p.35) e assim, propuseram repensar o que entendemos por humanidade.

A propulsão dos estudos que refletem sobre o lugar do animal na sociedade humana surgem a partir das publicações da “Libertação animal” (1975), de Peter Singer e *The Case for Animal Rights* (1983), de Tom Regan’s aliados aos movimentos de proteção animal. Um exemplo de mudanças de postura em relação a interação estabelecida com cavalos, Rivas³⁰ conta a história da contribuição do cavalo Jim Key e o seu treinador na William Key para mostrar as pessoas o amor e respeito aos animais, utilizava a paciência e a gentileza para ensiná-lo, nas apresentações encantava o público do século XX.

Em 1997, Barbara Noska³¹ escreveu “Meeting the others: towards an anthropology of animals”³² refletiu sobre as histórias de crianças que por algum infortúnio sobreviveram ao adentrar grupos animais, de como adquiriram seus hábitos e linguagem para sobreviver, a autora chama atenção de como a antropologia possui insights de investigação das relações interespecíficas humano-animal.

As publicações com enfoque nessas perspectivas se estabelecem através do movimento “Animal Studies”, definido por DeMello (2012, p.04) “an interdisciplinary field that explores the spaces that animals occupy in human social and cultural worlds and the interactions humans have with them. Central to this field is an exploration of the ways in which animal lives intersect with human societies”, um conhecimento baseado na experiência do humano se relacionar com outras espécies.

²⁹ Principalmente porque “As sociedades humanas não vivem esplendidamente isoladas: elas interagem com outras sociedades. Entender a maneira como se estabelecem tais relações permitiria abalar nosso isolamento epistemológico. (KOHLENER, 2015, p.171).

³⁰ RIVAS, Mim E. *Beautiful Jim Key: The Lost History of the World's Smartest Horse*. Harper Paperbacks, 2006.

³¹ NOSKE, Barbara. *Beyond Boundaries: Humans and Animals..* Black Rose Books, 1997.

³² Tradução livre : “Conhecendo os outros: para uma antropologia dos animais”

No Brasil, destacam-se, seguindo esse tema, a publicação de vários dossiês³³, mas principalmente as “as cosmologias amazônicas” (DESCOLA, 1998; WAWZYNIAK, 2012) e o perspectivismo ameríndio (VIVEIROS DE CASTRO, 2002) que semeia uma “virada ontológica” pela necessidade de ser política, de reagregar os lugares de fala, de quem fala e como fala nas construções científicas, e a entrada na era das cosmopolíticas³⁴ animais.

Descobertas as complexidades desses mundos surge uma antropologia com enfoque multiespécie, uma antropologia da vida, que eu segui, em diálogo com o campo a partir da perspectiva de Tim Ingold³⁵ que trata de uma antropologia *com*, assim “renderia estudos que são *com* as pessoas, em vez *delas*. Onde o *estudo de* é um processo de alteridade, *estudar com* um processo de união”³⁶, onde a “noção de *vida*, nos termos do debate dos estudos multiespécie, é certamente multifacetada” (SUSSEKIND, 2018^a, p.169), pois percebe as relações outras que humanas na medida em que “(...)os antropólogos trabalham e estudam *com* pessoas. Imersos com elas em um ambiente de atividade conjunta, eles aprendem a ver coisas (ou a ouvi -las ou a tocá -las). (...) E, nisso, o mundo e seus habitantes, humanos e não –humanos, são nossos professores, mentores e interlocutores” (INGOLD, 2015, p. 340).

Assim, a abordagem ficou ainda mais complexa com prática de “etnografias multiespécies, um conceito de Kirksey e Helmreich, (2010), no qual é “uma recusa dos preceitos antropocêntricos, buscando afirmar o modo como humanos e animais agem e são afetados reciprocamente em redes de relações” (SUSSEKIND, 2018, p. 248), sensível as paisagens, pessoas, animais e coisas no compartilhamento de vidas, atentividade, processos habilidosos e na construção de conhecimentos.

³³ primeiro a tratar de relações entre humanos e animais é do *Anuário Antropológico*, publicado em 2012; no ano seguinte, 2013, a *Revista Antropológicas*, publicou o “Dossiê: Animais e Humanos”; Em 2015, temos o “Animalidades Plurais”, da R@u - Revista de Antropologia da UFSCar; No mesmo ano, Dossiê “Humanos e Não-Humanos,” no Caderno Eletrônico de Ciências Sociais; Em 2016 há a publicação de três dossiês: da Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology – Animals in anthropology, da *Revista Iluminuras* foi publicada uma edição sobre “antropologia das relações humano- animal paisagens simbólico-práticas de coexistência ” e Humanos e não humanos, da Revista de Estudos e Investigações Antropológicas – REIA; em 2017 Antropologia e animais *Horizontes Antropológicos*; por último, em 2019, a publicação de dois dossiês Animais e Antropologia, no Caderno Eletrônico de Ciências Sociais e “Socioanimalidades Plurais” , na Revista Florestan.

³⁴ Conf. COUTINHO, Juliana Fausto de Souza. *A cosmopolítica dos animais*. Tese (doutorado) orientadora: Déborah Danowski. – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2017; 2017.

³⁵ INGOLD, Tim. Desenhando juntos: fazer, observar, descrever. In: *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Ed. Vozes Petrópolis, RJ, 2015, p. 323)

³⁶ Idem (2015, p. 323).

Essa pesquisa se constrói na reflexão sobre a interação entre o humano e o animal e se encontra nessa abordagem sobre a vida multiespécie e suas complexidades, como relato a seguir.

Viver *em campos*: “Você quer *ser da roça mesmo*”

A pesquisa ocorreu a partir da observação³⁷ participante³⁸ advinda da imersão em campos compartilhados *com* humanos e não humanos, tendo em vista o compromisso ontológico com os seres³⁹, aprendida a partir do convívio, das histórias e da forma de ser e aprender com os trabalhadores rurais e animais no que condiz as práticas e motivações cotidianas, na lida com a terra e com os animais, sempre mediada pela negociação, na qual tive que compreender o tempo, os ambientes, numa jornada experienciável, como destaca Acha:

Os lugares, por sua vez, são a forma como as pessoas incorporam, na paisagem, sensações, sentimentos, conhecimento e cultura, tornando-a algo **experienciável** e parte do *habitus*. As pessoas, no fluxo cotidiano, acessam os lugares, promovendo uma relação vivida com o espaço geográfico, o qual é internalizado, significado e integrado às próprias pessoas. Assim, a paisagem é uma simbolização do meio, permitindo que este seja apreendido e reconhecido como próprio do indivíduo (ACHA, 2018, p.73).

Ao me deparar com as divisões de trabalho por gênero, onde a rotina dos homens era no pasto das mulheres em casa e em pequenas roças, tive que criar sentido para estar

³⁷ “A observação participante consiste precisamente nisso. Convida o antropólogo noviço a se manter atento ao que os outros estão fazendo ou dizendo, ao que acontece à sua volta; a acompanhar os demais aonde quer eles vão, ficar à sua disposição, não importando o que isso implique e para onde o leve..(INGOLD, 2016, p.408)

³⁸ “observar não é objetificar; é atender as pessoas e coisas, aprender com elas, e acompanhá-las em princípio e prática. Com efeito, não pode haver observação sem participação – ou seja, sem uma composição íntima, na percepção como na ação, entre observador e observado (INGOLD, 2000, p. 108).

³⁹ “É, antes, a contemplação, em ato e palavra, daquilo que deve ao mundo pelo próprio desenvolvimento e formação. É isso que se entende por compromisso ontológico”. (INGOLD, 2015, p.407).

nesses espaços explicando minha pesquisa, exercendo pequenas atividades. Assim, tinha que justificar minha presença no curral e nos ambientes masculinizados, quando ficava na casa ajudava na horta, jardim e as atividades domésticas (as quais eu não era muito boa e sempre deixava queimar uma panela, principalmente quando fazíamos doce de leite).

Em outros momentos, também era questionada sobre eu não ter medo dos cavalos ou querer ir para as cavalgadas “pegar sol quente e poeira” e estar no “meio dos peões”, questões nunca colocadas para homens. Vivenciar isso mostrou que as estruturas de divisões de gênero são construções a partir dos processos de educação pelos quais meninas e meninos passam, pelo que é permitido e pelo que é negado para as mulheres (BOURDIEU, 2003).

Mas apesar desses marcadores de gênero, fiz o que aprendi sobre trabalho de campo com Descola (2016, p. 09) “é necessário ir ao encontro das pessoas e observar seus costumes, suas formas de fazer, de dizer; é necessário compartilhar sua vida cotidiana durante vários anos, aprender aquilo que sabem, compreender aquilo que fazem.

Em suma, é preciso praticar a etnografia”, e nesse sentido, “quem e o que quer que sejamos, precisamos fazer-com – tornar-com, compor-com” (HARAWAY, 2014, p.141), e foi com isso em mente que em uma manhã, quando estava no curral, um interlocutor falou: “você quer saber tudo mesmo, você quer ser da roça mesmo”.

No dia a dia, fiz fogo, cozinhei, plantei, colhi, levava meu notebook na bolsa, às vezes não tinha energia, dormia em rede, às vezes era consumida pelo cansaço. Não me restringia aos *lugares* das mulheres para entender o que era esse cotidiano de interação entre trabalhadores rurais e animais: caí do cavalo, levei coice, torci o pé – fingi não estava sentido nada e continuei caminhando jogando as sementes de capim no pasto – cai de moto, quebrei o pé, fiquei sufocada com a fumaça da coivara⁴⁰, peguei sol, chuva, sempre tentava ajudar em alguma coisa, e eu estava lá carregando a água, abrindo e fechando porteiras. Claro, com a minha presença, o comportamento e as conversas dos homens são mais sutis e cuidadosos.

Quando enfrentava o sol quente no trabalho cotidiano sempre afirmavam “num é bom estudar”, “quem não estuda sofre”, nesse caso, fica, claro, a “criação de estereótipos

⁴⁰ Etapa de preparo da terra, na qual ateam fogo nos paus que foram derrubados, para depois gradear e realizar a plantação da roça ou pasto.

dos processos “tradicionais” e “modernos” (ou escolares) enquanto antíteses, o que fica expresso no uso dos termos “informal” ou “transmissão oral” para caracterizar as aprendizagens ditas tradicionais” (SIGAUT, 1991 apud SAUTCHUCK, 2015, p. 118-119), eu estava aprendendo *com* eles, buscando o conhecimento deles.

Para ir às cavalgadas fora da cidade, há todo um planejamento que envolve fretar um caminhão e contratar motorista, além disso, dependendo do número de pessoas, uma van, quando a verba possibilita, apenas, fretar o caminhão, os homens viajam na gaiola junto com os equinos ou pegam carona com amigos; nessas condições, ou eu ia de carona ou na cabine do caminhão. Eles perguntavam: “você quer mesmo ir? Só vai peão. Vai ser uma cavalgada pequena”, insistia e eles me aceitavam.

Procurei viver atencionalmente com os outros⁴¹, com a comitiva “Te pego no meu laço” acompanhei cavalgadas em outros municípios e localidades do nordeste paraense. Pois, quando olhamos para o campo como um lugar para coletar dados, nos distanciamos e criamos a ilusão do objeto, porque o mesmo não pode ser forjado em laboratório, como um experimento que envolve ação e reação para a admissão de uma lei geral, “em relação ao trabalho de campo, o ritmo e a duração são os métodos que importam” (DESCOLA, 2018, p.323), portanto, a imersão no cotidiano teve como intuito observar as interações diárias e perceber como humanos e equinos constituem-se a partir da relação numa agencia de mão dupla exercitada no trabalho colaborativo de relacionalidade e processos de *co-tornar-se*: “sentido de que a participação em um mundo de co-tornar-se necessariamente *implica* em nós: na medida em que todos nós ajudamos a moldar mundos, somos responsáveis por *como* eles se tornam” (DOOREN, KIRKSEY, MÜNSTER, 2016, p.07 [versão digital]).

O maior desafio de estar em campo, apreender e escrever sobre as relações estava no acesso aos conhecimentos, na oportunidade, não só de olhar, mas fazer, de estabelecer diálogos interespecíficos.

Por isso as falas dos interlocutores contidas aqui foram registradas enquanto participava/acompanhava essas atividades, antes realizei uma primeira tentativa de entrevista semi-estruturada, porém percebi que meus interlocutores se sentiam pouco confortáveis e não queriam ser entrevistados, dessa forma optei por fazer anotações e usar

⁴¹ “Não tem nada a ver com representação ou descrição. Trata-se, pelo contrário, de responder a esses acontecimentos por meio das próprias intervenções, questões e respostas –em outras palavras, viver *atencionalmente* com outros” .(INGOLD, 2016, p.408)

as explicações, sem tratar de história de vida ou trajetória, mas de conjecturar a fala que representava como eles explicam as coisas a partir das percepções deles, uso as aspas⁴² para mostrar que tal informação é resultado da fala de um interlocutor.

Assim, também me tornei uma pesquisadora, participante, cavaleira, nos quais formação me propiciou habilidades de *viver com* a partir de uma ideia que surge lendo textos de antropologia, identificando a cavalgada como um potencial de pesquisa sobre a interação entre humanos e cavalos na Amazônia iria desafiar alguns limites e foi exatamente assim que essa pesquisa ganhou forma. Para isso a pesquisa foi vivenciada no evento da cavalgada, no cotidiano de trabalho e em um centro de treinamento de cavalos atletas.

**

⁴² Influenciada pelo estilo de escrita de Pedro Stoeckli na tese “Laços brutos: vaqueiros e búfalos no baixo Araguari.” Apresentada na Universidade de Brasília, em 2015.

Capítulo 1 - **Compartilhar a vida com cavalos**

“A complexidade dos mundos-em-processo”
(DOOREN; KIRKSEY e MÜNSTER, 2016).

O cavalo tem uma trajetória milenar de evolução e relacionamento com humanos. É um “animal familiar” social, histórico, atleta, companheiro, amigo, mitológico, urbano, rural, simbólico, artista (WALKER, 2008).

Foi um potencial ator no período da colonização da África e das índias, O prestígio das cavalarias que representavam a força bélica das nações no processo de colonização, o valor do animal como arma de guerra, “a cavalaria é que representavam a maior segurança, a mais valorosa força bélica das nações” “(GOULART, 1964, p.11) e nesse sentido foi estabelecido um prestígio do cavalo entre os povos, como arma de guerra e força das nações “exigiam que a sua gente-de-a-cavalo estivesse sempre em condições de entrar em ação” (GOULART, 1964, p.15).

As principais transformações da dependência do cavalo ocorrem da modernização do mundo, perpassa essas transformações, do *cavalo-animal ao cavalo-vapor* (GOULART, 1964,p.11).

Na América latina, a introdução de cavalo ocorreu em 1532 quando Pizarro utilizou na sua incursão no Peru. No Brasil se deu com a chegada das capitânicas hereditárias a partir de 1534, com Martín Afonso de Souza. Desde 1580 já existia um comércio expressivo de cavalos na Bahia, Pernambuco e São Paulo, essa expansão está intimamente relacionada a criação do gado nas enormes extensões de terra. (GOULART, 1964, COSTA, 2008; ANUALPEC, 2017). Sendo que “esses animais penetraram depois o interior [...] e se alastraram por todo o Nordeste. Os de Pernambuco formaram a população cavalara que povoou o litoral dali para o extremo-norte” (GOULART, 1964).

Os últimos levantamentos mostram que o Brasil possui maior rebanho de equinos da América Latina, com 5,8 milhões de cabeças⁴³ (ANUALPEC, 2016). Onde o cavalo

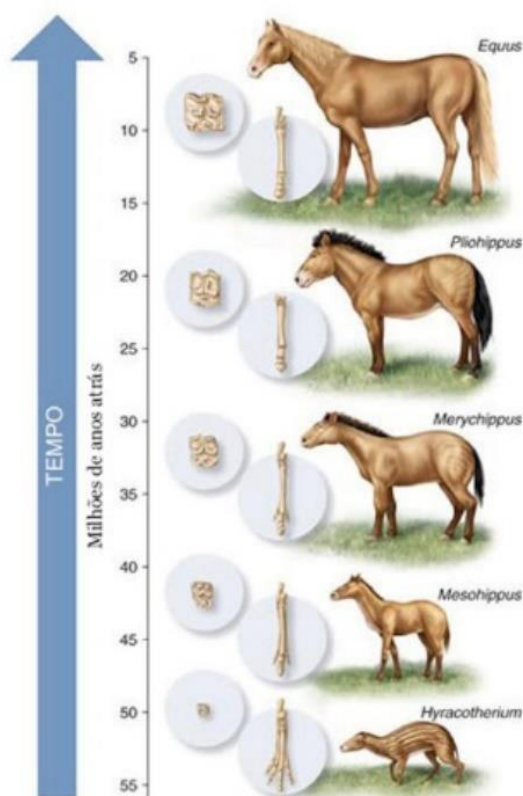
⁴³ Outra questão que não entro em detalhes é do mercado comercial geral esses dados sobre a movimentação importância do agronegócio do cavalo no Brasil é encontrado no “Revisão do estudo sobre o complexo agronegócio do cavalo”⁴³, publicado em 2016, que descreve toda a cadeia produtiva e a importância para o país.

aparece na realidade da pecuária vivendo em áreas de pastagem, a relação com os humanos se dão por meio da lida no campo, lazer e práticas de esportes (corrida, prova três tambores), que no cotidiano rural e tecem múltiplas relações, estão inseridos no contexto da produção agropecuária, nesta pesquisa.

*

Existem mais de 400 raças⁴⁴ em todo o mundo, vieram de um ancestral comum o *Hyracotherium*, que media 45 cm, ao longo de milhares de anos passou por um processo evolucionário desenvolvendo o tamanho, dentes e cascos⁴⁵, como mostra a figura 04:

Figura 4 - Evolução equina.



Fonte: <https://cavalopedia.wordpress.com/2014/01/13/um-pouco-de-historia-a-evolucao-dos-cavalos/>

⁴⁴ Cf. KELLEY, Brent P. **Horse Breeds of the World**. Chelsea House Publishers, 2002.

⁴⁵ Como explica Rink (2008, p. 28)“ Uma das principais características evolutivas do equídeo foi a mudança do pé tridáctilo – com três dedos – em monodáctilo, com os três dedos transformados num único casco. Outra foi a suspensão dos jarretes do chão para dar maior alavancagem às passadas.”

Uma das hipóteses de domesticação da espécie equina ocorreu Ásia Central e depois se espalharam para Europa e África, ao longo milhares de anos, originou o cavalo (do latim *Equus caballus*. *O equus caballus* o tem como ancestral o e *equus ferus* o cavalo selvagem (CLUTTON-BROCK, 2008).

O cavalo é um mamífero de grande porte que, em estado natural, vive em rebanho, é um herbívoro, o cavalo também é presa, então a primeira reação a qualquer ameaça ou susto é correr. É composto por aproximadamente 210 ossos, e tem como função suportar os músculos e os órgãos internos, e dar também mobilidade suficiente, graças às articulações, para que o animal se deite, paste e se desloque em diversas velocidades.

A domesticação do cavalo, de acordo com Walker (2008, p. 39) “ocorreu em vários lugares em diferentes tempos”, Rink (2008, p. 28) mostra que em “58 milhões de anos de sua evolução, todas as “modificações do cavalo têm a ver com o aumento do desempenho do seu sistema locomotor”. Como um cavalo se movimenta? O cavalo tem três andaduras⁴⁶ naturais: passo⁴⁷, trote⁴⁸ e galope⁴⁹ (figura 5). Cada uma tem um ritmo: amplitude e frequência.

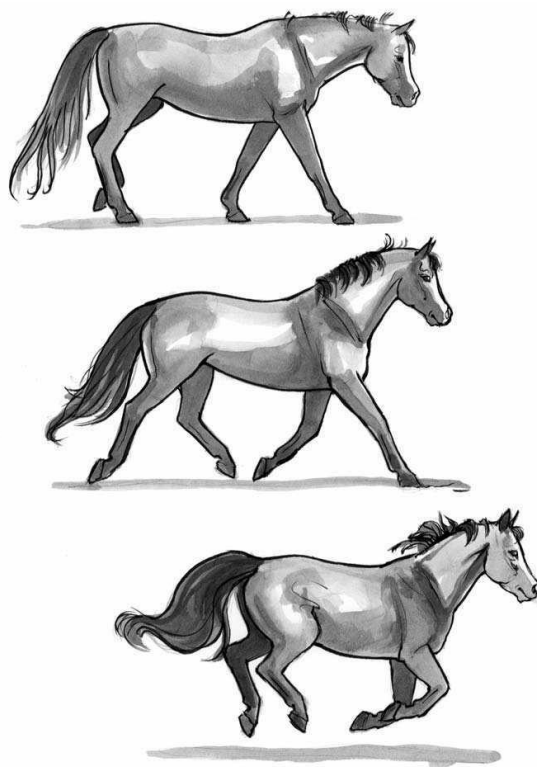
⁴⁶ “O andamento é definido como o conjunto de características próprias dos movimentos, constituintes de uma forma de locomoção, cujo objetivo é deslocar o centro de gravidade para frente, para o lado ou para trás. Durante um determinado tipo de andamento, os membros apresentam os movimentos de elevação, avanço (fase de elevação), apoio e propulsão (fase de apoio)” (HUSSNI; WISSDORF; NICOLETTI, 1996 *apud* SCHADE; SOUZA; CURTI, ET ALL, 2020)

⁴⁷ “o passo do cavalo produz uma série de movimentos seqüenciados e simultâneos transmitidos ao praticante montado. Esse conjunto de movimentos é denominado movimento tridimensional, que se traduz no movimento em eixo vertical, para cima e para baixo; no plano frontal, em movimento para a direita e para a esquerda; e no plano sagital do cavalo, em movimento para frente e para trás. Esse movimento é completado com pequena torção da pelve do cavaleiro, que é provocada pelas inflexões laterais do dorso do animal” (MEDEIROS; DIAS, 2002 *apud* idem).

⁴⁸ “O trote consiste em um andamento simétrico de dois tempos, no qual dois pares (bípodes) de membros diagonais (MTD/MPE, MTE/MPD) movem-se simultaneamente, com uma fase de suspensão entre cada apoio bípode diagonal (ROSS, 2011). É o andamento mais regular executado pelo equino, e também o mais equilibrado e simétrico.” (SCHADE; SOUZA; CURTI, ET ALL, 2020).

⁴⁹ O galope, por sua vez, é um andamento assimétrico de três (meio galope ou canter) ou quatro tempos, de acordo com a velocidade com que é executado, que consiste no andamento natural mais rápido (BAXTER; STASHAK, 2011; ROSS, 2011). Ambos, podem ter a seqüência de movimentos liderados pelo MTD ou pelo MTE. No *canter* liderado pelo MTD, por exemplo, a seqüência de apoios consiste em: MPE, bípode diagonal (MPD e MTE) e MTD, seguido por um momento de suspensão, onde o equino reúne os membros sob o corpo para se organizar para o próximo ciclo. (SCHADE; SOUZA; CURTI, ET ALL, 2020)

Figura 5 - Tipos de andadura natural do cavalo.



Fonte: extraído de Audrey Pavia, Shannon Sand - Horseback Riding for Dummies-Wiley (2007).

A posição do cavaleiro na sela em conjunto com as rédeas realizam as transições. O Cavalo parado deve estar a vontade e relaxado, de preferência com a rédea solta, para iniciar os movimentos “basta impulsionar para frente o corpo e pode bater as pernas”. O corpo inteiro do cavaleiro está conectado ao cavalo, até o direcionamento do olhar, nos recebemos os estímulos do corpo do cavalo e ele recebe do nosso, o cavalo ler o nosso corpo, “pra onde você olha é para onde seu cavalo vai você tem que olhar e conduzir “, olhar pra frente. Ao iniciar o treinamento, deve-se manter o equilíbrio, o alinhamento e a constância, “não pode deixar ele parar, se não ele se acostuma”.

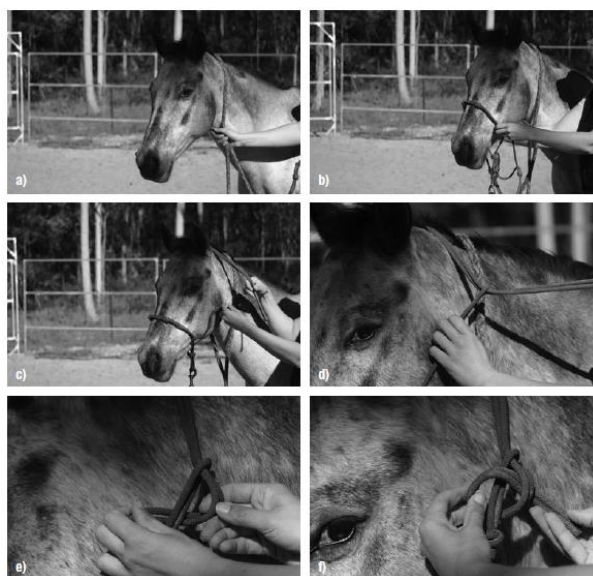
O animal deve ser guiado com suavidade ao segurar as rédeas, as mão devem ficar firmes e iguais “tenta guiar eles com menos pressão possível leves toque na rédea leves toque na perna saber usar a espora na hora certa”, o treinador sempre alertava: “Coloca pra frente”, “ não entorta a cabeça desse cavalo”, “fica quieta na sela” , “para de mexer esses braços e essas pernas ”, falas que mostram o quanto de consciência corporal deve ter dos nossos movimentos e do cavalo para serem realizados alinhados, afinal “ter um corpo é aprender a ser afetado” (DESPRET, 2011, p.56).

Diferente de uma visão mecânica, na qual, “cada movimento do cavalo é a consequência de uma posição específica que, por sua vez, é produzida por uma ‘força transmitida’ pelo cavaleiro” (RINK, 2008,p.171). Na equitação, como descreve Pisa:

fala-se na confiança mútua que o equino e o ser humano devem possuir para um bom desempenho em provas, sendo que o animal tem esta percepção de confiança em sua leitura do ser humano, se está relaxado (confiante) ou tenso (nervoso), por isso uma boa relação deve ser estabelecida, e isto também foi considerado como parceria na relação cavalo-humano, o que está mais próximo a uma amizade (WIPPER, 2000)” (PISA, 2022 p. 27)

A interação com os equinos é mediada pelo gesto, pela voz e pelos artefatos de montaria: o cabresto, a cabeçada, as rédeas, a manta, a sela com peitoral e a cia, o estribo. Para se aproximar do animal “_Você tem que chegar no cavalo sem levantar a mão, nem nada, se aproximando pelo lado, sem nenhum movimento que o espante”, o primeiro artefato colocado é o cabresto (figura 6) , feito de uma corda fina, quando o cavalo é “muito arredio” a corda é colocada no lombo e aos poucos, através da aproximação e da conversa é colocado na cabeça do animal, em seguida é amarrado em uma árvore ou cerca (depende do ambiente), para ser selado e colocar a cabeçada.

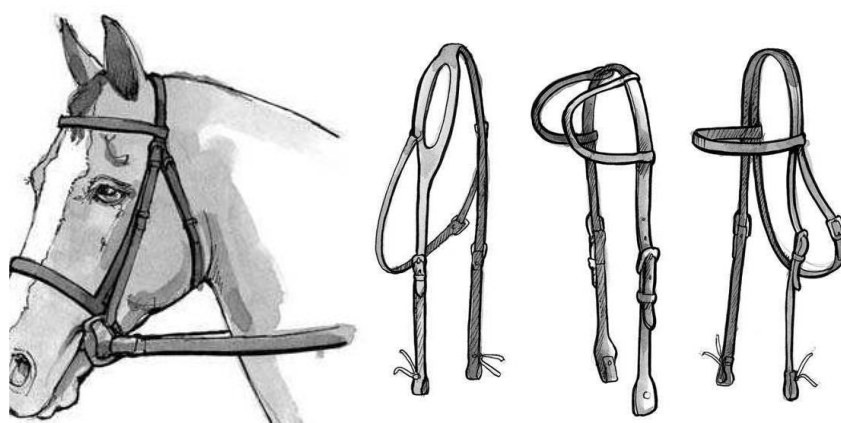
Figura 6 - Como colocar o cabresto.



Fonte extraído de MAYERS, Jane. Horse Safe: A Complete Guide to Equine Safety, 2005.

A cabeçada (figura 7) feita de tidas de couro ou naylon e metálicas como o breque (freio) e a bride, acopla as rédeas, que são as ferramentas que permitem os comandos de direcionamento e velocidade, se a rédea ficar solta é um sinal para o animal galopar ou correr, quando puxada é um sinal de freio. Para cavalgar, o controle da rédea e a sintonia com o equino na constante ativação da coordenação e comunicação com o animal são fundamentais, pois “A boca é a parte mais sensível do animal, tem q ter a mão leve, aprender sentir a boca do cavalo na sua mão, saber aliviar na hora certa, pegar mais firme na hora certa, saber agrada na hora certa”.

Figura 7- cabeçada.



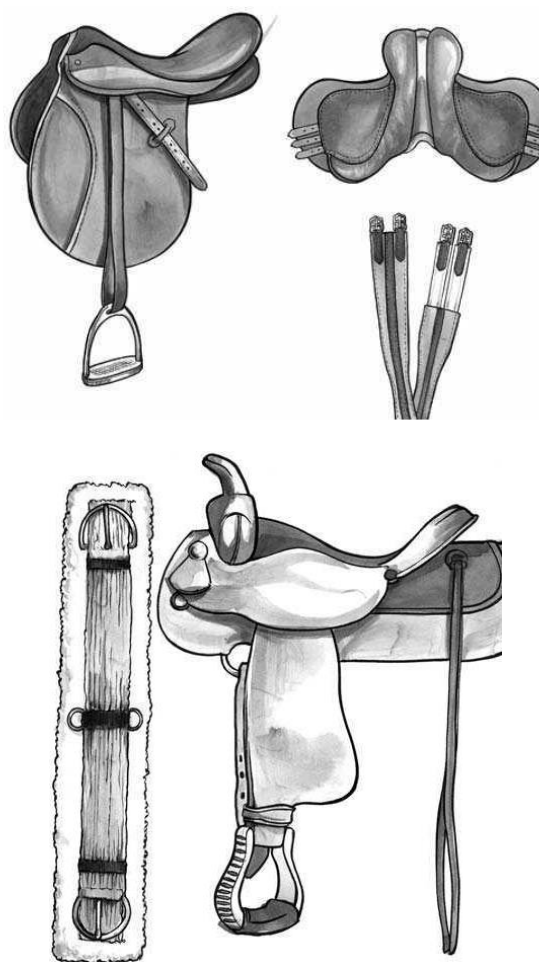
Fonte: extraído de Audrey Pavia, Shannon Sand - Horseback Riding for Dummies-Wiley (2007).

A sela (figura 8), permite maior conforto na montaria, nela é acoplado os estribos, a cia e o peitoral - dependendo do grau de interação/ habilidade e temperamento do equino são realizadas montarias sem sela para trabalhos rápidos que não precisam percorrer longas distâncias. Para acoplá-la é colocado primeiro a manta e por cima é lançada a sela que deve ficar “firme” no animal, da cia/barrigueira e do peitoral, costuradas em tiras de couro, tem nas extremidades fivelas que perpassam *o loro* – estrutura de metal preso na sela –, o estribo é o apoio para os pés e auxilia para montar na sela, eu aprendi a montar apoiando o pé esquerdo no estribo, segurando na crina e num impulso montar, diferentes dos homens que montam em todas diferentes situações, caracterizado pela destreza na *harmonização dos movimentos*⁵⁰, dessa forma valores

⁵⁰ “Como escreveu Nicholai Bernstein, ‘a essência da destreza reside não nos movimentos corporais propriamente ditos, mas na *harmonização dos movimentos com uma tarefa emergente*’, cujas condições de entorno nunca são exatamente as mesmas de um momento para o outro (Bernstein, 1996, p. 23, ênfase original)”. (apud INGOLD, 2010: 18)

como coragem, confiança, também são acionados além das técnicas corporais, como, força nas pernas, equilíbrio, agilidade e postura.

Figura 8 - Ilustração de uma sela usada no cotidiano, considerada sela de vaquejada e sela para 3 tambores



Fonte: extraído de Audrey Pavia, Shannon Sand - Horseback Riding for Dummies-Wiley (2007).

**

Esses são os principais artefatos utilizados para montaria, porém quando se trata de interação o mais importante é entender os cavalos: o temperamento e as emoções, como vemos a seguir.

“Você tem que entender os cavalos, os pensamentos dele”

Os paradigmas de definição que a própria ciência nos coloca se tornam grandes armadilhas, quando se trata das relações entre animais humanos e não humanos e o risco de cair no antropocentrismo e do antropomorfismo, é um questionamento presente quando fazemos esse tipo de campo, Ingold (1994, p. 09) no texto “o que é um animal?” já havia me alertado a heresia que é, para áreas da ciência, considerar animais não humanos “como sujeitos autoconscientes com pensamentos e sentimentos próprios”.

Cada cavalo é único, tem seu jeito, temperamento personalidade, história de vida, habilidades com os quais precisamos estabelecer/construir a conexão, uma “conversa com eles”, ao contrário, do uso da força, – ao contrário do que muitas pessoas pensam e fazem e colocam em pesquisas a força como forma de interação – acontece o contrário, “você nunca deve medir forças com um cavalo”, “ele aprende por repetição” tem que ensinar, solicitar, mostrar para ele como faz, pedir com respeito e educação, ou pode-se “criar um trauma grande”, mas não pode deixar errar e quando o movimento é realizado de maneira errada deve ser corrigido na hora.

Encontrei apenas uma dissertação⁵¹ que procurou bases científicas para investigar as emoções e sentimentos de cavalos, mas com base em duas obras literárias a “Beleza Negra”, de Anna Sewell e o ‘Cavalo de Guerra`, de Michael Morpurgo. Mas nenhuma que prove ao contrário, que os cavalos não sentem. Ao contrário, dois livros que devem ser estudados com atenção, que aqui entram como sugestão são de Michel-Antoine Leblanc (2012) - *The mind of the horse: an introduction to equine cognition*, onde o autor mostra resultados de quarenta anos de pesquisa sobre a cognição equina e de Janet Jones (2020) *Horse Brain, Human Brain: The Neuroscience of Horsemanship*, por meio da neurociência é mostrado como o os cavalos e humanos pensam, agem e trabalham juntos.

Os cavalos nos sentem e nos entendem, prova disso, basta ficar nervoso montado e perceber a reação imediata do animal. Há cavalos tão plenos que as crianças podem montar que eles não fazem nada, conseguem perceber a diferença. Mas o mesmo animal pode ficar extremamente estressado e arredio, com música muito alta, mudança de

⁵¹ PISA, João Paulo Novelletto. **A Relação Humano-Cavalo: Análise Científica e Literária das Emoções dos Equinos em dois Clássicos da Literatura.** Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

ambiente, quando um trauma é acionado, ou o uso errado das rédeas e esporas é realizado. “Você tem que conquistar o respeito do animal, mas não pode medir forças com eles”.

Julia Leonforte (2019) estudou como a relação com o cavalo facilita o resgate do contato com a natureza e com o interior de si, de acordo com ela “como possibilidade de aproximação afetiva e ancestral, já que os cavalos facilmente acessam assuntos do nosso consciente e principalmente do nosso inconsciente, razão pela qual eram considerados sagrados na maioria dos grandes povos, como por exemplo os Celtas, os Gregos e os Índios Americanos” (2019, p.09).

Num dia de treino, eu tinha terminado de galopar a égua Analu, desci dela e ficamos observando o meu treinador na doma de uma potra, disse a ele “é incrível que dentre todas as atividades que eu faço, montar é a única que silencia minha mente e eu não vejo o tempo passar”, ele respondeu “você num vê as meninas que vem aqui treinar, umas tem depressão”, isso mostra como essa conexão muito além da só física.

Os cavalos têm percepção da nossa linguagem verbal e não verbal e utilizam gestos, olhares, sons e comportamentos como resposta. Os cavalos são visivelmente sinceros. Eles reconhecem o cheiro, memorizam a voz, os gestos e até os hábitos das pessoas com quem criam essa ligação. Ele consegue ler a gente, como estamos nos sentindo, a gente precisa solicitar alguma coisa para eles com muito respeito, atenção e cuidado, pois “o cavalo não se acostuma, ele aprende”.

A comunicação com o cavalo ocorre de várias maneiras, não é pelo fato de não falar que a interação não ocorre, um interlocutor certo dia espontaneamente disse: “os cavalos não falam, mas a gente monta neles”, justamente porque a comunicação se processa em outras instâncias.

Monty Roberts conta, como aprendeu a ouvir, observando suas ações e reações dos cavalos e a se comunicar com eles: “Desenvolvi uma espécie de ouvido interior. Acreditava que os cavalos queriam me transmitir alguma coisa” (2012, p.09). É dessa forma que procuramos entender o que expressam através de certas vocalizações e atitudes, pois “When the signs appear meaningful to us, when they relate to us, we perceive them and thus, are able to study them”⁵² (BOLL, 2010, p. 2007).

⁵² Tradução livre “Quando os signos nos parecem significativos, quando se relacionam conosco, nós os percebemos e, assim, somos capazes de estudá-los”.

Quando estamos montados a nossa ação não é dependente apenas de uma comunicação entre o cérebro-corpo humanos, mas de uma comunicação muito sensível entre o humano e o cavalo, da formação de um conjunto entre dois seres de personalidade e subjetividades próprias e que depende de toda uma trajetória de vida na constituição de si.

Assim, “se o praticante aciona o *contato* no grau certo, o cavalo *sente e entende* o comando. Via de regra, estes movimentos devem ser suficientemente claros para serem sentidos pelo animal” (PAVÃO, 2015, p.222) para que não ocorram acidentes, o humano no lombo do cavalo adquire habilidades impulsionadas da ligação com a força e temperamento do animal, pois, fazendo uma analogia ao que Mauss definiu como contrato e troca: “trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam...” (Mauss, 2003, p. 38) Misturam-se vidas humanas com a dos animais, onde relações multiespecíficas são estabelecidas.

Assim, o homem com o cavalo trabalhando juntos, treinando, para adquirirem destreza, onde a potência do cavaleiro deve ser desenvolvida ao máximo, a regra é clara o “Cavalo mais velho e experiente para os [cavaleiros] mais novos, pois se tornam professores, cavalos novos para cavaleiros experientes porque ainda estão aprendendo”.

Os cavalos possuem audição sensível, ao falar usamos um tom de voz agradável para não os assustar, a conversa tem que ser num tom de voz agradável e suave, a posição de orelhas indica atenção, curiosidade, murcha para trás: medo, raiva, pode indicar mordida ou coice. A visão, lateral, mono ocular, o olho esquerdo não enxerga pontos cegos, a gente precisa estar dentro do campo de visão; tem um olfato apurado e paladar, qualquer coisa de diferente ele percebe. Uma pele muito sensível. Mas principalmente uma rica vida emocional e experimental.

Ter um equino é um processo de identificação e confiança recíproca, onde as subjetividades do humano e do animal se reconhecem numa aliança, no companheirismo, no cuidado, na parceria, na conexão, as relações interespecíficas também são uma “**relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles.**” (SIMMEL, 2006, p.60).

Afinal, sobre essa agencia animal, um interlocutor deixou bem claro: “_é claro que os animais pensam, eles têm cérebro, não tem a cabeça oca, a gente que tem que ser esperto e adivinhar o que ele vai fazer”.

“A cavalgada é andar com os cavalos na rua”

Caminhos imersivos de conhecer e estar com os outros envolvem uma cuidadosa atenção ao que importa para eles – atenção para como eles criam vidas e mundos partilhados.

(DOOREN; KIRKSEY e MÜNSTER, 2016).

O primeiro contato com cavalos ocorreu em 2014, como situei anteriormente, quando participei pela primeira vez da cavalgada em Aurora, a partir do meu encontro *com* a Angélica, uma égua branca de crinas esvoaçantes, batizada com esse nome por causa do sinal na pelagem branca, ‘mansa, mas veloz’. A primeira vez que a vi estava desembarcando do caminhão boiadeiro, havia vindo de Pernambuco, me aproximei e perguntei ao dono, se podia montar nela, depois de anos sem montar, o meu irmão me acompanhava, me ajudou, ela correu, ela velozmente galopou comigo, ao invés de sentir medo, eu senti algo parecido com liberdade, talvez ela também estava sentindo isso, e me segurei nela, eu confiei nela, eu me agarrei nas crinas dela quando ela se aproximou da cerca de arame, e freou, naquele exato momento soube que ela era minha, foi por meio do meu encontro *com* a Angélica que criei interesse pelos eventos de cavalgada.

Assim, ela foi o motivo para viagens constantes para Aurora e foi por meio dela que pude conviver com integrantes da comitiva “Te pego no meu laço” e participar de vários eventos de cavalgada no nordeste paraense, que possibilitou a inserção nesses espaços e o compartilhamento das experiências com pessoas e equinos. Além disso, o fato de eu possuir os artefatos necessários para participar das cavalgadas, como a sela, a Angélica e um pouco de habilidade de montaria contribuíram para o estreitamento dessas relações, mas não as tornaram fáceis.

A partir desse momento, me insiro no contexto da cavalgada através da criação de laços⁵³ com trabalhadores rurais, peões e vaqueiros, que apresentam características particulares associadas as atividades exercidas com equino em atividades agropecuárias.

Eu que não gosto de festas e estar em lugares muitos lotados, senti na pele como os cavalos são agentes mediadores de sociabilidade, por isso faz com que essa festa tenha um significado único e a diferencia das demais comemorações pela experiência performativa criada e possibilitada por estar montado.

*

O evento

A cavalgada é um evento no qual cavaleiros (as) e várias formas de mobilização, realizam um desfile, de forma organizada, pelas estradas e ruas numa procissão, ao final comemoram em uma grande festa na cidade, segundo os participantes “é uma festa de peão”, “a cavalgada é andar com os cavalos na rua”. Rink (2008) define bem esta forma de estar com:

“A cavalgada não é um esporte – é um exercício – não tem vencedor ou perdedor. É praticado com um objetivo único – o prazer da cavalgada; o prazer de estar em comunhão com a natureza; o prazer de olhar a paisagem; o prazer de estar em companhia do seu cavalo e dos seus companheiros de cavalgada”. (RINK, 2008, p.287)

As práticas cotidianas de lida estão situadas no setor rural e as atividades ligadas a cavalgada ocorrem principalmente em dois espaços: a barra e o seringal, estão localizados numa fazenda na entrada do município de Aurora do Pará. nas margens da BR 316, na entrada do município de Aurora do Pará, ilustrados na figura 9.

A distância entre os dois lugares é de aproximadamente uns quinhentos metros em linha reta. O dono é o seu Manoel Duarte, ex-prefeito da cidade, uma figura carismática que sede o lugar sem nenhum custo, um dos vaqueiros mais antigos dele é um dos

⁵³ A “importância dos laços do mundo vivo: tudo está ligado, e tudo não é nada além de laço possível, às vezes até mesmo quando não se espera encontrar um laço”. (DESPRET, 2016, p.17)

organizadores do evento que inclusive reside na barra com a esposa e filho, que faz da barra um ponto de encontro dos integrantes da comitiva e onde acontece “o esquentar da cavalgada”, uma festa no primeiro semestre do ano.

Figura 9 - Ilustração da Barra e do Seringal.



Fonte: produção ilustrativa da autora, 2018.

A barra é o ponto de encontro durante todo o ano, é o local de reunir a comitiva para sair para as cavalgadas em outros lugares. Enquanto o seringal é frequentado principalmente em outubro e novembro para a organização do evento.

São nesses espaços de trabalho e de passatempo, embaixo das mangueiras, ao redor de uma mesa grande de madeira, é onde nasce a sociabilidade entre os diversos trabalhadores rurais, a partir da união, para conversar, trabalhar, cuidar dos animais e festejar, foi onde surgiu a comitiva “te pego no meu laço” e começaram a participar das cavalgadas nas regiões próximas e assim geraram o interesse de fazer a festa também no município de Aurora. Ressalto que as cavalgadas ocorrem em Aurora desde os anos 90, quando participava com meu pai, nos desfiles de sete de setembro e outras festividades os cavaleiros se reuniam, organizada e de grande proporção consecutiva é de destaque da comitiva “te pego no meu laço” e seus idealizadores, chamou atenção do comércio local, dos políticos e da população em geral.

O primeiro evento oficial dessa comitiva ocorreu em 2013, segundo os organizadores, “_foi simples e animado, todo mundo cooperou, com o que começou como uma brincadeira “a gente ia para as cavalgadas e queria fazer a nossa também, as pessoas pediam, e nós mostramos que podemos fazer também” como mostra as falas dos organizadores surge a partir da participação em outras regiões, de uma demanda coletiva⁵⁴, o primeiro palco foi improvisado de madeira, no decorrer dos eventos, foi substituído por estruturas alugadas de ferro com telões.

No ano seguinte, 2014, mudaram o evento para o Seringal “_porque o espaço é maior, tem sombra e é ventilado” (ilustrado na figura 2). O nome seringal é por causa das seringueiras - *Hevea brasiliensis* –, é debaixo dessas *árvores* onde ocorre o evento. As pessoas relatam que é bom estar ali porque é ventilado e por causa da sombra. O lugar parece ser envolto por uma mística do bem estar, quando as folhas estão amarelas há comentários preocupados sobre a saúde das seringueiras.

Representa um lugar que pode acolher os equinos e as pessoas, num sentido de que, como apontam Silveira e Lima⁵⁵, “os lugares, sendo transfigurados em espaços sociais, coadunam-se com o tempo que costura e re-costura as imagens mentais de acordo com as categorias nativas” (SILVEIRA; LIMA, 2005, p. 40), por isso é um lugar muito significativo.

No espaço das seringueiras, foi feito um cercado para separar do pasto e do gado, construíram também um curral e arquibancada para a ferra e uma arena de areia para a prova dos três tambores, tudo realizado por mutirões e patrocínios de pessoas que apoiam o evento.

No último final de semana de agosto é realizado o “esquenta da cavalgada na barra”, não tem cavalgada nas ruas, é uma festa com bandas locais e com a prova de tambor ou variações de provas, como de laçar o bezerro de madeira (figura 10) que foi feito, segundo os organizadores, “_pra uma brincadeira mesmo, o pessoal tenta laçar, eles passam correndo perto e tem que laçar”.

⁵⁴ “sobre a efervescência das grandes aglomerações e a euforia no curso dos rituais coletivos, nos quais as pessoas reunidas se envolvem em tipos especiais de interação”. (TAMBIAH, 1997, p.212)

⁵⁵ SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. LIMA FILHO, Manuel Ferreira *Por uma antropologia do objeto documental: entre a “a alma nas coisas” e a coisificação do objeto*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 37-50, jan/jun 2005.

Figura 10 - A "brincadeira" de laçar o "bezerro".



Fonte: Ellen Caroline, 2019.

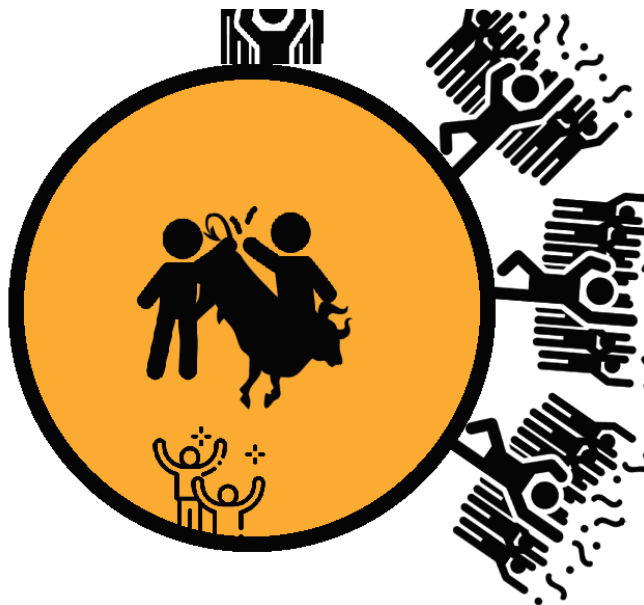
O que anima os participantes e os motivam nessas festas são as provas de ferra e a prova de tambor. A ferra (figura 11) é um duelo realizado num pequeno curral no qual colocam uma generosa camada de areia, e constitui-se em dois peões duelando com um garrote⁵⁶ no curral e por meio do combate corporal, um homem segura a cabeça e o outro o rabo, enquanto o animal dá saltos, coices e tenta escapar a todo custo. Derrubam o animal na areia, um peão deve segurar a cabeça e o outro o rabo, quanto mais “brabo” e mais são os tropeços dos peões, a multidão vibra na expectativa e na torcida se vão conseguir “dominar o animal” derrubando-o na areia e deixando-o imóvel, com as patas e cabeças no chão, atingindo os pontos fracos “ _agarrou no rabo, na venta e no vazil acabou a força do animal “no jeito de ferrar”, “é obrigatório passar o rabo entre as pernas e levantar a mão, até o juiz comprovar e levantar a mão”, a dupla que realizar isso em menos tempo é a vencedora.

A prova dura no mínimo cinco e no máximo quinze segundos. O espetáculo é acompanhado por uma multidão que fica na arquibancada e no entorno do curral. Alguns peões saem bastante machucados. Eu percebi a dificuldade de segurar um bezerro recém-nascido, quando no dia-a-dia tentei segurar um no curral, o pelo liso faz a orelha deslizar

⁵⁶ Macho dos bovinos com idade entre um e três anos.

nas mãos, são tão ágeis que num piscar de olhos correm de um lado para o outro, dão coices e pisoteiam. Essa experiência, me deixou ainda mais impressionada com as habilidades que envolviam o trabalho dos vaqueiros e peões e a prática da ferra.

Figura 11 - Ilustração da "ferra",



Fonte: Ilustração da autora, 2018.

Nesses eventos, a prova dos três tambores (figura 12) é uma competição amadora, diferente em vários aspectos das provas oficiais, e eles realizam um trajeto muito diferente da prova oficial, que consiste em sair de um determinado ponto marcado, passar por três tambores que ficam dispostos em formato de V e finalizar em um ponto delimitado, ganha quem fizer o percurso em menor tempo.

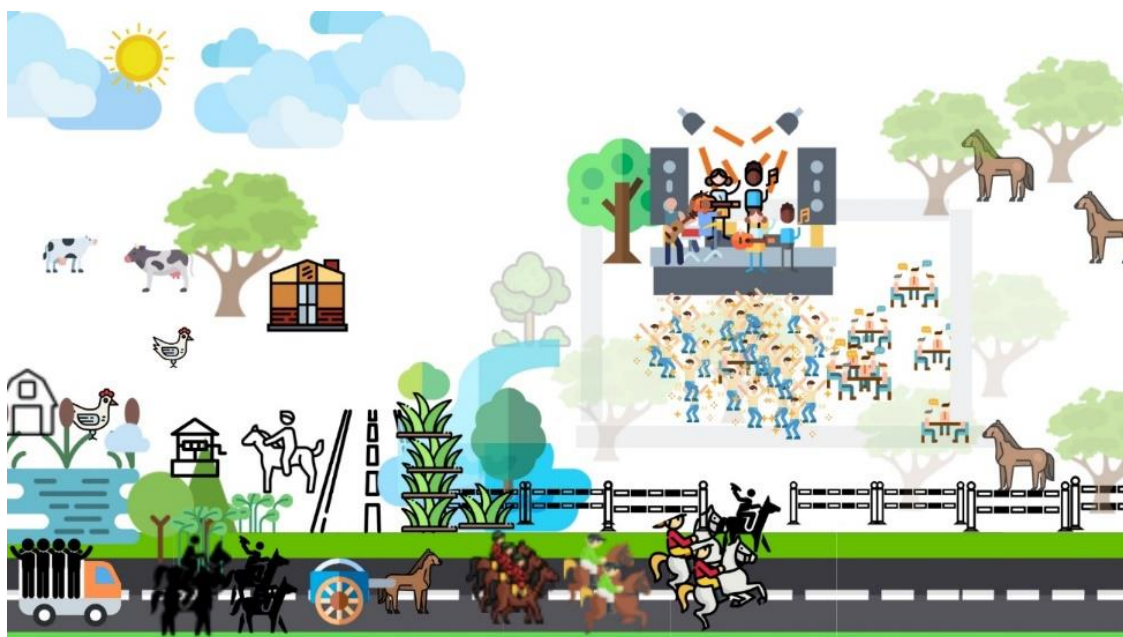
Nem todos os cavalos são para “passar no tambor”, segundo os interlocutores “ele tem que ser bom de rédea, manso e veloz”, daí é feito um teste para ver como e em quanto tempo ele faz o percurso.

O treino começa até três meses antes do evento, quando limpam o terreno e levam os tambores de ferro para o local. Esses eventos costumam acontecer no final da tarde e acabam antes do anoitecer porque ainda não foi colocada a iluminação.

Na hora da prova o homem e o equino tornam –se um só, usando toda agilidade e habilidade em conjunto para fazer a curva mais próximo possível do tambor, o tempo de prova fica em média de 17 a 22 segundos. Os cavalos e cavaleiros que vão ganhando as competições vão construindo prestígio e nome. Um iniciante da competição

pessoas que tem contato direto com esse cotidiano, o evento atinge muitos outros grupos sociais.

Figura 13 – *Ilustração da cavalgada em Aurora do Pará*



Fonte: ilustração da autora, 2019.

A eficácia da cavalgada é dividida em partes consecutivas: a primeira é a própria realização que envolve as festas, comemorações que desembocam na procissão e a segunda é participação das cavalgadas em outras cidades da região, principalmente porque, está fundamentada na reciprocidade e sociabilidade que gera o intercâmbio entre os lugares, que movimenta um motor-contínuo em um circuito que dura o ano todo.

Por isso, os eventos de cavalgada no nordeste paraense são motivados pela reciprocidade, baseadas no sistema de maussiano de obrigações de “dar, receber e retribuir” os eventos.

Para a participação os grupos⁵⁷ se organizam em comitivas que são formadas por meio de associações⁵⁸ de pessoas “que tem gosto pela cultura rural” e formam grupos

⁵⁷ De acordo com SIMMEL (2006, p.59) “a própria sociedade, em geral, significa a interação entre indivíduos. Essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou busca de certas finalidades”.

⁵⁸ “A maneira pela a qual os grupos se formam e se separam, e o modo pelo qual a conversa, surgida por impulso ou oportunidade, se desenvolve, aprofunda –se, ameniza –se e termina, numa “reunião social”

para participarem das cavalgadas, são as comitivas que criam as conexões nos eventos que ocorrem, como eles explicam “fazem um nome”, pois cria uma notoriedade, reputação e uma dívida de retorno, mas “o que importa, antes de mais nada, é experimentar, juntos, emoções comuns[...] Assim fazendo incorporamos o mundo, e nos incorporamos ao mundo” (MAFFESOLI, 1998, p.189).

Os nomes das comitivas são carregados de simbologias referentes à relação com o animal, com o laço, a doma, a brutalidade ressignificados para as relações humanas/sociais. O “major”, é o “peão considerado” pela maioria, é uma forma de líder, que costuma organizar as comitivas, assim como pagar fretes de caminhão e cuidar dos animais.

Quanto maior for a participação da comitiva nas cavalgadas em outros municípios, maior é o número de comitivas que ela espera na festa que organiza, isso envolve uma rede de relações constituídas, onde apesar de terem as datas certas, nos encontros e conversas⁵⁹ os convites são sempre reafirmados e é realizada a cobrança “e a cavalgada desse ano?”, há também colaborações financeiras, por parte dos organizadores do evento, com o transporte dos equinos, como uma forma de incentivo.

Essa reciprocidade é mantida, principalmente, por essa retribuição⁶⁰ do evento, que é todo organizado para receber as comitivas, com a promoção do café da manhã antes da procissão, da festa para os cavaleiros (as) que ganham a entrada como cortesia, do almoço⁶¹, das competições e premiações.

Os organizadores relatam que não ganham nada com o evento, o dinheiro de patrocínios e da venda das bebidas é para as despesas com a festa e com as bandas, fazem a festa por “gosto”, “vontade”; até o meio do ano eles afirmam que é tudo incerto, mas na hora “a coisas vão se ajeitando” e dá certo.

A programação das cavalgadas ocorre durante três dias, os organizadores, ou melhor, mediadores do evento, são conhecidos como Kareca, Chico Preto e Nilson Pernambucano, no primeiro dia é realizada uma festa de abertura, de noite, no segundo,

fornece uma miniatura do ideal de sociedade que se poderia chamar de liberdade de associação” (SIMMEL, 2006, p.78).

⁵⁹ “os seres humanos conversam a respeito de um tema do qual partilham ou sobre o qual querem se entender, na vida sociável, o discurso se torna um fim em si mesmo – (...) (SIMMEL, 2006, p.75)”

⁶⁰ “A retribuição da dívida seria explicada pela existência dessa força, dentro da coisa dada: um vínculo de almas, associado de maneira inalienável ao nome do doador, ou seja, ao seu prestígio” (SABOURIN, 2008, p.132).

⁶¹ Se for cobrada uma taxa para o almoço é considerado uma ofensa.

vem uma banda famosa e é a festa de maior repercussão, das festas ocorrem a noite no seringal. A “função” da festa de acordo com a análise de Amaral (1998) é que ao “fim de cada cerimônia, de cada festa, os indivíduos voltariam a “vida cotidiana” com mais coragem e disposição” e nesse sentido “a festa (como o ritual) reabasteceria a sociedade de “energia”, de disposição para continuar”.

Nos três dias do evento há a música que embala o forró embaixo das árvores, os temas são sobre relacionamentos amorosos, a vida no interior, a lida com o gado, de vingança, de distinção social, em sua maioria traz significações que conversam com os indivíduos e os grupos. A música incentiva a dança, os casais juntam-se, dois passos para a direita dois para a esquerda, rodopios, ritmo, rebolado, performance, são os “caquiados” (saltos, passar a espora no chão, bater a bota) que animam esses dias de pré-cavalgada.

No terceiro dia, a cavalgada inicia na manhã de domingo com concentração na fazenda Paraense, onde acontece o desembarque dos animais que vieram de outros lugares, onde são preparados para a montaria, e há o primeiro contato entre as comitivas. As pessoas e comitivas são recebidas com um generoso café da manhã, como mostram as figuras 14 e 15.

Figura 14- *Início da cavalgada com café da manhã para as comitivas*



Fonte: Ellen Caroline, 2019.

Figura 15 - *A concentração da procissão da cavalgada*



Fonte: Ellen Caroline, 2019.

Após o café da manhã, as comitivas se juntam ao seus pares e esperam anunciar a saída, não tem um horário definido para iniciar, o que orienta é a finalização do desembarque e preparação dos equinos e a organização das comitivas, que inicia com o pedido da benção e proteção de nossa senhora de Nazaré, invoca da locutor do trio, corresponde ao caráter sagrado, no qual todos os cavaleiros e amazonas tiram o chapéu e a favor de todos o locutor faz uma oração pedindo as forças divinas para que todos sejam agraciados. Percurso é dividido em duas partes, primeiro o da estrada rural e depois circulam dentro da cidade, como mostram as figuras 16 e 17.

Figura 16 - Comitativa organizada na concentração I



Fonte: Ellen Caroline, 2019.

Figura 17 - Comitativa organizada na concentração II.



Fonte: Ellen Caroline, 2019.

A elaboração da cavalgada envolve a obtenção da benção e proteção de nossa senhora de Nazaré, invoca o caráter sagrado, no qual todos os cavaleiros e amazonas tiram o chapéu e o locutor faz uma oração pedindo as forças divinas para que todos sejam

agraciados e abençoados. A procissão tem uma intercessão entre o profano e o sagrado. Da bênção dos cavaleiros e amazonas na saída até a chegada a “cachaça” é compartilhada entre os homens. Uma coisa importante é que na cavalgada individualismo não coaduna com o momento, todos compartilham o momento de festa pagando bebidas para o grupo, são ações sempre motivadas pela reciprocidade.

As formas de se arranjar as várias comitivas e compartilhar o percurso envolve uma plasticidade que é a essência da procissão, as comitivas são formadas pelas pessoas que vão montadas que seguem “as regras”, andam em filas duplas organizadas (figura 12), alinhadas num ritmo do trio e as comitivas que vão dispersas no aglomerado e as que não vão montadas (utilizam veículos automotivos).

Os homens e mulheres montados em cavalos com a blusa da comitiva devem andar em fila dupla, como exemplifica a figura 18 e 19, uma comitiva atrás da outra, quem está na fila dupla da comitiva o cavalo percorre tranquilo e centrado, a partir da experiência do cavalgar na procissão por um deslocamento orientado por regras e ritmos internalizados pelos cavaleiros e as amazonas que experienciam o movimento.

Figura 18 - *A cavalgada nas ruas da cidade*



Figura 19 - *Organização da comitiva na procissão*



Fonte: Ellen Caroline, 2019.

As filas duplas caracterizam uma longa extensão, carros de som ocupam um espaço entre as comitivas do meio e intermedeiam as outras, nesse ponto elas são formadas por grupos menores, mas ainda caracterizados com a blusa padrão, no final, dessa parte, acompanham os cavaleiros e amazonas que estão com vestimentas comuns a maioria não associados a comitivas, mesmo os que são de comitivas e acompanham a cavalgada nessa parte são considerados os que só “querem brincar” “não levam a sério”, como mostra a figura 20, são as que viajam sem um grupo grande, mas que também tem grande apreço pelo evento, cavalgam uns dos lados dos outros procurando ocupar um espaço da estrada, são marcados pela descontração e maior mobilidade.

Figura 20 - Os cavaleiros sem comitiva.



Fonte: Ellen Caroline, 2019.

Em 2018, a primeira a comitiva depois do trio foi formada só por mulheres, as damas “cai&pira”, acordo com a líder do grupo, são meninas que moram em propriedades rurais, que gostam de cavalgadas se juntaram, decidiram “não incluir os homens para poderem tomar as decisões sem impedimento” em regra, a primeira comitiva da procissão é a principal da cidade, a que organiza o evento, mas nesses mesmo ano, houveram várias cisões na comitiva “Te pego no meu laço”, e me explicaram que “o evento se tornou maior que a comitiva”, que, nesse ano, realizou o percurso dispersa.

Nessa procissão, os meninos significam seu contato com o equino, por meio da autonomia de participação que desempenham, do garotinho de um ano e sete meses que chora ao tirarem do cavalo e já impõe que quer andar sozinho, aos meninos e meninas que vão com o sem monitoramento dos pais, que se imiscuem na procissão.

Quem não pode ir montado se organizam e comitivas e ornamentam caminhões abertos, como os “Filhos do mato”, “Se bobear nois laça”, “Saruê”, “Nós que manda”, “Pisada bruta”, e se engendram na procissão.

O locutor anima todo o percurso, ora com palavras de devoção religiosa, ora com versos que ilustram a vida do trabalhador rural, e nesse sentido o “sagrado é, portanto, a dimensão integradora da experiência humana. É aquilo que *sustenta a vida*; É, enfim, um modo de ser que estabelece conexões e não divisões, estando sensível ao *padrão que liga* e à *beleza da unidade* (BATESON, 2006: 343 apud CHIESA, 2017, p.426).

Em função da harmonia da procissão são estabelecidas normas que garantem a segurança dos participantes, como não “enfurecer os animais”, deve-se manter o controle e seguir o ritmo da caminhada, respeitando a distância entre os participantes, dilemas morais obrigações e valores. Qualquer ato de crueldade suscita reprovação social. É proibido qualquer tipo de maus tratos, alguns peões montados ficam circulando, vigiando o comportamento dos cavaleiros (as), anotando ou chamando atenção para algum comportamento que não é aceito.

O percurso termina no seringal⁶², como mostra a figura 21, ilustrado anteriormente, na arena onde é realizada a prova de tambor, as comitivas vão se posicionando e nesse momento deveria ocorrer as premiações, mas devido ao aglomerado e à dispersão, sempre ocorre no meio da tarde.

Figura 21 - A chegada das comitivas no Seringal.



Fonte: Ellen Caroline, 2019.

⁶² O seringal, faz parte de uma propriedade de um ex-prefeito do município que sede o local para a realização da cavalgada. Algumas pessoas falam que o sucesso da festa se dá por causa do local, que é basicamente uma área com seringueiras, a festa embaixo dessas árvores.

Aliás é nesse final da procissão que as comitivas montadas são recebidas com um almoço que é uma cortesia dos organizadores consiste basicamente em churrasco, feijão tropeiro e baião. Os equinos são colocados na sombra e a festa (figura 22) de encerramento se inicia para os cavaleiros (as) e aberta para a população e em geral, com sanfoneiro, bandas de forro, as provas de três tambores e a ferra dão continuidade a comemoração da cavalgada. Durante a festa, as comitivas mais organizadas ganham prêmios, assim como, a mula mais tralhada (mais arrumada com artefatos), a criança mais jovem, a pessoa mais idosa, a Amazonas “mais bonita”. Os troféus costumam ser esculturas de madeiras, como botas, cavalos, ferraduras, porteiras com o símbolo específico da cavalgada. Os animais ficam circulando durante o dia na área aberta, até a hora de embarcar nos caminhões para o retorno ou ficam em terrenos vizinhos para voltar no próximo dia.

Figura 22 - *A festa da cavalgada*



Fonte: Ellen Caroline, 2020.

Depois do evento, ainda tem uma comemoração pós-cavalgada que sugere o sucesso da festa, pode acontecer no seringal, na barra, na fazenda Paraense, é realizado um churrasco com bebidas.

Na cavalgada as hierarquias sociais do cotidiano se diluem e se ressignificam, e por isso pode-se falar de sociabilidades multiespécies a partir dessa conexão de coletivos humanos com animais.

Esse padrão descrito da programação do evento ocorre em outras regiões, encontrei poucos trabalhos acadêmicos que tratam de eventos de cavalgada, que mostram características semelhantes e opostas a cavalgada de Aurora e que tem as mais variadas motivações.

Em Vilhena, sul de Rondônia, a cavalgada faz parte da programação da exposição agropecuária, expovil, lá a mesma organização de comitivas que são compostas por cavaleiros (as) e os blocos que acompanham em carroças, carros, caminhões, máquinas agrícolas, motos e carros (COLFERAI, S. , 2013)

Em Cambira, PR, é motivada pela fé em São Sebastião, padroeiro dos cavaleiros(COLFERAI, J. , 2015) e por meio dela propagam também a importância de preservar o meio ambiente e a caridade, doando fundos para o hospital de câncer. No local, também ocorre a concentração dos cavaleiros, o início do desfile em fila indiana, após a benção do pároco, as festas, o servir da costela assada para os cavaleiros e as premiações.

Moura (2019) trata da festa da Cavalgada à Pedra do Reino e a construção da identidade local em torno do movimento sebastianista, na cidade de São José do Belmonte, sertão de Pernambuco, segundo a autora “trata-se de uma cavalgada incomum, pois seus integrantes, ou ao menos parte deles, incorporam personagens diversos, formando um cortejo real.” (2019, p.06)

Esse passeio equestre sai da frente da Igreja Matriz de São José, no centro de São José do Belmonte, e vai até o Sítio Histórico da Pedra do Reino, zona rural de Belmonte. Em um percurso de aproximadamente 36 quilômetros, os cavaleiros se organizam em uma espécie de cortejo real. À frente, rei e rainha, ladeados pelos pares de França², que seguem dois a dois os personagens principais. Em seguida, aparecem os cavaleiros vestindo traje completo de gibão, empunhando as bandeiras do Brasil, Pernambuco, São José do

Belmonte. Depois, a população que, mesmo sem indumentárias ou trajés especiais, segue o cortejo em suas montarias (MOURA, 2013, p.06).

Ao acompanhar a cavalgada e compartilhar a vida esses agentes multiespécies, senti a mesmas limitações encontradas nesses últimos trabalhos citados, de adentrar essa outriedade animal que é a essência da cavalgada, que transforma o homem em cavaleiro, que da forma a sociabilidades mais que humanas. Na tentativa, de investigar essas questões adentrei o cotidiano para acessar as interações entre humanos e cavalos, como mostram os capítulos seguintes. A seguir, trago uma breve reflexão sobre a questão de gênero nesse espaço pela necessidade de se elaborar tal problemática.

Amazonas, cavaleiras, horsewoman: vestígios

As questões de gênero no mundo equestre começaram a ser tema de reflexão no Brasil através das pesquisas de Adelman (2011⁶³, 2012⁶⁴ 2020)⁶⁵, retratando as diferenças de socialização, acesso aos espaços multiespécies, corporalidades, subjetividades e poder.

Deixo claro, a necessidade de estudos aprofundados sobre questões de gênero nessa área, que no presente trabalho não conseguiram ser aprofundadas além do necessário para me situar como mulher nesse meio e pesquisadora atenta a essa questão, afinal, não é difícil imaginar as peripécias que uma jovem pesquisadora que “quer aprender tudo sobre cavalos”, na lida com o gado e todos os segredos de montaria, passa.

Ao longo das leituras e vivências, fui sensibilizada pelo mistério da história das Amazonas, cavaleiras, das horsewoman ainda precisam ser conhecidas e contadas, afinal, são vários os vestígios da interação de mulheres com cavalos na história da humanidade.

⁶³ ADELMAN, Miriam. *As mulheres no mundo equestre: forjando corporalidades e subjetividades “diferentes”*. Estudos Feministas, Florianópolis, 19(3): 931-953, setembro-dezembro, 2011.

⁶⁴ ADELMAN, Miriam. *Fronteiras de mudança: lazer, esporte e práticas femininas no mundo equestre*. 36º Encontro Anual da Anpocs. GT 20. Metamorfoses do rural contemporâneo, Outubro, 2012.

⁶⁵ BOSCATTI, Ana Paula Garcia; ADELMAN, Miriam. *De cavalos e homens: história, poder, estratégias e representações*. Estud. sociol. Araraquara v.25 n.49 p.221-242 jul.-dez. 2020.

Sobre essa temática encontrei dois livros e obras de arte interessantes, o livro de Monica Mattfeld (2017)⁶⁶ que analisou como as relações com os cavalos construíram posições de gênero na Inglaterra do século XVII e XVIII.

A figura 18 mostra uma placa greco-romana, encontrada em uma tumba numa vila, em 1893 (ANCA, 2018) na prata está esculpido no centro o corpo feminino –com feição serena – equilibrado no cavalo que parece está assustado – pela posição da orelha bastante irritado –na mesma rédea que a mulher está segurando delicadamente um homem a puxa muito próxima a boca do animal como uma imposição de protesto perante a conexão mulher-cavalo!?! E me faz questionar: será que foram os homens que colocaram um freio na interação entre as mulheres e cavalos? Responderei à questão em um outro trabalho mais dedicado ao tema. A reflexão mais importante para este trabalho em questão é a composição multiespécie, em que seres humanos e não humanos habitam o mesmo plano.

Figura 23- Vestígios das womanhorses.



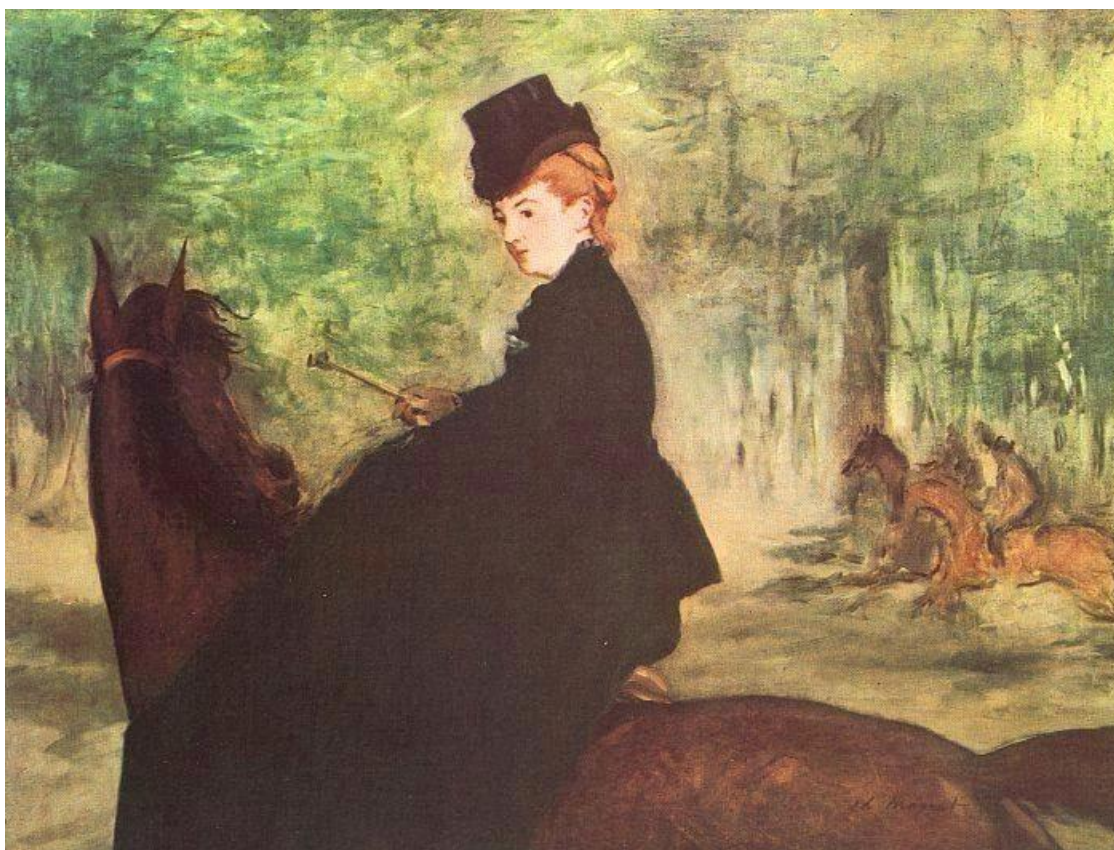
Fonte: The Yenikend plate, Hermitage Museum.⁶⁷

⁶⁶ MATTFELD, Monica. *Becoming Centaur: eighteenth-century masculinity and english horsemanship*. Penn State University Press; 1ª edição, março, 2017.

⁶⁷ Mais informações sobre o prato de prata em ANCA, Dan. *Galateia in the Land of the Amazons: The silver plate of Yenikend (Azerbaijan) and cultural transfers between the Greco-Roman world and the Caucasus*. Khazar Journal Of Humanities and Social Sciences, Khazar University Press, 2018.

Um livro brilhante que achei foi “The womanhorse: a practical guide to side-saddle riding”⁶⁸ de Alice Haynes, publicado em 1903, resultado de sete anos viajando com o marido pelas Índia, Ceilão, Egito, China e África do Sul, tem um capítulo para que ensina como montar de vestido, no entanto o mais incrível são as informações que autora mostra de montaria as mesmas que passei esses anos investigando, tentando aprender com os horseman “os segredos”, as formas de usar, as técnicas, conhecimentos importantes de ter a liberdade de acessá-los e dominá-los, afinal, não precisamos mas montar de vestidos (figura 19).

Figura 24- The Horsewoman - Edouard Manet, 1875.



Fonte: https://www.wikigallery.org/wiki/painting_105369/Edouard-Manet/The-Horsewoman--1875

As amazonas, descritas por missionários da colonização da Amazônia como *mulheres cavaleiras*, eram guerreiras que andavam a cavalo, sendo estas, de acordo com Goulart (1964, p. 207) “mulheres independentes e dominadoras, de cuja sociedade excluía os homens”,

⁶⁸HAYES, Alice M.; HAYES, M. Horace. *The horsewoman a practical guide to side-saddle riding*. Hurst and Blackett, 1903.

usando-os apenas para a reprodução. Ainda, de acordo com o autor, elas criavam as meninas e destinavam os meninos aos cuidados dos pais.

Todavia, no ocidente, os relatos sobre a existência de sociedades de mulheres são permeados pela sobreposição da submissão de seus corpos. Segundo Federici (2017, p. 02), esse processo se deu a partir do evento histórico conhecido como Caça às Bruxas, na Europa do séc. XV ao séc. XVIII, no qual, a partir de um processo de dominação, “o capitalismo reintegrou no reino do comportamento feminino socialmente aceitável (...) uma sexualidade submissa, domesticada, instrumental para a reprodução e pacificação da força de trabalho” (FEDERICI, 2017, p. 03), desse modo, foi instituído como um modelo de feminilidade. Ainda conforme a autora:

(...) a caça às bruxas instituiu um regime de terror para todas as mulheres, a partir do qual surgiu o novo modelo de feminilidade a que tiveram de se conformar, para serem aceitas na sociedade capitalista que se estava a desenvolver: sem sexo, obedientes, submissas, resignadas à subordinação ao mundo masculino e aceitando como natural o seu confinamento à esfera das atividades reprodutivas que o capitalismo tinha desvalorizado completamente (FEDERICI, 2017, p. 04).

Nesse sentido, põe-se em pauta que o resultado desse processo é observado na medida em que as práticas são profundamente marcadas pelo protagonismo da performance masculina, de modo que os homens fazem/vivem o cotidiano do trabalho de forma ativa e as mulheres são relegadas à margem, recaindo sobre si o trabalho doméstico e a função reprodutiva. Essa divisão performativa será aprofundada a seguir, momento em que serão esboçadas algumas questões sobre o tema, através da observação da separação de ocupações, lugares e o estabelecimento de interações hierarquizadas com os animais.

Atitudes que Adelmam (2011) chama de socialização masculina em espaços públicos em atividades de aventura e prazer enquanto para as mulheres ficam no espaço invisibilizados, silenciados; situações que percebi no cotidiano da roça e pasto, relatadas a seguir.

Capítulo 2 - O peão, o vaqueiro e a lida no cotidiano da colônia em Aurora

“Mover-se e habitar os lugares permite apreender a paisagem, pois a vida é vivida no movimento entre todos os lugares.” (ACHA, 2018, p.74)

“as paisagens são tecidas em vida, e vidas são tecidas na paisagem, em um processo contínuo e interminável” (TILLEY, 1994:29-30 apud INGOLD, 2015, p.90)

Adentrei esse território através do conhecimento dos interlocutores da aprendizagem dos significados e das expressões que nomeiam e fazem os lugares, os eventos, os animais, a lida, as trocas e a comercialização. A roça e o pasto são construídos por comunidades agricultoras e criadoras de animais, na qual humanos e não-humanos trabalham juntos. Neste capítulo trato da habitação e significação dos lugares e de como se criam animais e plantas, das práticas, a partir das concepções de trabalhadores rurais na realização de suas tarefas rotineiras.

Quando viajamos pelo *interior* – é um modo de denominar a zona rural do Estado do Pará, “eu sou do interior”, moro em algum município. Diferente de “eu sou da colônia” que especifica a zona rural do município – dessa região do nordeste paraense, pela via bar 316, as paisagens são compostas, principalmente, de pasto, gado, roças, trechos de mata que intercalam comunidades e municípios, foi ao longo das viagens que percebi o quão pouco sabemos sobre as dinâmicas desses inter-lugares e a dimensão coexistencial de coletivos humanos *com* coletivos não-humanos.

Espaços interioranos, que são regidos por outras e complexas dinâmicas de organização e tempo, marcados pelas diferenças “paisagísticas” do lugar onde “todo mundo se conhece” da cidade pequena, em contraposição, as “cidades grandes” onde “você é só mais uma identidade [documento]” maneiras e pensar comumente definidoras do rural e urbano, mas que se complexificam quando voltamos nosso olhar.

Lugares onde ocorre as dinâmicas implícitas no convívio com animais no mundo rural no qual as interações são estabelecidas nas lidas pastoris, na ocupação das terras, na constituição de habilidades através do manejo de espécies que vivem livres no campo e, principalmente, na constituição de uma cultura com raízes nas experiências da roça, do pasto e na criação de

animais, onde ocorrem as operações simbólicas, e sujeitos projetam suas concepções de mundo e se organizam dentro desse espaço, onde a vida cotidiana acontece de acordo com o tempo dos não-humanos (animais, plantas, artefatos), que regem o ritmo de viver.

E nesse sentido adentrar um território é, “movimentar-se por um ambiente e reconhecê-lo. Percebe-se o ambiente por esse processo de habitar, que, além da locomoção, também implica ver, ouvir e construir” (ACHA, 2018, p.74), dessa forma surge meu deslocamento:

São por meio das “estradas de chão” que acessamos a Colônia. Essas estradas nas quais são feitos os deslocamentos são o principal palco do movimento das pessoas e animais da zona rural para a *cidade*. Quando há igarapés, a ligação entre as estradas, se dá por meio de pontes de madeira. No verão a maior dificuldade é a poeira e no inverno ficam cheias de buracos e alagadas, e torna-se muito comum caminhões e carros ficarem atolados.

Em uma viagem num boiadeiro, o sr. Jorlan⁶⁹, narrou que a “estrada de chão” que estávamos passando não existia antigamente, e nesse tempo, o seu avô carregava farinha em tropas de burros, e o transporte de gado só era possível por meio de comitivas. Contou, também, que participava quando tinha dez anos, “a gente ia de Aurora a Paragominas”, distante aproximadamente 100 km “tocando o gado pelos trechos”.

Tocar o gado pela estrada a cavalo é ainda uma estratégia diante da impossibilidade do uso do caminhão, seja por causa das condições das estradas que estão sempre em metamorfoses devido aos efeitos das chuvas, roteiros são pensados e planejados, horários definidos, de preferência na madrugada onde o tráfego é menos intenso, para a locomoção dos rebanhos, e a parada e recuo de automóveis perante os animais.

O que torna peculiar o caminhar nesses ambientes é o intenso verde dos pastos e da mata, as cercas demarcando os *terrenos*, os animais *soltos no tempo*⁷⁰, as ladeiras, as curvas e a distância entre os terrenos e as comunidades, diferente do enclausuramento das edificações que nos cercam na cidade, perpassa o sentimento de imensidão e liberdade, caracterizado por esse “processo de mover-se é também o de habitar essa paisagem, assim como ‘caminhar’ por um percurso o torna familiar, pois, conforme é utilizado, o próprio caminho torna-se parte do caminhante” (BOTIN, 2013 apud ACHA, 2018, p.73).

⁶⁹ O senhor Jorlan é um peão boiadeiro que realiza o transporte de gado para alguns interlocutores.

⁷⁰ A expressão “soltos no tempo”, é uma forma de expressar o que os trabalhadores rurais consideram como a diferença principal entre os humanos que têm “casa” e os animais que ficam soltos no pasto, por exemplo.

A colônia é composta pelos terrenos, sítios, fazendas e as comunidades, separadas e delimitadas por cercas a partir do título de propriedade privadas e espaços comuns dos que vivem em comunidade, da escola, da igreja, por exemplo. As pessoas que moram em comunidades e em sítios estão inseridas num quadro de campesinato tradicional (SABOURIN, 2009; ALMEIDA, 1986; WANDERLEY, 1985) cuja a identidade se reflete no coloín.

Na região, formas de acesso à terra se dão, principalmente, por dois meios: herança ou compra. As terras de herança são as dos primeiros ocupantes e costumam ser divididas entre os filhos e em alguns casos comercializadas. De acordo com um interlocutor, antigamente, era “praticamente, na colônia: tinha uma coloín do lado e um coloín do outro, mas era distante, justamente, um coloín pra cá, um terreno pra cá, um terreno aqui um coloín aqui ia embora até no Cinco [ponto de referência]”.⁷¹

As fazendas já constituídas são comercializadas entre pessoas de grande posse. Para a maioria das propriedades a compra e venda ainda é feita por meio de recibos e registradas no cartório. Eles declaram que uma “terra documentada” exige muito dinheiro para tirar as licenças”.

A composição das habitações é fundamental na diferenciação da paisagem principalmente, no que condiz a dos coloíns e dos fazendeiros, e diz muito sobre a distinção entre o modo de pensar *o lugar*, pois como caracteriza Silveira (2016, p. 295) “a casa como “coisa” conjugaria o material e o imaterial no *corpus* paisagístico, constituindo um conjunto com o seu entorno”.

Dessa forma, as separo em três categorias, pequenas, médias e grandes propriedades a partir das divisões percebidas em campo pelos próprios agentes, pois a forma como constroem no ambiente no qual estão envolvidos mostra os, “movimentos e propósitos, e aos locais onde moram, e extraí seus sentidos dessas relações [...] são mutualmente constituídas” (INGOLD, 2015, p. 198).

A construção das habitações⁷² nas pequenas propriedades são compostas por casas de barro, madeira e alvenaria, ainda encontramos telhados de cavaco⁷³. Aos arredores, há

⁷¹ Atualmente a área que o informante se refere são duas fazendas que pertencem a dois proprietários distintos.

⁷² Habitar “ é iniciar um movimento ao longo de um caminho de vida. O percebedor-produtor é, portanto, um caminhante, e o modo de produção é ele mesmo uma trilha traçada ou um caminho seguido, ao longo desses caminhos, vidas são vividas, habilidades desenvolvidas e observações feitas e entendimentos crescem” (INGOLD, 2015,p.38)

⁷³ Um tipo de telha feita de madeira.

pequenos retiros cobertos com palha seca utilizados para fazer comida no fogão de barro, além de poços, roças próximas, mata para caça. É comum, a criação de pequenos animais. Em algumas casas percebi que apesar de ter pia na cozinha com água encanada, as mulheres preferem os “jiraus”⁷⁴ construídos ao ar livre embaixo de árvore e perto do poço, da mesma forma há preferência para cozinhar no fogão de barro que normalmente fica em um retiro localizado fora da casa e coberto de palha, o qual deve-se fazer o fogo com lenha ou carvão ao invés do fogão a gás.

Nas médias propriedades as casas costumam ser de alvenaria. Avarandada com sítios (cercadas de árvores frutíferas como coco, limão, manga, por exemplo, ao redor e “jardins” de flores locais) e as grandes propriedades são divididas entre a sede e casa simples que são destinadas aos trabalhadores, como vaqueiros e a família. Nestas são realizadas as refeições dos diaristas, tratoristas e do dono, a comida e a organização da casa é feita pela “mulher do vaqueiro” que muitas vezes não recebe nada pelo trabalho ou apenas uma “ajuda de vinte a cinquenta reais”.

Isto marca a intensa migração de coloíns para zonas urbanas, pois segundo os relatos, “não conseguem mais viver nas comunidades porque não têm condições de trabalhar na terra”, dadas as dificuldades de manutenção do terreno, segundo eles “não dá para fazer todo o terreno”, pois estão subordinados a racionalidade de bancos que os paralisa frente a escala do lucro desejada.⁷⁵

Os médios produtores são os que conseguem uma inserção na dinâmica econômica e alcançam lucros que permitem expandir as terras e rebanhos. No entanto, essas condições ainda não o tornam “fazendeiro” – categoria utilizada para os proprietários de vastas extensões de terras e que frequentemente também são empresários e políticos locais. Esses médios proprietários se caracterizam também através das relações estabelecidas para o trabalho na terra, uma vez que este é realizado em parceria com a família. Assim, se uma pessoa não consegue comprar um terreno todo, ela faz uma parceria com outros membros da família para lograr a compra. Da mesma forma, se não conseguir plantar uma roça sozinho ou criar o gado, por exemplo, criam pequenos rebanhos “de metade”, o que significa que a pessoa pode ter um

⁷⁴ Os jiraus são feitos de madeiras e utilizados para lavar roupa e louça, ficam em terreiros e podem ser construídos em janelas.

⁷⁵ Brandão (2007) analisa que se trata de “Uma racionalidade centrada no lucro, na competência especializada e na competição legitimada como uma forma quase única de realização do “progresso” quebra o que resta ainda de visões e vivências tradicionais de tempo-espaco rural e de modos de vida a que se aferram ainda os índios e os camponeses. (BRANDÃO, 2007, p.39)

“pasto bom” e pegar os animais com um determinado peso e o que aumentar é dividido pela metade entre os acordados.

Outra questão relevante nessas áreas é a violência. Há relatos antigos e recentes sobre a violência no campo, seja pelo roubo de motos ou invasão das casas para levar armas de caça e dinheiro. O seu Raimundo relembra a morte da avó:

eu sei só da vovó, que ela era miudinha e tinha um irmão mais velho e tinha dois ainda no bucho, aí chegou um bêbado na casa da vovó aí disse que ia matar a vovó, e o vovô no caminho da rua, aí a vovó pegou os meninozinho botou um do lado e do outro e saiu correndo, aí os vizinhos era longe, 1 km de distância, aí quando chegou na casa do vizinho ela caiu na porta, aí chegaram e perguntaram o que era, aí ela contou; aí na mesma hora o desgraçado passou e o vovô vinha para casa, aí topou com ele no caminho, aí ele perguntou o que aconteceu, e ele disse vou já “passar um café para ele”, aí ela disse “ não faz isso não, senão tu vai acabar de me matar agora”, aí foram cuidar dela, levaram para o hospital e lá ela morreu do medo que ela passou, perdeu os bebezinho, morreu o bebezinho e ela também. Da carreira que ela deu, dois meninos do lado e mais um no meio.

Numa tarde, senti na pele a violência no meio rural de que tanto ouvi falar. Estava indo de tarde, por volta das 17hrs, a um sítio que fica localizado cerca de 10km da área urbana, fui deixar um plástico transparente e um martelo que me foi solicitado⁷⁶ “trazer da rua” para cobrir uma horta.

Estava indo na “estrada do Ariramba” de moto e usando capacete e ao atravessar a ponte antes da comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro percebo um homem saindo do Mato e caminhando para a estrada. É comum ter homens na beira da estrada e suas motos paradas, isso indica que estão “atrás de pegar curió”, no entanto ao me aproximar percebi que ele usava uma blusa enrolada na cabeça e tinha uma arma caseira apontando para mim, ele me disse “Para, senão eu atiro!”, eu acelerei a moto e gritei “não atira!”, ao passar por ele havia uma curva e uma parte da estrada que tem muita areia, por causa da alta velocidade e do nervosismo derrapei e cai.

Fiquei com receio de o bandido me seguir e por isso fiquei olhando para trás, pedi socorro a um morador que estava na roça para levantar a moto e segui viagem. Avisei quem passava por mim sobre o ocorrido. Segui viagem e ao chegar na propriedade percebi que não

⁷⁶ pois como sugere Malinowski (1979) “o antropólogo tinha de sair para o meio da aldeia”, cultivar uma horta, participar das danças, trocar presentes e imiscuir-se, em geral”.

havia ninguém na casa, entrei no terreno⁷⁷ e os encontrei construindo um “currel” para os bezerros, pois o excesso de chuva “pela os bezerros”, ou seja, faz com que eles percam o pelo. Conteí o que ocorreu. Fomos ajeitar a horta, quando percebi que tinha machucado a mão, sem condições de voltar dirigindo pedi para um dos trabalhadores levar a moto.

O ocorrido teve duas consequências: a torção na mão direita e receio em andar pelas estradas sozinha, dependendo ainda mais das caronas e a segunda, quando a história se espalhou pela região, tornando-se uma abertura para conversar com outras pessoas que ficaram curiosas e me questionavam sobre como tive coragem para fugir.

Mas, depois de mim, outras pessoas sofreram assaltos ou tentativas. Uma moça, filha de um produtor de queijo da região, ao voltar para casa, sofreu uma tentativa de assalto, mas atropelou o homem, os dois caíram e ele a mandou ir embora dizendo “vai embora, sem olhar para trás, eu só queria o teu celular” ela ficou bastante machucada pois caiu na estrada barrosa. Esses episódios se repetem com idosos, jovens que realizam mobilidade pela via, mas continuei acompanhando todas as atividades de plantação de roça e pasto.

Nesse cenário, o trabalho na terra é voltado principalmente para a pecuária e agricultura e tem como foco da produção na roça e no pasto.

É usada, principalmente, mão de obra familiar em propriedade de até 5 *lotes*⁷⁸ que são predominantemente voltadas para a roça de mandioca e uma pequena criação de bovinos. No entanto, há famílias que realizam exclusivamente o plantio de roça para comercializar a farinha.

O preparo da terra para plantar a roça e o capim consiste na derrubada de floresta secundária – capoeira –, na queima⁷⁹ e na semeadura da semente de capim ou mandioca/melancia/feijão. O processo de preparo da terra começa em julho e dezembro, tempo de estiagem, pois só é possível colocar fogo se a mata estiver seca, se a mata derrubada não queimar por completo compromete todo o plantio.

Os coloíns derrubam com machado quando não têm outros meios, mas é uma prática pouco utilizada atualmente, pois como relata o senhor Antônio, “era uma prática usada quando

⁷⁷ Essa questão de “entrar no terreno”, significa “andar de moto no pasto”, é muito difícil uma mulher fazer isso, porque exige conhecimento do ambiente, força e equilíbrio para manter a estabilidade da moto, e não ficar atolada nas poças de lama, nem cair por causa das pedras e desníveis. Aprendi a me locomover nesses ambientes a partir da experiência e das indicações que recebia dos interlocutores.

⁷⁸ Lote, na região, é a área de um terreno: por exemplo “cinco lotes é um terreno”. Um lote mede 250 m de frente e de fundo, por 1000 metros de comprimento, 5 “alqueire” ou 80 tarefas, que são igual a um lote.

⁷⁹ “o processo de trabalho extensivo de queimada e coivara é aquele que transforma o mato em terra de trabalho, sob a forma de chão de roça, passível de cultivo por até três anos” (WOORTMANN, 1997:34).

não tinha motosserra e cerca de dez peões faziam derrubadas de um lote em trinta dias”, para depois queimar.

Dessa forma, dependendo do “serviço” os pequenos produtores utilizam a mão de obra familiar, mas também contratam trabalhadores, segundo os interlocutores uma área aguenta cinco plantios consecutivos. Por outro lado, os médios e grandes produtores contratam peões para plantar e fazer a manutenção (capinar, passar veneno).

Outros proprietários usam trator de esteira que é alugado por diária que custa em torno de duzentos e cinquenta reais, mais o óleo e o almoço do tratorista.

Segundo os sujeitos da pesquisa para “plantar a roça a terra tem que ser boa”, isso significa, que é a terra que não foi utilizada antes para esse fim. É comum realizarem a plantação da mandioca e milho em fileiras alternadas, porém o milho cresce primeiro, a safra sai em três meses enquanto a mandioca demora de um a dois anos, dependendo da áreas e do cuidado que chamam de “limpar a roça”, do adubo, da espécie, chamadas de *duquinha*, *carga de burro*, *chico vara*, *seismês* e *caravela*.

A pastagem para o coloín significa a sobrevivência /manutenção do rebanho, No qual estabelecem o *apego* a terra, “uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem a sua terra e, simultaneamente, estabelece sua identidade cultural” (ALMEIDA, 2008, p.318) em contra ponto com a do fazendeiro que visa a engorda e ressalta que “produtor de gado é produtor de pasto”, e, dessa forma, “a organização do espaço pelo pastoreio é a ação que transforma elementos físicos em significados simbólicos, valores e símbolos, que definem a paisagem como marco identitário” (ACHA, 2018, p.75).

A preparação do solo para o pasto consiste na derrubado da mata, queima e plantação de sementes com adubo. Quando necessário a correção do solo é feita com calcário e a adubação, com o que chamam de “rapa de navio” que é comprado por toneladas e jogada na terra com uso de trator que puxa uma carroça e é jogada na terra com auxílio de pá.

Não há nenhum auxílio técnico, tudo é realizado através da experiência e do intercambio regional de troca de prática. As espécies forrageiras predominantes são quicuiu (*Brachiaria humidicola*), braquiário (*B. brizantha*), mombaça (*pacicum maximum jaq.*) e Massai (*pacicum maximum*). É comum pastagens mistas, ou seja, a mistura de duas sementes numa *manga*. Há a preferência do pasto massai e do monbaça pois “ficam verde” o ano todo, diferente do

branquiara que seca no verão, mas segundo as explicações o capim que engorda o gado é o braquiara.

Depois de noventa dias para o capim crescer e o pasto já está pronto e eles colocarem os primeiros animais, percebi que eles sentem orgulho, quando veem o pasto se desenvolvendo bem, e frustrados quando há falhas ou pragas, as mais comuns são a lagarta que ataca roça e capim, alguns acreditam que a única solução para a lagarta, a cigarrinha e queimadas, é uma reza, o senhor João afirma “depois de plantar é só zelar, capinando, adubando, cuidando para não dá lagarta”.

Esses processos e crescimento são agenciados por múltiplos fatores, chuva, sol, humano, animal. Quando os pastos alagam no inverso, o equino é o único meio de andar pelo pasto, se o pasto secar demais no verão, outras estratégias de recuperação e conservação são acionadas.

Para realizar o sistema de pastejo rotativo o terreno é desmembrado em *mangas*, através da utilização de cercas de arame, que significa dividir a área. Na qual são realizadas subdivisões menores, os *piquetes*, para segundo os interlocutores “economizar pasto”. O cuidado e a preservação do pasto é o fator determinante para a criação do gado, então, “não pode deixar acabar colocando muitos animais ou alugando”, mas só fazendo manutenção com agrotóxicos e a roçagem da “juquira” com enxada e foice. As cercas são feitas com estacas fincadas no chão nas quais são perfuradas e esticado arame liso ou farpado, são as barreiras que delimitam os espaços de pastagem, são sustentadas por *mourões* que suporte para *colchetes*, feitas de ripas e arame, assim como sustentam *cancelas* feitas de madeira em marcenaria, que funcionam como *porta* e possibilita a mobilidade entre as *mangas*, que são como as áreas de pastagens são divididas.

“É uma vida sofrida, mas é a vida do nosso sonho”

“O humano, neste caso, afeta e é afetado (Favret-Saada, 2005) pelo meio: ele constitui a paisagem à medida que é constituído por ela”

(SILVEIRA, 2016, p. 289)

Neste texto busquei mostrar como os homens se inserem na interação com cavalos e realizam a lida com o gado, como eles tornam-se trabalhadores rurais, refletindo sobre o que é ser peão e vaqueiro e como é a rotina de trabalho.

De brincadeira a pequenas ajudas até se tornar uma profissão. resposta mais expressiva foi que crescem e fazem-se nessas interações: “desde os sete anos de idade que eu ando num lombo de cavalo, aos dez anos eu já tirava leite. Nunca passei mais de trinta dias longe de um cavalo, vaca e do gado. Vejo eles todo dia”, como analisa Sautchuck (2015), aprendizagem como gênese simultânea da pessoa e de um sistema de relações que “aprende pela própria participação no *serviço*” (SAUTCHUK, 2015, p.112).

Assim, os conhecimentos se constroem na dinâmica interativa, emergem na própria prática cotidiana, se um garoto não pode tirar o leite: segura a corda, se não pode vacinar, abre e fecha as porteiras e nesse sentido, prevalece a imersão como forma aprendizagem, através da educação da atenção⁸⁰ (INGOLD, 2010), onde são seguidos os passos dos praticantes mais habilidosos, através dos seus sentidos, da imitação, improvisação, atuação, Seu Antônio, vaqueiro, contou sobre como o filho está aprendendo a trabalhar com ele:

Ele tá de menor, em junho que ele vai assinar a carteira. Aí o Gordo que era o vaqueiro, aí quando o gordo saiu, ele já trabalhava em trator, mas eu, fazendo serviço braçal, aí seu Rubens disse não seu Antônio, o vaqueiro é o seu menino, bote ele para olhar o gado. Agora quando é para prender um gado, vacinar, vacina eu. Administrar negócio de pastagem pra dizer que ta bom de colocar o gado é eu, muitas vezes é eu que digo pra ele. Pra ele ir aprendendo que ele não sabe ainda direito, 100 %, ele ta aprendendo devagarzinho. (Seu Antônio, vaqueiro)

⁸⁰ “Aqui, o papel do tutor é criar situações nas quais o iniciante é instruído a cuidar especialmente deste ou daquele aspecto do que pode ser visto, tocado ou ouvido, para poder assim ‘pegar o jeito’ da coisa. Aprender, neste sentido, é equivalente a uma ‘educação da atenção’. (INGOLD, 2010, p.21)

Essa proximidade perpassa uma tradução e a constituição de um ser voltado para a lida com não humanos: “baseada no contato diário, na afetividade, no diálogo mútuo, possuindo um significado mais profundo e de consequências sociais mais amplas (BANDUCCI, 1999, p.111)”, onde desde crianças aprendem montar, trabalhar com o gado e com a roça. Muitas vezes esse trabalho é iniciado cedo pela necessidade de se sustentar ou constituir família como o seu Antônio relata:

eu saí mesmo para trabalhar, gostava de trabalhar nesse tempo, ai, no caso, o caba chegando com doze anos de idade o caba não tem condição de vestir; eu já tinha vontade de namorar e andava com a roupinha tudo remendada, ai eu vi que já dava conta de trabalhar, vou começar a sair e eu saí com doze anos. De doze anos pra cá eu não voltei mas na casa do meu pai não, eu passei uns dias depois que arrumei a primeira mulher, não, a segunda, e passei poucos dias. (Seu Antônio, vaqueiro)

É aproximação cedo com o lombo do cavalo, “é comum ouvir nasceu em cima de um cavalo”, é uma rotina de vida que antigamente era mais difícil conciliar com o estudo formal, principalmente quando a família é itinerante:

eu estudei muito pouco, só aprendi o meu nome mesmo, ninguém não dava conta, o papai não parava num canto, para dizer assim, a condição dele era muito pouca para sustentar a gente num colégio também, eu vim estudar um pouquinho já depois de grande, bem pouquinho, me dediquei muito ao serviço, toda vida trabalhei, nunca fiquei desempregado. (Seu Antônio, vaqueiro)

Essa habituação das crianças com as práticas e os seres também aparece nos eventos de cavalgada, como brincadeiras que ludificam o imaginário, principalmente dos meninos, a figura 25, mostra a ressignificação da montaria, que ganha movimento através da força que os meninos partilham.

Constituir-se trabalhador rural resulta do próprio *engajamento no serviço* uma educação útil para a vida prática, cujas habilidades são desenvolvidas, por mais diversos que forem seus papéis, pela vivência do cotidiano por meio da interação entre os trabalhadores rurais, o ambiente, os artefatos, as plantas e os animais, dessa forma, surgem identidades⁸¹ dos atores como coloín, peão, vaqueiro e fazendeiro associadas a partir do vínculo e dos compromissos

⁸¹ Seyferth caracteriza que (2011, p. 402) “a identidade coletiva está sujeita a autodefinições e a representações feitas pelos “outros”. Além disso, a identidade tem indiscutível dimensão social, cultural e territorial”

assumidos. A identidade de cada um, então, está implícita em complexas relações de trabalho e nas atividades que desempenham, nas condutas com os não-humanos.

Figura 25 - "Segura peão"



Fonte: Ellen Caroline, 2018.

O coloín traz a identidade do agricultor que vive só da roça e garante o sustento da família com a venda da farinha, além de vender sua força de trabalho realizando serviços de confecção de cercas e plantações de roça e pasto, se houver necessidade ou em casos de *mutirão*⁸². Mesmo o que tem uma pequena criação de gado, sempre se autodenomina agricultor. Apesar das delimitações categóricas dos sujeitos, existe uma flexibilidade de atividades exercidas entre os trabalhadores, de acordo com o senhor Raimundo, que cria gado, tem roça (em um lote⁸³ de terra) e trabalha por diária ou *empleitado*, explica essa dinâmica:

“hoje é uma coisa aqui, amanhã outra coisa ali. Uma semana to numa coisa, depois já to em outra, o que precisar fazer a gente faz, vacina... botando no pasto, dando um

⁸² Várias pessoas se juntam para trabalhar em conjunto, seja familiar ou não, com o objetivo de se ajudar.

⁸³ Um lote mede 250X250X1000.

salzinho e olhando ele lá. Trocando de manga⁸⁴, quando ta bichado leva no chiqueiro para curar, dá assistência para não adoecer” (Seu Raimundo)

O peão, em geral, realiza trabalho braçal pesado, normalmente trabalha por diária ou “*empleitado*”⁸⁵ realizando principalmente “a broca juquirá”, que significa capinar o mato com a enxada. No entanto, o senhor João adverte “o pessoal chama peão mais é errado, é um trabalhador, aí faz serviço braçal, faz uma cerca..., mas diferente do vaqueiro tem mais responsabilidade, e o diarista não, hoje ele está aqui, amanhã se quiser vir vem, se não quiser não tem problema não”.

A “feitoria da cerca”, por exemplo, é considerada um “serviço de peão”, pois consiste num trabalho braçal pesado sob o sol quente do dia. As estacas de madeira devem ser descarregadas e posicionadas durante o caminho onde são cavados os buracos para fincá-las, furá-las e passar o arame que pode ser liso ou farpado e finalizada com a “espichadeira”, ferramenta utilizada para esticar e apertar o arame. Cada estaca tem de cinco a oito perfurações que devem ser feitas na mesma direção para o arame ficar reto. Vi alguns trabalhadores marcando com argila os espaços entre cada perfuração. Dessa forma, trabalham por diária⁸⁶, *empleitado*, por contratos formais ou informais ou por conta própria.

O peão, é marcado pela figura do bruto instigada da suposta animalidade proveniente do contato com os animais de grande porte, brabos, o vestuário cotidiano é para se proteger do mato, dos insetos, do clima e dos animais, com o uso de chapéus de palha, blusas grossas e de manga comprida, calças de couro e botas. A destreza no ambiente garante um olhar sempre alerta, várias vezes fui alertada, por exemplo, de cobras e ninhos de vespas, que nem consegui perceber.

Eles dizem que sempre devem estar um passo à frente, estão sempre atentos, e ainda assim, um coice, uma pisada, uma fuga, é comum. Mas que, na verdade, trata-se do reconhecimento da intencionalidade do animal, a capacidade de experienciar sensações por meio do instinto, da percepção dos humanos, “botar”, recuar, rugir, duelar”, que de alguma forma, são relações de poder nas quais há também o duelo entre espécies.

⁸⁴ A manga é a repartição do pasto por meio de cercas.

⁸⁵ É a realização de um acordo no qual é estabelecido um valor fixo pelo serviço.

⁸⁶ Em Aurora, há casos de pequenos agricultores que, apesar de ter roça, produzir farinha, plantar melancia, pimenta, e ter uma pequena criação de gado e outros animais, não têm condição de se manter da própria terra por falta de apoio técnico ou incentivo do governo, e, por isso, vendem a força de trabalho para grandes proprietários, exercendo trabalhos de roçagem, plantando semente de capim e fazendo cerca.

O vaqueiro mora com a família na propriedade em que trabalha a partir de contrato formal ou informal. Costuma receber salário e ficar com a renda do leite. De acordo com o um interlocutor: “o vaqueiro é o que mexe mais com o gado, porque tem contato com o gado direto, tem a carteira assinada, tem um controle” e dificilmente tem a sua própria propriedade ou roça, pois segundo o senhor Antônio “têm muito trabalho na fazenda, tem uma horta, planto umas coisas no terreiro, mandioca, limão, só pra gente mesmo”.

Os que trabalham só com a lida com os animais no pasto a rotina começa por volta das 5h ou 6h, para ver o gado, o abastecimento de água: “Aqui é bom que é tudo rotatória. Eu faço parte de cerca, pastagem. O cara tem que saber a hora de colocar e de tirar o gado, porque se não acaba o pasto, e sempre que chega o final de ano, o caba tem que dá uma olhada, pra não deixar acabar”. e por conta do trabalho pesado vão dormir cedo, logo após tomar banho e jantar, as 18h ou 19h da noite.

“O que tira leite”, acorda por volta das 4 ou 5 horas da manhã juntando as vacas no pasto, ao chegarem no curral onde será realizado a ordenha do leite, com explica o vaqueiro, “é natural, tira na mão mesmo”, diferente da ordenha elétrica, na qual é “colocado um aparelho no peito da vaca e que tira o leite sozinho até sair sangue”.

A vaca reconhece a pessoa que tira o leite cotidianamente, reconhecendo o cheiro e o timbre de voz, se chegarem outras pessoas “desconhecidas” ou outra pessoa tentar tirar o leite “a vaca cisma,”⁸⁷ para efetuar a ordenha a vaca é imobilizada colocando uma “peia” (um pedaço de corda) nas patas traseiras da vaca e o bezerro é preso nas patas da frente para ela “soltar o leite” enquanto o vaqueiro tira o leite, no final o bezerro é posto para se alimentar.

Para efetuar a ordenha, diariamente o trabalhador interage com os animais com a voz gritando “Rourouuuu” e gestos, guiando o rebanho em direção do curral. Apreendi que as vacas aprendem o caminho e as ordens. Depois de algum tempo acompanhando, em um dia de trabalho na roça, levei os animais para o curral, eles denominam essa prática de “enchiqueirar os bezerros”, separa-los das vacas em um espaço feito só para eles ou no curral, é importante que seja coberto para não pegar chuva no inverno, porque “o pelo é novinho e ele pode pelar” e também pode ficar fraco. No começo do processo para efetuar a ordenha, quando vaqueiro tenta junta-las para prende-las no curral e separar os bezerros, as vacas são brabas, voltam e se

⁸⁷ “sabe-se que os bovinos conseguem distinguir as pessoas conforme a qualidade de suas ações, em positiva (agradável), negativa (desagradável) e neutra” (DE PASSILLÉ et al., 1996; RYBAREZYK et al., 2001 apud RUSSI et al., 2011, p.47).

espalham no pasto, daí é preciso “atalhar” o animal ou quando um bezerro não é encontrado volta só a vaca que vai procurá-lo e indicar a localização.

A vaca que está para parir falam que está “amojada”. Quando o bezerro (a) nasce o aleitamento é natural sendo importante o colostro à vontade nos 8 primeiros dias e para o desmame/aparte 8 meses (aproximadamente 240 dias), pode acontecer o rejeite do bezerro (a) pela vaca, o bezerro rejeitado é dado para um vizinho ou para quem “tem o leite mais fácil”, assim como, outra vaca pode aceitá-lo, desde que o vaqueiro saiba em qual vaca vai tentar a “adoção” e a insistência: colocando o animal para mamar. Quando acontece de o bezerro morrer a vaca fica procurando-o por até três dias.

Também tive a oportunidade de prender os bezerros porque deu o horário e todos os trabalhadores estavam em uma plantação distante. Peguei a moto do vaqueiro e fui devagar pelo pasto, a moto “pregou” deixei no meio do pasto e fui andando, repeti os mesmos sons que ouvia quando acompanhava os homens e o rebanho foi se juntando e os direcionei para o curral, quando um vaqueiro chegou e me ajudou a separar os bezerros das vacas e colocou a moto que eu estava para funcionar.

Os bezerros criados na colônia para a exportação e para os frigoríficos regionais e da capital. Dificilmente, um animal é morto para o consumo da propriedade, só quando “ele quebra” desembarcando de um boiadeiro ou no curral que é sacrificado e dividido entre os trabalhadores e vizinhos.

A raça mais valorizada é a *nelore* (principalmente o macho, que tem um valor comercial sempre maior que a fêmea), que são animais de pelagem branca, considerados brabos, mas que têm grande rendimento, criados em boas condições de pasto, água e mineral.

Há também os cruzados, como o nome sugere são os de raças misturadas, cuja pelagem é composta por várias cores, são considerados mais “fáceis de mexer”. Esses bezerros não podem ter chifres para a exportação, porque segundo os interlocutores “eles machucam os outros na viagem”, por isso, para os com chifres é realizada o corte e a queima do mesmo.

No entanto, os que possuem o chifre grande é realizada o “murchar”, ou seja, é cortado com o cerrote e depois ponteadado com agulha e linha. Esses procedimentos são efetuados porque no transporte os animais com chifres podem machucar outros, principalmente quando a venda é para a exportação, na qual os animais passam dias viajando em gaiolas de boiadeiros e em navios.

De acordo com o observado em campo, a comercialização para exportação, ocorre, basicamente, por meio de intermediários de grandes empresas agropecuárias que estabelecem

contato com algum *peão* da região e solicita uma certa quantidade de animais. De acordo que esse peão “juntou os animais” comprando de pequenos produtores, que o caminhão boiadeiro passa por várias regiões embarcando os animais, “até fechar a carrada” e esses bezerros são levados para a capital, onde são engordados em confinamento e passam por uma série de exames veterinários para atingir o padrão desejado e serem transportados por meios marítimos para outros países.

Conversei com alguns jovens trabalhadores rurais que foram trabalhar em empresas que tem essa finalidade, eles relatavam, principalmente, as diferenças no sistema de trabalho com horário fixos, os refeitórios, e a forma de criar gado em confinamento e viver em alojamentos, declarando uma forma de trabalhar totalmente diferente da que fazem em Aurora.

A lida com o gado é um trabalho realizado em conjunto, dificilmente um trabalhador consegue manejar sozinho um rebanho no pasto ou no curral. A rotina do trabalhador rural consiste na manutenção da vida do gado, o cotidiano⁸⁸ gira em torno do bem-estar animal, verificando se tem água potável, “rodando o pasto”⁸⁹, curando. Sempre atentos ao gado que ficam soltos no pasto andando em conjuntos (figura 26), perto da saleira ou em uma sombra de árvore.

Os conhecimentos adquiridos com as experiências vividas permitem o entendimento desses ambientes de mato, roça, pasto e dos bichos, na medida em que *falar com os animais* exige *habituação e costume* (FROEHLICH, 2015, p.119) “não adianta se estressar, não pode estressar o gado”, eles estabelecem a criação de uma linguagem, através da vociferação: “vem vem”, “eira eira”, “boi boi”, “ande ande”.

São verdadeiros entendedores do comportamento dos bovinos e equinos no qual as faculdades cognitivas se desenvolvem num contato intrínseco com a paisagem rural, a partir da constituição da própria vida. Assim, considero a forma específica de saber-fazer onde a marca principal é o “envolvimento prático do iniciante com seu ambiente” (INGOLD, 2010, p.21).

⁸⁸ Semelhante ao ser pantaneiro na vida de pastoreiro, como analisou Banducci Junior (1999): “É através da criação que se estabelecem desde o sentido mínimo do ser pantaneiro, o objetivo dele estar ali, até conceitos e valores mais elevados para a vida no campo. As atividades cotidianas estão pautadas no relacionamento com os animais e em grande medida é a partir deles que se define o ritmo da vida e do tempo no Pantanal: proteger, amansar, ensinar, marcar, conduzir, vender. (BANDUCCI JUNIOR 1999, p.109)

⁸⁹ Significa, como destacado por Froehlich (2015) “Estar atento aos sinais que o gado dá é parcela importante do trabalho dos vaqueiros, tanto nos afazeres do curral, quanto nos afazeres de campo, de tocar boiada e dar rodeio, vistoriando as condições de saúde do gado que está no pasto e nos piquetes do confinamento. As condições de saúde do gado são observadas de perto pelos vaqueiros” (FROEHLICH, 2015, p.119)

Nos meus primeiros contatos com a lida de bovinos, tinha em mente o preceito de que “todos os animais são iguais”, e era difícil reconhecer o que diferenciava um animal (gado e equinos) de outro, em campo, essa forma de pensar foi desconstruída, por meio da observação da capacidade de diferenciação que os trabalhadores que lidam com o gado sabem os traços específicos de cada animal e o reconhecem.

Por se tratar de alteridades humanas e animais, estabelecem uma *comunicação interespecífica*, Froehlich (2015, p. 123). ressalta “os vaqueiros trabalham *com* o gado, prestando atenção nos seus movimentos, nos seus sinais, enfim, na sua linguagem”

Figura 26- *Equinos e bovinos soltos no pasto.*



Fonte: Elen Caroline, 2019.

“Macho é macho, fêmea é fêmea”

Nesse contexto, o maior marcador de diferenciação nos espaços são o de gênero: “macho é macho, fêmea é fêmea”: além de demarcar o gênero como um certo essencialismo biológico, é a partir dessa perspectiva que se constroem os corpos, os espaços, o movimento e o desenvolvimento de habilidades atribuídas ao masculino e ao feminino. Nesse sentido, destaca-se que, na interação ser humano-animal, as mulheres habitualmente não trabalham com equinos no cotidiano e isso se deve à vários fatores, tais como a educação, a divisão sexual do trabalho e demais questões relativas à performatividade de gênero características dessa relação. Nesta esteira, a fim de elucidar a “questão de gênero”, Butler (2014) assinala:

Gênero não é exatamente o que alguém “é” nem é precisamente o que alguém “tem”. Gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas... (BUTLER, 2014, p. 253).

Desta forma, Butler (2000, p. 110-111) destaca que a diferença sexual não ocorre apenas pelas diferenças materiais, mas também é permeada por práticas discursivas, de modo que a categoria “sexo” é, desde o início, normativa, figurando em uma “prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir — demarcar, fazer, circular, diferenciar — os corpos que ela controla” (BUTLER, 2000). Ainda, a autora ressalta que a performatividade de gênero:

deve ser compreendida não como um "ato" singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. [...] **as normas regulatórias do "sexo" trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual.** (BUTLER, 2000, p. 111) [grifo meu].

Dessa forma, a autora pontua que sexo não é somente algo que alguém tem ou uma descrição fixa do que alguém é: “ele é uma das normas pelas quais o alguém simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2000, p. 111). Assim, destaca-se que é nesse sentido que

o termo aqui apresentado, “macho é macho e fêmea é fêmea”, demarca muito mais do que uma diferenciação sexual entre homens e mulheres, mas delimita a *regulação social dos corpos*. Desse modo, gênero transborda para além do binarismo instituído, contestando modos de viver socialmente naturalizados.

Ademais, Fausto-Sterling (2001, p. 19) também afirma que “nossos corpos são complexos demais para dar respostas claras sobre a diferença sexual”, de modo que, quanto mais se busca um modo de vivenciar o sexo, mais fica evidente que não se trata de uma “categoria física pura”. Assim, os contrastes e as desigualdades de gênero são reflexos de instâncias diferentes de processos de aprendizagem que são moldados, sobretudo, na infância, constituindo-se como partes de polaridades e hierarquias entre os gêneros que interferem nos espaços que as mulheres *podem* estar e *no destino que devem cumprir*.

Além disso, põe-se em pauta que, no cenário em análise do presente estudo, há uma idealização da mulher, de modo que a performance valorizada é a da mulher “de família”, “esperta”, “que faz tudo”, que sabe cozinhar, lavar e passar, ou seja, ajusta-se perfeitamente a uma rotina doméstica. De outra banda, as meninas que se contrapõem a realizar as atividades domésticas e/ou demonstram curiosidades que vão além das atividades impostas a elas são chamadas de “danadas”, “foguentas”, “sem jeito”, “perdidas” e são vistas como meninas que “ninguém vai querer”, já demonstrando a relação entre sexo performatividade de gênero.

Nesta esteira, se faz importante um paralelo com os dizeres de Butler (2000), a qual destaca que “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta”. Ainda, ao analisar a performance desenvolvida pelos meninos, é observado que estes já acompanham os pais no trabalho desde cedo, de modo que logo aprendem a cavalgar, ordenhar, - nos seus termos - “aprende a fazer tudo”. Desta forma, os parâmetros de feminilidade, para mulheres e masculinidade para homens, são permeados pela *dominação simbólica masculina* (BOURDIEU, 2003):

A dominação masculina não é apoiada prioritariamente na força bruta, nas armas ou na dependência financeira. Esses fatores possuem seu **grau de influência**, entretanto, se fossem determinantes, quando cessados a mulher deveria adquirir sua total libertação. A dominação dos homens sobre as mulheres, via de regra, ocorre no **campo do simbólico**. O dominado (no caso, a mulher) adere a dominação de maneira irrefletida e passa a considerar que aquilo seja **natural**. **A violência simbólica** é fruto da exposição prolongada e precoce as **estruturas de dominação** (BOURDIEU, 2003, p. 26) [grifo meu].

Dessa forma, essas relações são desenvolvidas socialmente por meio de estruturas de dominação, as quais são entendidas como “naturais”, submetendo as mulheres a uma realidade na qual têm menos liberdade de escolha sobre suas próprias vidas, uma vez que, antes mesmo de nascerem, já existe um modo de viver e existir que as precede e é visto como correto/normal pelas pessoas do meio em que estão inseridas. No entanto, ressalta-se que “é um erro que os outros considerem que, só porque a mulher está calada, isso quer dizer que ela aprova a vida que leva.” (ESTES, 1994, p. 252).

Entretanto, urge pontuar que há exceções para as dualidades, mulher-espço doméstico/homem-espço público, mas elas permanecem como “segredos”, no lugar não-visível. Isso é observado em comentários como: “a roça da fulana”, “fulana estava carregando estaca e o marido cavando buracos” ou “ela derruba mesmo um garrote”. Assim, é através desses comentários que é possível perceber a atuação das mulheres além do âmbito doméstico, mesmo que fiquem na encruzilhada da não valorização, da falta de reconhecimento e da invisibilidade.

Destaca-se ainda que, a julgar pela evidência empírica, os papéis de homens e mulheres são marcados pelas atividades que realizam e espaços que circulam, nos quais os homens exercem as atividades produtivas, no pasto, na roça, e as mulheres desenvolvem as reprodutivas, no terreiro, no cotidiano da casa, na criação dos filhos. Dessa forma, é estabelecida uma lógica de “cooperação”, mesmo que delimitada por uma divisão dos gêneros referente ao trabalho.

Por isso, de modo geral, as mulheres que vivem no meio rural carregam a responsabilidade sobre a manutenção da vida da família e isso consiste em uma intensa rotina doméstica; enquanto os homens se ocupam de práticas na roça, no pasto e no curral. Outras mulheres ainda se dividem entre o trabalho na escola (principalmente na atividade de docência) em paralelo com os cuidados relativos à casa e aos filhos.

Pontua-se que, quando as mulheres se rebelam contra atitudes abusivas são mal vistas pela sociedade ao redor, de modo que as pessoas agem como se elas não existissem, evitando-as de modo geral. De outra banda, mesmo diante de condutas socialmente reprováveis, os homens são acolhidos pelos amigos. Uma senhora me explicou que é porque “o homem cai, mas levanta como se nada tivesse acontecido enquanto a mulher não”, evidenciando uma espécie de vulnerabilidade generalizada atribuída ao corpo da mulher, a qual é apontada, sobretudo nessa frase, como frágil.

É interessante pontuar que é muito raro observar uma mulher realizando uma atividade considerada “de homem”. Isto porque, apesar de ter acompanhado algumas vezes seus amigos, filhos e companheiros, e entender a lógica da realização do ofício, há uma espécie de peso e insegurança que vêm do julgamento masculino e do grupo social onde estão inseridas, uma vez que, de acordo com eles, a “mulher não é igual homem” ou “isso não é serviço ou coisa de mulher”. O maior desafio delas é adentrar nos conhecimentos e espaços do domínio masculino, já que os homens não ensinam nada em profundidade para as mulheres, mas estão em permanente troca uns com outros - homens.

Esse é o contexto no qual as projeções de papéis de gênero se delimitam, demonstrando uma escassez de autonomia, liberdade, independência econômica e mobilidade por parte das mulheres. Desse modo, é observado que elas ainda estão dentro de um labirinto permeado por pensamentos e atitudes machistas⁹⁰, além de discursos que se contrastam, como: “já não é como antigamente” e a “mulher conquistou seu lugar”; ou na negação da opressão, com o discurso: “eu nem sei o que é esse negócio de machismo”, quando na realidade a fala se contrapõe as ações.

Nesse cenário, se faz importante sublinhar que, certo dia, estava no curral para a pesagem de bezerros e a enteada do vaqueiro estava presente, entusiasmada, abrindo e fechando as cancelas e participando daquele contexto. A menina tinha por volta de 14 anos, no entanto, num descuido um garrote bateu na porteira que ela estava e a jogou na cerca, ela parecia fingir que não tinha se machucado e continuou por lá. No dia seguinte, sua mãe a proibiu de voltar ao curral e a obrigou a lavar roupa. Ela fazia essa tarefa a contragosto. Depois, soube que, outra vez, ela fugiu da casa da colônia e apanhou tanto de sua mãe que precisou ir para o hospital.

O relato acima apresentado deixa evidente que, além da cobrança quanto às performances que ocorrem de maneira subjetiva, no campo dos discursos, há também uma cobrança que se manifesta na matéria, desencadeando, inclusive, violências de gênero, que vão para além das relações homem-mulher, apresentando-se em cobranças entre os próprios grupos de mulheres, no caso em tela, na relação hierárquica entre mãe e filha. Nesse cenário, Saffioti (2009, p. 20) leciona que “gênero diz respeito às representações do masculino e do feminino, a imagens construídas pela sociedade a propósito do masculino e do feminino, estando estas inter-relacionadas” (grifo meu).

As divisões também permanecem em espaços públicos, a exemplo das festas de casamento na colônia, as quais costumam durar três dias. Ali, a família oferece a comida, que,

⁹⁰ Subjugação de uma pessoa por ser do sexo feminino.

tradicionalmente, é galinha caipira criada no terreiro e churrasco, a bebida é vendida e há também um som contrato para tocar. Quando os casais estão nesses ambientes de festas, é comum que os homens se juntem para conversar, beber e comer entre eles; enquanto as mulheres ficam nos bastidores, servindo e colocando as coisas em ordem, não aproveitando para viver o além da espera doméstica cotidiana e discutir assuntos que sobressaem a vida conjugal e o cuidado com os filhos.

Mas, também conheci mulheres que se separaram de maridos alcoólatras e criaram os filhos sozinhas, através do trabalho na roça. Uma senhora narrou a história e disse que “o amor é uma flor roxa que murcha no coração dos trouxas”. Também, conheci homens que vivem sozinhos, cuidando de si e dos afazeres domésticos. Por isso, a análise dessas relações entre homens e mulheres merece um olhar aprofundando.

Destaca-se, ainda, que participação de mulheres na cavalgada é motivada pelo desejo por aventura, ou melhor, pela oportunidade de atuação. Bem como, Adelman (2011, p. 951) mostrou para as mulheres do turfe, “usando mente e corpo e uma boa dose de determinação e persistência – não abrem mão de empreitada nem de aventura nenhuma.” Desse modo, mesmo que na cavalgada elas sejam associadas pelos cavalheiros como pessoas frágeis, necessitando de um animal manso, tendo que ouvir que “é mole e vai cair”, elas assumem o protagonismo de montar em um cavalo ou égua.

No processo de participação no evento supramencionado, o qual é ligado culturalmente ao masculino, a participação das mulheres acaba sendo auxiliada pelos homens, os quais pegam, transportam e selam os animais. Também, elas acabam não participando das provas de ferra e de tambor, as quais se constituem os momentos cruciais do evento.

A investigação de campo mostrou que a distinção de gênero, os modos de performar, perpassa pela forma como os corpos são moldados e construídos na relação entre seres humanos e seres não humanos (animais, plantas, ambientes), bem como na em suas presenças ou não em certos espaços e na constituição da pessoa dentro de interdições de atividade e regras. Essas relações são marcadas por uma divisão biológica, genitalista, de homens e mulheres, em que tem coisas que são de “macho”, como o trabalho ao ar livre com os bichos brutos; e as coisas da vida cotidiana que são das “fêmeas”. Essa forma de pensar, é uma maneira tóxica que forja um lugar natural para homens e mulheres, onde ambos, quando não se encaixam nesses padrões, acabam por sofrer diante da cobrança social.

A experiência de campo me fazia questionar: porque as *Amazonas* não ressurgem num engajamento cotidiano? Porque mulheres independentes dos homens e guerreiras não podiam

fazer a cavalgada, não falando apenas de grupos de mulheres que se reúnem para estar na cavalgada, mas de mulheres que, por ser quem são, têm total autonomia na interação com equinos e não dependem de vir de uma família de raízes rurais ou da ajuda de quaisquer homens?

Analisando as relações em estudo, conclui-se que esta questão está embutida na co-dependência entre homens e mulheres no cotidiano rural para a manutenção da família. Essa interação envolve a sutileza e ambivalência da divisão de funções remuneradas para o homem e não remuneradas para as mulheres, bem como observado acima nos apontamentos dos autores e autoras destacados. Aliás, se faz interessante questionar: porque o homem abriria mão dos privilégios, liberdade, autonomia em um processo de reconhecimento das mulheres como iguais? A manutenção da naturalização de um devir-mulher doméstico de diferenças consagra o “macho”, o dominador.

Isso porque as relações de mulheres com equinos são mediadas por homens, uma vez que são eles, a partir do desenvolvimento do seu modo de ser e de existir, que vivem a interação cotidiana, têm a posse do animal e os meios para mantê-los. Nesse protagonismo, eles decidem sobre a compra e a venda, bem como sabem lidar com o temperamento de cada um, enquanto as mulheres só podem interagir com animais considerados “mansos”, dada a sua condição socialmente vista como “frágil”, “vulnerável”.

Na cavalgada, a ser considerada um evento para todas as pessoas, algumas mulheres negociam a participação que depende da disponibilidade do equino e dos artefatos necessários, como também do transporte. Por esta razão, não pode ser considerada uma participação autônoma que invoca empoderamento, na medida em que não traz mudanças significativas nas divisões e espaços cotidianos, embora as mudanças ocorram de forma discreta, através dos indivíduos que se negam a agir como o esperado, a vestir os personagens instituídos como “naturais”.

Diante disso, se faz crucial a promoção de um processo de autonomia dos corpos, sobretudo no que se refere à hierarquia entre os gêneros, uma vez que, baseando-se na discussão realizada por Moore (1997, p. 02) o uso do termo “natural” para descrever “as diferenças estabelecidas entre mulheres e homens na vida social como se fossem originárias da biologia” é um grande equívoco, pois “as diferenças biológicas entre os sexos não podem constituir uma base universal para definições sociais”. Nesse sentido, também como ressalta Butler (2000), “repensar a natureza como um conjunto de inter-relações dinâmicas é apropriado tanto para objetivos

feministas quanto para objetivos ecológicos”, com a finalidade de garantir escolhas individuais e oportunidade de desenvolvimento para todos os indivíduos.

Capítulo 3 - Da observação dos cavalos soltos no pasto ao aprender a “saber o que ele está pensando

“cavalo que ama o dono, até respira do mesmo jeito”.

“Acho que o espírito da gente é cavalo que escolhe estrada: quando ruma para tristeza e morte, vai não vendo o que é bonito e bom”.

Grande Sertão Veredas, João Guimarães Rosa

Neste capítulo, trato das interações de homens com cavalos no cotidiano de trabalho, a partir dos conhecimentos dos interlocutores, descrevo como ocorrem vários processos interativos e os significados atribuídos.

*

O cavalo abrange uma pluralidade de significados. No cotidiano de trabalho é mediador da interação com o gado. Na lida com os bovinos, o equino é essencial para a locomoção no pasto, “rodar o pasto”, “curar bezerros”, “tocar a boiada”, “laçar”, “o gado fica dividido nas mangas, não fica num canto só, aí hoje você olha numa parte, amanhã outra parte, até fazer a rota a semana toda”.

A concepção local sobre a diferenciação dos humanos dos animais, trata-se da atribuição de demandas materiais: “_Os humanos têm casa, a gente se protege do sol e da chuva, faz nossa comida e os animais não, estão soltos no tempo”, essa classificação das realidades humanas e não humanas os animais de trabalho *soltos no tempo* tem satisfeitas, construídas pelas próprias intervenções humanas.

E nessas vias que se estabelecem entre os *animais soltos no tempo*⁹¹ e os humanos que têm casa múltiplas relações são estabelecidas, próprios equinos vivem “soltos no tempo”, andam em grupos, a não ser que sejam separados nas mangas do terreno, para um controle de manejo são separados pelas cercas.

Para “pegar” um animal que está solto nesses grupos a melhor forma é levar todos para o curral e separar, ao contrário eles fogem do humano juntos, às vezes, “não deixa ser pego”, quando um trabalhador vai pegar um animal “brabo” é questionado sobre se consegue pegar sozinho.

A minha experiência com a Angélica tornou isso muito nítido, às vezes chegava me aproximava devagar e colocava o cabresto sem dificuldades, outras vezes ela corria por todo o pasto “me fazendo de besta” porque, às vezes, levava horas para conseguir “pegá-la” ou mesmo desistia e pedia ajuda para alguém, que me ensinava algo sobre o comportamento e como lidar, e a melhor forma era tirar dessa condição de “solta no tempo” conduzir, “ir tocando” ela ou todos os equinos para o curral, a aproximação-distância mantida é sempre regulada pelo animal, se ele se esforça para “fugir”, nos aproximamos, se “ele anda tranquilo”, mantemos a distância, muitas vezes ele consegue “enganar e fugir”.

Algumas artimanhas são criadas para driblar o animal que “não se deixa pegar” e é necessário para o trabalho cotidiano, como a “peia” que é uma espécie de algema improvisada, feita com corda, corrente e coberta com mangueira, quando presa nas patas do animal dificulta a mobilidade⁹² e isso evita que ele fique correndo pelo pasto.

Algumas pessoas criticam essa prática, mas o trabalho pastoril iniciado ainda na madrugada depende de o trabalho em conjunto com o equino prender as vacas de madrugada para tirar o leite, apartar um gado, rodar o gado (andar por toda a propriedade para ver se algum animal está ferido).

As raças locais de trabalho são misturadas, a maioria dos animais são “pé duro”, “pangaré”, animais sem raça específica, provenientes de vários cruzamentos, que geralmente trabalham nos setores pastoris, mas há alguns cavalos de raça, mas segundo um interlocutor

⁹¹ A expressão “soltos no tempo”, é uma forma de expressar o que os trabalhadores rurais consideram como a diferença principal entre os humanos que têm “casa” e os animais que ficam soltos no pasto, por exemplo.

⁹² Essa forma de contenção de movimentos do equino também é praticada no Amapá, como descreve Pedro Stoeckli (2015) Quando o cavalo é muito bravo, me explica, eles fazem a *peia cearense*, método em que amarram uma das pernas traseiras do cavalo de maneira que ela fique levantada sem que o animal consiga esticá-la. Isso limita a movimentação do cavalo e, ao mesmo tempo, o impede de dar coices, minando gradativamente sua energia e capacidade de resistência (STOECKLI, 2015, p.240).

quem faz o cavalo é o dono, é o cuidado que tem com ele, “o cavalo é igual gente, se ficar o dia no sol trabalhando fica velho logo, mas se ficar na sombra, comer bem, fica igual uma máquina”.

O cavalo “bacheiro”, “_é o machador, ele anda rápido marchando” e por essa característica é considerado valoroso. O lavrado é o cavalo que tem a pelagem de duas cores, o pampa tem a pelagem vermelha e branca, ele é associado a ideia de azar “_O pampa, eu não quero mais, só leva a pessoa para trás, é a minha ciência”. Um cavalo esperto é chamado de “Alazão”, já um velho, lento “pangaré”,

Os vínculos são reforçados através da sua singularidade da atribuição de nomes próprios traz diretamente a questão da diferenciação e da particularidade refletindo em um conjunto de interações possíveis na experiência coexistencial. No entanto, como ressalta Ingold , no geral, “seja qual for o nome, em todos os casos o animal é o que faz, e é conhecido pela assinatura da sua atividade” (INGOLD, 2015, p.249).

Os nomes são dados de acordo com as características dos animais, como pelagem, comportamento, sinais, a raça, a idade, escolhidos de forma arbitrária a partir das impressões que se têm deles, de acordo com Lévi-Strauss, (1989, p.240) “O nome próprio sempre permanece do lado da classificação” pela qual “ se efetuará uma passagem do ato de significar ao de mostrar” cada animal tem uma personalidade e por isso recebe um nome que pode ser de pessoas: Sabrina, Stallone, Ana Raio; de coisas: Whisky; de características: Espalha Brasa; lugares: Paragominas, dentre outros.

É colocada uma ferradura nos pés e mãos dos cavalos depois de aparar e serrar os cascos “as vezes o cavalo pisa torto e gasta lugar que não precisa gastar do casco dele, é igual um sapato, e o cavalo é pesado, aí coloca aquele ferro, aquela proteção aí resiste mais o casco dele, se for andar no asfalto, como a gente anda, aí come também, e sendo ferro não come”.

Em Aurora há constantes negociações de compra e venda de equinos realizadas pelos peões e vaqueiros das propriedades, pois são eles que conhecem e cuidam da tropa. Há peões que ficam andando pela região “fazendo rolo”, que significa a troca de um equino por coisas ou a compra com prazos longos, de até 30 , 60 ou 90 dias para pagar, quando o dono fica insatisfeito com o animal, pode desmanchar o “rolo” ou, ainda, fazer um “rolo” em cima do outro.

Um interlocutor definiu a interação da seguinte forma: “O cavalo é um complemento da vida, porque eu estou com eles todo dia, faz parte do trabalho, é forte mesmo o negócio é igual esse seu computador”. Em campo, levava o notebook na mochila, para ler e escrever quando podia e tinha energia para carregar, no meu caso foi de grande auxílio pela quantidade

de material que podemos ter acesso, mesmo sem internet, para qualquer pesquisador (a), é um dos mais importantes instrumentos de trabalho, que, em grande medida ultrapassa o “caderno de campo”, mesmo não o substituindo completamente, é a produção de textos que dão sentido ao nosso *metier* e nesse sentido o interlocutor está repleto de razão, ao comparar a dimensão coexistencial dessas relações que estabelecemos e que também nos tolhem a vida.

As interações com os equinos vão muito além das estabelecidas no trabalho, a todo instante se ressignificam a partir das subjetividades humana-animal produzidas. A condição social que os homens atingem possuindo cavalo “é diferenciado”.

Os cavalos vivem soltos pastoreando, há um certo cuidado com espécies de capim que produzem muitos “tendões” com sementes, como o *massai*, correm o risco de “empazinar”, éguas e cavalos que ficam soltos no pasto e ao se alimentarem do capim e ingerem sua semente, ou o próprio milho, de acordo com os interlocutores, “empazina, quando esses alimentos fermentam no estômago do animal e fica preso, com o estômago inchado e intoxicado”, eles se referem a cólica. Quando isso acontece esses animais dificilmente sobrevivem, se não tiverem um atendimento profissional de urgência.

É importante ressaltar que não é comum chamarem veterinários, já que as funções de cuidado ficam para os próprios vaqueiros: a aplicação de soro, injeções, dar pasta (vermicida) e curar ferimentos. Um equino fraco, “abatido”, com carrapato, é associado a falta de zelo. Isso se dá a partir de uma rede de conhecimentos que eles criam. São conhecimentos acumulados com a lida com os animais, compartilhados quando acionados e atualizados através da interação.

A presença dos equinos com os humanos se dá a partir da identificação e parceria, onde os equinos compartilham a agilidade e força com os humanos por meio dos artefatos para estabelecer a comunicação por isso são melhor pensados como agentes que estabelecem a interação a partir do encontro de subjetividades humano-animal, por meio de sociações interespecies coligados a paisagens e processos de desenvolvimento habilidosos específicos estabelecidas são em na ação em conjunto, num “acoplamento do movimento corporal e da percepção” (INGOLD, 2015, p. 151)

O manejo do gado no curral exige a destreza dos trabalhadores e pode ser visto como um verdadeiro “ringue” no qual homens e cavalos interagem com os rebanhos. Isso exige o conhecimento sobre o comportamento dos rebanhos, pois estão sempre em movimento, mas o homem e o cavalo devem sempre ser mais ágeis. Os bovinos enfrentam os peões e não vão para a parte do curral que estão sendo remanejados. Perguntei sobre o porquê desse comportamento e o interlocutor disse “ tem bicho de natureza ruim, igual gente” aspecto observado em campo

por Froehlich (2015, p.122) “Cássio disse-me que *“é que nem gente: tu vai ver uns mais estressados, uns melhor de lidar, uns mais difíceis”*”.

Na lida com o gado, são exigidas uma série de conhecimentos que vão responder as ações tanto do equino quanto dos bovinos, uma das mais importantes é se é “brabo ou manso”, basicamente, o animal brabo é o que não se deixa domar, é aquele que trava um duelo com o cavaleiro, é aquele que pula e quebra as cercas, é o equino difícil de pegar no pasto, é o que não aceita os artefatos e o humano e, principalmente, o animal que as mulheres devem ficar longe e que os homens não devem temer.

Segundo os peões, os cavalos são melhores para o trabalho rural do que as éguas, visto que elas “comem muito” e tem como principal função reproduzir, quando se consegue um animal de raça, é comum induzirem o “cio” na égua com remédios para o cruzamento, mas “emprenhar é sorte”.

Para juntar o rebanho, montado no equino, o vaqueiro exerce a soberania perante o gado que recua e avança de acordo com o espaço que lhe é dado e a orientação, sempre presumindo a intenção do animal antes da ação, demarcando a autoridade, mesmo que isso não impeça que animais fujam dos rebanhos, se um sai, o vaqueiro conduz o retorno, o importante é “não pode deixar espalhar”.

Por exemplo, os cavalos que “empacam” são os que “não têm jeito”, “não quer prestar” ele pode até ser selado, mas não sai do lugar, de forma alguma, algumas pessoas falam que isso acontece porque o animal não se dá bem com aquela pessoa, enquanto que com outras ele caminha, fato, também observado por Froehlich (2015, p.122) “os bois amuados, aqueles que deitam, empacam e não querem andar, são assemelhados a crianças, que se chateiam e fazem *birra*”. A seguir descrevo uma experiência de campo, na qual o cavalo que me permitiram andar para acompanhar a busca por um touro que entrou na mata:

“Alguns animais fogem para a mata – espaço de reserva de mata virgem das propriedades, local onde algumas pessoas realizam a caça de tatu e outros animais para consumo, considerados animais exóticos muito valorizados na alimentação e divididos com os vizinhos – quando isso acontece eles ficam dias “perdido na mata”. Os trabalhadores se reúnem para encontrar o “animal perdido”, às vezes é encontrado quase morto, pois passou muitos dias sem comer e beber água. Acompanhei a tentativa de resgatar um touro. Primeiro foi um processo de negociação, pois eles diziam que não tinha cavalo nem sela para que eu pudesse ir, mas um jovem buscou uma sela do vizinho e pegou uma égua considerada a pior da propriedade, mas dessa forma pude acompanhá-los. Na busca eu sempre ficava para trás por causa das

minhas habilidades e do animal que não era muito apropriado para a atividade. Para passar nos colchetes e nas cancelas, os homens tinham “todo o jeito”. Mas eu sempre “empacava”.

Os trabalhadores nunca explicam o que vão fazer, quando saem montados eles realizam o trabalho em conjunto motivados espontaneamente pela própria prática, juntando o gado, separando e sabendo para onde levar, às vezes ficava um pouco perdida, e seguia o interlocutor mais jovem, e ficava atenta aos comandos. Levaram as vacas, pois para pegar o touro na mata eles levaram três vacas para entrar com eles e “chamar a atenção do touro”, quando chegamos no local, eles deram uma volta ao redor para ver se tinham pistas e no primeiro sinal entraram, fiquei do lado de fora, pois na minha tentativa de entrar, me enrolei nos cipós e percebi que ia acabar me perdendo ou ficando presa, então decidi permanecer nas margens.

Assim que eles entraram, a mata, os ecos das vozes ressoavam e era um sinal de locomoção, ouvia as pisadas dos animais, as folhas, os ganhos e um barulho de água, dei uma volta e encontrei uma represa de água corrente, e uma outra mata, ouvi algumas vozes e retornei para a mata onde estava o touro. Eles chegaram até a encontrar o touro e fizeram com que ele saísse da mata, mas não conseguiram capturá-lo pois ele entrou na mata no entorno da represa e saltou uma cerca, espantou os pescadores que estavam na represa e descobri que eram deles as vozes que ouvi anteriormente. Ainda na fuga, o homem montado a cavalo tentou usar uma técnica para derrubá-lo tal como é feito nas vaquejadas, mas não teve nenhum efeito no animal que continuou correndo imponente.

Depois da fuga do touro, as vacas também foram perdidas de vista, ao procurá-las o jovem caiu junto com o cavalo nos cipós e teve que procurar pelas vacas andando, e nisso ao encontrar as vacas perdeu o cavalo. Parecia que na mata era como se fosse um labirinto. Para touros com um “gênio difícil” eles chamam “ladrão”, pois não ouvem as ordens dos homens, nem se intimidam com os cavalos e estão sempre fugindo pulando as cercas e entrando nos terrenos vizinhos, comportamento que pode causar problemas dependendo dos donos dos terrenos próximos.

Depois que todos conseguiram se localizar, voltamos para a casa, ao fechar a cerca dois cavalos fugiram, eu tentei ir atrás, mas percebi que não ia conseguir acompanhá-los e pegar nas rédeas, então dei a água que estava montada para um interlocutor mais experiente que conseguiu apanhá-los e trazê-los de volta.

No meio do caminho começou a chover e nos abrigamos com os equinos embaixo do curral dos bezerros. Quando a chuva passou eles montaram no cavalo dentro do curral, mas por

ser baixo, preferi levar o animal para fora e montar, nisso o animal que me emprestaram era um que eu tinha medo de montar porque nós “não nos dávamos bem”, uma vez tentei dar banho nele, mas ele só permitiu que eu jogasse água bem de longe, já com esse receio me aproximei e ao tentar montar o animal se mexeu fazendo um círculo e eu cai no outro lado, como eu já esperava, eles falavam que quando o animal faz isso a gente tem que apoiar a perna no estribo e montar rápido, riam, pois dificilmente isso aconteceria com um deles.

Mas, por conta do incidente, me deram um animal chamado “Paragominas”, que já conhecia, fui a uma cavalgada montada nele. Esse era um cavalo ágil e forte, e dessa vez não fiquei para trás, mostrei para eles que sabia cavalgar, mas para isso tinha que ter “um cavalo que também gostasse de mim”. A chegada no sítio consistiu em tirar e guardar os artefatos dos cavalos e banhá-los para soltar no pasto.

No outro dia, foram atrás do touro, mas não me deixaram ir alegando que iriam atravessar uma represa junto com os cavalos, que era perigosa por causa da correnteza e, por isso, seria melhor ficar no sítio. Mas relataram que o “touro fujão” brigou com o touro do vizinho e quase o mata. Por isso, esse vizinho também se mobilizou para pegá-lo juntando as vacas da propriedade e abrindo caminho na mata com o terçado. Por fim conseguiram prendê-lo no curral, o dono tentou vendê-lo, mas não teve êxito e então decidiu que iria mandá-lo para o abate, pois o touro não parava em nenhuma propriedade e poderia acabar quebrando uma pata pulando a cerca ou machucando outro animal

Se não tiver a reciprocidade não é possível haver a interação, o animal empaca, e do homem é testada a masculinidade independente do temperamento do cavalo “_quem é homem mesmo monta em qualquer cavalo”, que resulta em uma domesticação, em um amansamento do humano. nesse processo denominado de “amansamento” é o primeiro vínculo criado entre o homem e o cavalo, e como ele é realizado define toda a trajetória de vida do animal e das interações futuras. Se trata de uma verdadeira existência interespecífica, uma face humana com uma face animal, a sintonia de um corpo humano com um corpo animal tecendo vivências e relações.

Portanto, o cavalo simboliza para os homens o domínio, a bruteza, o poder do homem, como algo que expressa a força através das habilidades de montaria perante a imprevisibilidade de ações instintivas que os animais expressam em resposta aos gestos humanos e dessa forma estabelecem uma interação, como mostrado anteriormente. Essa é a arte de criar e aperfeiçoar as habilidades desses equinos.

Evocam processos de prática e habilidade numa plasticidade que envolve a figura do cavaleiro remonta a um outro status, no qual adquire a destreza que desencadeiam em movimentos simultâneos, desenvolvem processos de educação da atenção humano e não humano na medida em que, como argumenta (Ingold, 2015) “tanto os seres humanos quanto os não humanos, eu objetaria, realizam-se habilmente dentro e através de seu entorno, empregando **capacidades de atenção e resposta** que tem sido, pelo seu desenvolvimento, encarnadas através da **prática e da experiência**” (INGOLD, 2015, p. 36) na qual homem-equino passam pelo processo de aprendizagem.

“Você tem que sentir o cavalo, ganhar a confiança dele”

Eu sentia que as observações de campo no manejo do gado e a participação na cavalgada não eram suficientes para entende a interação do humano com o cavalo, acompanhar um processo de doma leva muito tempo, também estava restrita a observações no que conseguia acompanhar, sem muitas explicações de quem executava as atividades, não tinham tempo para me ensinar.

O amadurecimento da minha interação com equinos foi construído no Centro de treinamento - CT, no município de Castanhal, é um rancho onde vivem em torno de quarenta equinos, da raça quarto de milha, em baiás e é realizado o treinamento para a modalidade esportiva de três tambores, de alta performance em provas oficiais, mas que também oferece aulas de equitação para, em grande maioria, crianças e jovens.

Iniciei como aluna, durante a pandemia, e o meu interesse pelos cavalos levou a um convite para estagiar, a minha inserção nesse espaço, foi porque “queria aprender tudo sobre cavalos”, como um complemento do que já havia vivido para escrever a dissertação, porque eu queria ser boa de sela e de rédea, coisa que no meu campo original não teria oportunidade de ser ensinado para uma mulher, diferente do Ct onde a maioria das competidoras são meninas.

Nesse local, o vínculo surge a partir da vontade e da necessidade de aprender mais sobre cavalos, tem por contribuição essencial: a de entender e falar sobre cavalos a partir da interação cotidiana focada neles. Foi o que fiz durante meses de pandemia, todas as manhãs, das 7h até 12h, de segunda a sábado, tirava os cavalos da baía com o auxílio de um cabresto, aprendi a dá

o nó para amarrar a corda do cabresto na barra de madeira para então escová-los, penteá-los, limpar os cascos, colocar as caneleiras e as ligas, posicionar a manta, apertar a sela, trocar o cabresto pela gamarra e o freio e montar (explicadas no cap. 1).

“Vou te ensinar sobre os cavalos” a primeira coisa que você deve saber é “cada cavalo, assim como uma pessoa, é único, cada um tem seu jeito”, cada animal possui uma sensibilidade as rédeas “a coisa mais sensível de um cavalo é a boca, não pode se equilibrar nas rédeas”, “qualquer movimento certo ou errado ele vai sentir”, “se você não executar da maneira correta ele não vai entender o que você quer”, nós devemos entender seu temperamento, sentir e aprender seu ritmo, “saber o que ele está pensando antes dele agir”, conhecer os pontos que devem ser desbloqueados, saber a hora de usar as pernas, conquistar o respeito, manter uma velocidade constante, “tem que ter consciência dos movimentos”, “se errar, aprender a corrigir na hora”, afinal, “eles não decoram, eles aprendem”. Eu questionava: “_ Como eu aprendo isso? e ouvia:” _ montando, tentando.”

As orientações eram, eu deveria agir antes deles, entender seus pensamentos, que cada animal é diferente um do outro, que eu deveria encontrar o ritmo deles, aprender a senti-los, e ensina-los a sentir meus comandos, para que eles pudessem entender o que eu queria, mas o principal, eu deveria ter amor, “pra lidar com cavalo tem que ter amor a eles, senão não adianta”. Não era fácil ouvir isso montada, eu não fazia a menor ideia de como “sentir o animal”, e quando eu perguntava como aprende isso, como faz, a resposta era: só aprende montando, só aprende tentando, montando em vários bichos diferentes, ou seja, Só aprende *com* eles.

Por mais afetivo e sentimental que pareça, lidar com cavalos exigem uma sensibilidade ímpar, seja nas mãos ao segurar as rédeas, nas pernas, no sentar na sela, um equilíbrio perfeito, cada gesto tem impacto no movimento, na direção e no temperamento do animal. Lidar com um cavalo estressado exige saber acalmá-lo ou se é muito calmo exige saber colocá-lo pra frente, impulsioná-lo. Sempre mantendo o controle e a concentração nele. É preciso confiar no animal.

Como entendi isso? Montando, principalmente, na égua que eu tinha mais pavor, mas que todo dia me davam, mesmo eu me machucando bastante, os hematomas e os ferimentos de contato com a sela eram a prova que eu estava sem equilíbrio e não estava acompanhando o ritmo dela, eu sabia que era uma égua muito sensível e por isso não podia puxar as rédeas muito forte porque ela se estressava eu perdia total controle, foi essa égua quem se tornou minha professora, quando consegui entendê-la, me manter calma, para acalmá-la, ficar quieta na sela, até conseguir galopar sem medo, até conseguir galopar de olhos fechados, o que no começo era impossível.

No rancho, realizei todas as atividades que meu treinador orientava, dá banho, escovar, selar, treinar, auxiliar veterinária e ir para competições. Foi o local em que compartilhei a minha vida *com* os cavalos, aprendendo *com* eles. Uma frase que meu treinador disse que resume bem e essa experiência: “Monta em um cavalo pra caminhar passear é muito fácil, mas monta em um cavalo pra treinar controlar todos os movimentos deles é muito difícil né”.

No dia a dia, realizei o condicionamento físico, iniciava o treinamento com volta na pista a passo, em seguida trotava dez vezes para cada lado e por fim galopava em círculo. No passo, é preciso deixar o cavalo confortável de rédeas bambas/soltas, o trote inicia com um incentivo inclinando o corpo para frente, e quando o cavalo pisa com a “mão de dentro”, elevamos na sela, para parar sentamos na sela e fazemos pressão com o corpo para trás, em seguida o galope, elevamos suavemente a rédea de dentro, encostamos a perna de fora, temos que manter o cavalo em um círculo, fazendo isso para os dois lados, terminamos esse treinamento básico caminhando pela pista, dura em torno de 1h. Esse foi meu bônus, poder viver diariamente essa experiência de interação como pesquisadora e aluna.

Além desse condicionamento físico, o mais importante para os cavalos de alta performance é o treinamento onde, o treinador, um horseman identifica os pontos que precisam ser desbloqueados, eles entendem e conseguem sentir todo o movimento do animal, se precisa trabalhar as paletas, a traseira ou da frente com o objetivo alongar e preparar o animal para a competição.

Aprendendo *com* os cavalos como construir conexões

“A primeira regra desta técnica é a de conviver em harmonia como os animais. Para estabelecer um relacionamento de confiança mútua, é preciso que o cavalo aprecie e aceite a companhia do homem”.

(RINK, 2008, p.35)

Do cotidiano aos eventos festivos e esportivos, a interação humano-cavalo envolve essa relação intrínseca de subjetividades e desenvolvimento de habilidades. A interação é de caráter processual e sinérgico pois envolve acoplamento das percepções e ações de ambos.

Nesta pesquisa foram apreciados processos de tornar-se-com possibilitados através da coexistência interespecies que resulta numa sociabilidade multiespécie estabelecida por meio da comunicação, da utilização de artefatos e do conhecimento prático.

A presença compartilhada dos humanos com cavalos se dá pela parceria, onde “tais seres precisam lidar com os artefatos humanos e, mesmo, com os espaços de sociabilidade humana” (SILVEIRA, 2016, p. 289), mas que, além de lidar, os cavalos promovem múltiplas sociabilidades. E evocam processos de prática e habilidade numa plasticidade que envolve a figura do cavaleiro, no qual adquire a destreza que desencadeiam em movimentos simultâneos em vários campos de atuação.

Os capítulos se concentraram na experiência multiespécie do compartilhamento da vida *com cavalos em campos*, e contaram múltiplos processos de co-torna-se, da pesquisadora, dos interlocutores humanos e dos cavalos.

O primeiro capítulo ressaltou a interação do humano com o cavalo que envolve a agência das coisas, o gesto, a palavra e o encontro, estabelecidos pelo processo de convívio. Mas principalmente de sensibilidade, de silenciar a mente, ativar os corpos, acompanhar o ritmo, administrar a velocidade, de entender e sentir o animal. Sinaliza um exemplo de um evento de interação de humanos com cavalos a cavalgada, que foi a principal fonte imersiva.

O segundo capítulo mostrou o cenário em que se desenvolve as múltiplas relações humanas, meio, coisas, animais. Trouxe as percepções e habilidades engendradas por meio do processo de vida de peões e vaqueiros que ocorre através da copresença, da parceria, no cotidiano de trabalhadores rurais o significado está no modo de vida por meio do contato diário, na parceria para o trabalho, na diversão, na significação de si e do outro não-humano. Abordou também algumas questões de gênero que são emergentes nessa temática.

A vida cotidiana de roça e pasto mostram como precisamos superar as dicotomias da realidade comum ou teórica. As interações entre humanos, plantas, animais, coisas, por exemplo, mostram como são interligadas, complexas.

O terceiro capítulo, mostrou a vida cotidiana compartilhada com os cavalos “soltos” no pasto e como me ocorreu os processos de entende-los e senti-los após o convívio no centro de Treinamento.

O equino é símbolo dominante na cavalgada promove a sociabilidade nas hierarquias humanas e não humanas, no que se refere aos trabalhadores ou não. Não é um entrecruzamento,

e conseqüentemente também não é uma *condição híbrida*⁹³ do centauro, mas por conexões garantida pela autonomia e agência do ser humano e equino que interagem por meio de artefatos e *processos de educação da atenção em campos de prática* (INGOLD, 2010, p. 2015).

Selar, montar, cavalgar, treinar são os verbos que caracterizam a interação entre uma pessoa e um equino, mas ações movidas por uma capacidade de afeto e socialização, que nesse contexto é movido pelo sentimento de amor. Para entender eles, para suprir suas necessidades, para viver em conjunto.

Acima de tudo, cavalgar, mesmo como amador ou profissional, é um envolvimento interespecífico entre humanos e equinos agenciado pela subjetividade e a relação de companheirismo marcada por múltiplas relações de atenção, percepção do ambiente, habilidades e movimento e do humano com o cavalo.

Principalmente, porque nesse mundo de interações entre os seres e coisas, os cavalos sentem os humanos e dão um diagnóstico sincero, com sua sensibilidade extrema decifram nosso coração, nossa mente e todos os sentimentos que tentamos esconder de nós mesmos. Montar bem exige suavidade, equilíbrio, concentração, estar presente, estar consciente, estar em conexão, confiar no outro e em si mesmo. Por isso afirmam a importância do vínculo.

“Todo cavalo tem seu jeito”, a interação com eles é uma relação construída através de uma conexão respeitosa e sincera entre dois seres a partir do convívio, onde aprendemos a senti-los, a lê-los da mesma forma que eles criam laços conosco a partir de uma confiança mútua. Estar montada é estar atenta e conectada a outro ser por meio da concentração e consciência corporal, impõe respeito e amizade, quando realizamos os movimentos certos ninguém se machuca.

Os cavalos ensinam sobre como se conectar, manter equilíbrio, acompanhar o ritmo, se manter concentrado, estar presente, controlar os sentimentos e o corpo, se manter seguro e confiante, a ser ágil, a ter consciência corporal, a se relacionar com os outros, é muito mais do que saber usar braços, pernas e manter a postura, é preciso saber se comunicar, sentir o animal, é entender o que está pensando e sentindo e agir com sensibilidade.

Eles ensinam a trabalhar em conjunto, a viver em harmonia, em sintonia, a viver com, em estado de bem estar, mostrando que as pressões assustam, o medo leva a fuga, e quando há desequilíbrio de algum lado os dois sentem as dificuldades que isso acarreta. Ensinam a conexão verdadeira, que exige confiança, disciplina e compromisso.

⁹³ Essa condição é exemplificada por Maciel (2016, p.18) “Quando Gregor Samsa acorda em seu quarto e se vê transformado em uma barata, ele passa, de repente a viver a condição híbrida de humano e inseto”. Nesse caso, não há o transformismo, cruzamento, mas a conexão.

A Compartilhar a vida com cavalos é uma mistura de muita dedicação, trabalho árduo e aprendizado. Os cavalos pensam, sentem e são geradores de sociabilidade, ensinam se relacionar com: Formar conjunto.

REFERÊNCIAS

ANCA, Dan. **Galateia in the Land of the Amazons: The silver plate of Yenikend (Azerbaijan) and cultural transfers between the Greco-Roman world and the Caucasus**. Khazar Journal Of Humanities and Social Sciences, Khazar University Press, 2018.

ACHA, De Milena. “**Os processos da paisagem pastoril: caracterizando lugar e movimento**”. Ciências Humanas, v. 13, n. 1, p. 5-8, jan.-abr. 2018.

ANUALPEC. **Anuário da Pecuária Brasileira**, 20th edn. Instituto FNP, São Paulo, SP, Brasil. 2017.

ALENCAR, Edna. “**Nesse tempo não existia essas ilhas por ali »: sobre modos de perceber o ambiente e narrar o passado**”. *Illuminuras (Porto Alegre)*, vol. 14, n. 34, 2013: 11-32.

ADELMAN, Miriam. **Fronteiras de mudança: lazer, esporte e práticas femininas no mundo equestre**. 36º Encontro Anual da Anpocs. GT 20. Metamorfozes do rural contemporâneo, Outubro, 2012.

_____. **As mulheres no mundo equestre: forjando corporalidades e subjetividades “diferentes”**. Estudos Feministas, Florianópolis, 19(3): 931-953, setembro-dezembro, 2011.

AGAMBEN, G. *O aberto, o homem e o animal*. Lisboa: EDIÇÕES 70, 2011.

ALMEIDA, MG. **Uma leitura etnográfica do Brasil sertanejo**. In: SERPA, A., org. Espaços culturais: vivências, imaginações e representações [online]. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 313-336. ISBN 978- 85-232-1189-9. Available from SciELO Books .

AMARAL, Rita. **As mediações culturais da festa**. Rev. Mediações, Londrina, v,3, n.1, p, 13-22, jan/ jun.1998.

ANDERSON, John Kinloch. **Ancient Greek Horsemanship**. University of California Press, 1961.

BOSCATTI, Ana Paula Garcia; ADELMAN, Miriam. **De cavalos e homens: história, poder, estratégias e representações**. Estud. sociol. Araraquara v.25 n.49 p.221-242 jul.-dez. 2020.

BRASIL. **Revisão do Estudo do Complexo do Agronegócio do Cavalo**. Secretaria de Mobilidade Social, do Produtor Rural e do Cooperativismo Comissão Técnica Permanente de Bem estar Animal Câmara Setorial de Equideocultura Brasília, MAPA, 2016.

BUTLER, Judith. “**Regulações de Gênero**”. Cadernos Pagu, Campinas, nº 42, 2014.

_____.2000 [1993]. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, G. L. O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica.

BIRKE, Lynda; HOCKENHULL, Jo. - **Crossing Boundaries_ Investigating Human-Animal. Relationships-Brill Academic Publishers**, 2012.

BRANDENBURG, Alfio . **A colonização do mundo rural e a emergência de novos atores.** Ruris, volume 4, número 1 ,março 10, 2010.

CHIESA, Gustavo Ruiz. **À procura da vida: pensando com Gregory Bateson e Tim Ingold a respeito de uma percepção sagrada do ambiente.** Rev. antropol. (São Paulo, Online) | v. 60 n. 2: 410-435 | USP, 2017.

BÖLL, Mette Miriam . **The nature oh relations.** In: BIRKE, Lynda. *“Learning to Speak Horse”: The Culture of “Natural Horsemanship”*. Society and Animals, 15, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____.(2005). **Esboço de autoanálise.** São Paulo. Companhia das Letras.

BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro. **Os peões de gado e a representação dos animais no Pantanal de Nhecolândia.** *Cadernos de campo*, USP, 8: 107-123, 1999.

BACHELARD,G. **Devaneios sobre o devaneio. Animus — anima e Os devaneios voltados para a infância.** In: A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 93-138.

COSTA FILHO, Maurício Sérgio Borba. **A máquina antropológica entre antropogênese e antropocentrismo : Uma leitura crítica de Giorgio Agamben a partir de uma perspectiva multiespecífica da biopolítica.** Dissertação de mestrado, UFPA, 2020.

CORDEIRO, I M.C.C; ARBAGE, M. J. C; SCHWARTZ, G. **Nordeste do Pará: configuração atual e aspectos identitários** IN.Nordeste Paraense: panorama geral e uso sustentável das florestas secundárias Organizado por Iracema Maria Castro Coimbra Cordeiro, Lívia Gabrig Turbay Rangel-Vasconcelos, Gustavo Schwartz, Francisco de Assis Oliveira – Belém: EDUFRA, 2017.

COUTINHO, Juliana Fausto de Souza. **A cosmopolítica dos animais.** Tese (doutorado) orientadora: Déborah Danowski,Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2017.

COSTA, Conceição de M. S. B. **“Agronegócio e Agricultura familiar: modelos agrícolas de desenvolvimento que se contrapõem.”** *VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas* (Universidade Federal do Maranhão), Agosto/2017.

COLFERAI, João Paulo Pacheco. **A cavalgada de São Sebastião em Cambira-PR.** VII Congresso Internacional de História. XXXV Encuentro de Geohistoria regional, Outubro de 2015b.

COLFERAI, Sandro Adalberto. **Entre cavalos, colheitadeiras e abadás: a cavalgada.** RELEM – Revista Eletrônica Mutações, julho – dezembro, 2013a.

COLLEN, Alanna. **10% humano.** [recurso eletrônico].1.ed. - Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

CLUTTON-BROCK, Juliet. **Eyewitness horse**. DK Children; Har/Cdr/Ps edition, June 30, 2008.

COSTA, Maria R.T.R. **A História dos equinos na Amazônia: ênfase ao cavalo marajoara**. In: encontro internacional da pecuária da Amazônia, 1, Belém, PA, 2008.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**/ James Clifford; organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

DESCOLA, Philippe. **Sobre o conhecimento antropológico**. Revista de @ntropologia da UFSCar, 10 (1), jan./jun, 2018.

_____. **Outras naturezas, outras culturas**. Ed. Editora 34, 1ª ed. São Paulo, 2016.

_____. **Estrutura ou sentimento: A relação com o animal na Amazônia**. MANA 4(1):23-45, 1998

_____. **Porquoi les indiens d'Amazonie n'ont-ils pas domestiqué le pécarí? Généalogie des objets et anthropologie de l'objectivation**. In: LATOUR, B.; LEMONNIER, P. (Dir.). De préhistoire aux missiles balistiques. L'intelligence sociale des techniques. Paris: La Découverte, 1994, pp.329-344.

DOOREN, Thom Van; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. **Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade**. Trad. Susana Oliveira Dias. **ClimaCom** [online], Campinas, Incertezas, ano. 3, n. 7, pp.39-66, Dez. 2016. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/07-Incertezas-nov-2016.pdf>

DESPRET, Vinciane. **O que diriam os animais se...** Tradução de Cícero de Oliveira *Edições Chão da Feira*, Caderno de Leituras n.45. 2016.

_____. **Acabando com o luto, pensando com os mortos**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 23 – n. 1, p. 73-82, Jan./Abr, 2011.

DEMELLO, Margo. **Animals and Society_ An Introduction to Human-Animal Studies**. Columbia University Press, 2012.

DIGARD, Jean-Pierre. **A biodiversidade doméstica, uma dimensão desconhecida da biodiversidade animal**. Anuário Antropológico/2011-II,205-223, 2012.

DERRIDA, Jacques.1930- . **O animal que logo sou**. São Paulo: Editora UNES, 2002.

ESTES, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FROEHLICH, Graciela. **As lidas e o bem-estar: relações entre os humanos e os animais em fazendas de criação de gado de corte**. In: SAUTCHUK, Carlos (Org.). **Técnica e transformação: perspectivas antropológicas**. Brasília: ABA Publicações, p. 403-424, 2017.

_____. **O bem-estar na carne: um estudo antropológico sobre as relações entre humanos e animais a partir da categoria de bem-estar animal**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

_____. **Trabalhar os animais, trabalhar com os animais: reflexões etnográficas sobre bem-estar animal em fazendas de criação de gado de corte.** *R@u - Revista de Antropologia da UFSCar*, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 108-125, 2015.

FAULHABER, Priscila. “**As estrelas eram terrenas»: antropologia do clima, da iconografia e das constelações Ticuna**”, *Revista de Antropologia (USP)*, vol. 47, n. 2, 2004: 379-426.

FEDERICI, Silvia. **Caça às bruxas, passado e presente e o medo do poder das mulheres.** Edições Chão da Feira, Caderno de Leituras, N. 63 Maio, 2017.

FAUSTO-STERLING, Anne. “**Dualismos em Duelo**”. *Cadernos Pagu*, 17/18, 2001/02, pp. 9-79.

GOULART, José Alípio. **O cavalo na formação do Brasil.** Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande sertão: veredas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HARAWAY, Donna. (2009). “**Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX**”. Em TADEU, Tomaz (org.), *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano.* Belo Horizonte: Autêntica, pp. 33-118.

HARAWAY, Donna; AZERÊDO, Sandra. (2011). **Companhias multiespécies nas natureza culturas: uma conversa entre Donna Haraway e Sandra Azerêdo.** In: MACIEL, Maria Esther (Org.). *Pensar/escrever: o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica.* Santa Catarina: EDUFSC, p. 389-417

HAYES, Alice M.; HAYES, M. Horace. **The horsewoman a practical guide to side-saddle riding.** Hurst and Blackett, 1903.

JONES, Janet. **Horse Brain, Human Brain: The Neuroscience of Horsemanship,** Trafalgar Square, 2020.

INGOLD, Tim. **What is an animal?.** London: Routledge, 1994.

_____. **Humanidade e animalidade.** *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 28, Rio de Janeiro, 1995.

_____. **From trust to domination: an alternative history of human-animal relations.** In: MANNING, Aubrey; SERPELL, James. (Eds.). *Animals and human society. Changing perspectives.* New York: Routledge, 2002, pp. 1-22.

KIRKSEY, S. Eben; HELMREICH, Stefan. **A emergência da etnografia multiespécies.** *R@U*, 12 (2), jul./dez. 2020: 273-307.

KNIGHT. J. **Feeding Mr Monkey: cross-species food ‘exchange’ in Japanese Monkey Parks.** In: KNIGHT. John (Ed.). *Animals in person. Cultural perspectives on human-animal intimacies.* New York : Berg, 2005, pp. 231-254.

KOSBY, Marília Floôr ; LIMA, Daniel Vaz ; RIETH, Flavia Maria Silva. **Centauros de**

motocicleta: o cavalo como testemunha do -processo domesticatório do gaúcho. HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS (UFRGS. IMPRESSO), v. 23, p. 197-223, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832017000200197&lng=pt&tlng=pt, Acesso em: 17 de fev. de 2021.

KIRKSEY, S. Eben ; HELMREICH, S. **The emergence of multispecies ethnography.** *CULTURAL ANTHROPOLOGY*, 4 (25): 545–576, 2010.

KOHN, Eduardo. **Como os cães sonham. Naturezas amazônicas e as políticas do engajamento transespécies.** *Ponto Urbe*, 19: 1-35, 2016.

KOHLER, Florent. **Antropologia e etologia: uma abordagem conceitual.** In: Dossiê: *Animalidades Plurais*. UFSCAR, R@U, 7 (1), jan./jun. 2015:211-229.

KELLEY, Brent P. **Horse Breeds of the World.** Chelsea House Publishers, 2002.

LIMA, Daniel Vaz. **Cada doma é um livro: a relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense.** 2015. 153 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, 2015.

LIMA, Daniel Vaz. **“O cavalo é quem te dá as dicas”: uma etnografia da relação entre domadores e cavalos no pampa brasileiro.** R@U: Revista de @ntropologia da UFSCar, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 193-210, 2015. Disponível em: http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2016/09/10_rau07103.pdf. Acesso em: 23 de fev. de 2021.

LIMA, Daniel Vaz; RIETH, Flávia. **O cavalo é igual ao homem?: uma etnografia da relação entre humanos e cavalos na invenção da lida e do mundo campeiro.** In: III Seminário de Antropologia da UFSCar, São Carlos/SP. Anais do Seminário de Antropologia da UFSCar, v. 1. p. 408-418, 2014.

LEONFORTE, Julia. **Psicologia Junguiana na contemporaneidade: contribuições da relação entre humanos e cavalos para a psique.** Monografia (Pós-Graduação em Psicologia Junguiana), Faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo, São Paulo, 2019.

LIMA, Tânia Stolze. **O campo e a escrita: Relações incertas.** Revista de Antropologia da UFSCar, |R@U, v.5, n.2, jul.-dez., p.9-23, 2013.

LEBLANC, Michel-Antoine. **The mind of the horse an introduction to equine cognition.** Harvard University Press, 2013.

LATOURE, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede.** Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.

LESTEL, Dominique. **A animalidade, o humano e as “comunidades híbridas”.** In: MACIEL, Maria Esther (Org.). Pensar/escrever: o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica. Santa Catarina: EDUFSC, 2011.

MATTFELD, Monica. **Becoming Centaur: eighteenth-century masculinity and english horsemanship.** Penn State University Press; 1ª edição, março, 2017.

MAYERS, Jane. **Horse Safe: A Complete Guide to Equine Safety**, CSIRO Publishing, 2005.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MURRIETA, Rui Sérgio S. **A mística do Pirarucu: pesca, ethos e paisagem em comunidades rurais do baixo Amazonas**. *Horiz. antropol.* [online]. 2001, vol.7, n.16, pp.113-130. ISSN 1806-9983. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832001000200006>.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. Porto Alegre, *Revista FAMECOS*, nº 15: 74-82, 2001.

_____. **A vivência**. IN MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*; tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. – Petrópolis, RJ : Vozes, 1998.

MOORE, H. **Compreendendo sexo e gênero**. (mimeo) Do original em inglês: “Understanding sex and gender”, In: Tim Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres, Routledge, 1997, p.813-830.

NOSKE, Barbara. *Beyond Boundaries: Humans and Animals*. Black Rose Books, 1997.

NUNES, Benedito. (2011). **O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura**. IN: MACIEL, Maria Esther (org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Ed.UFSC, Florianópolis.

PISA, João Paulo Novelletto. **A Relação Humano-Cavalo: Análise Científica e Literária das Emoções dos Equinos em dois Clássicos da Literatura**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

PAVIA, Audrey ; SAND, Shannon. **Horseback Riding for Dummies**, Wiley Publishing, Inc. 2007.

ROBERTS, Monty. **O homem que ouve cavalos**. Ed. Wolf, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.

RIETH, Flávia; LIMA, D. V.. **Manejes pecuários: ofícios e saberes artesanais**. In.: Cesar de David ; Daiane Loretto de Vargas. *Saberes tradicionais e artesanato: expressões culturais do campo brasileiro*. 2.ed. São Leopoldo: Editora Oikos, 2018. p.87-103.

RODRIGUES, Vagner Barreto ; RIETH, Flávia . **Festa é coisa séria: José Guilherme Magnani e a Antropologia Urbana no Brasil**. *CADERNOS DO LEPAARQ (UFPEL)*, v. 15, p. 4-19, 2018.

RIETH, Flávia; LIMA, Daniel Vaz. **Etnografia da pecuária: o modo de vida campeiro no pampa Brasileiro**. In: WIZNIEWSKY, Carmen Rejane Flores; FOLETO, Eliane Maria. (Orgs.). *Olhares sobre o pampa: um território em disputa*. Porto Alegre: Evangraf, p. 194-206, 2017.

ROSA, Samantha Campos LOBATO da. **O desenvolvimento do Equus caballus e sua influência nas civilizações antigas**. 2013. x, 50 f., il. Monografia (Bacharelado em Medicina Veterinária)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

- RUSSI, Lívia; ROSA, Marcelo; BARBALHO, Patrícia; COSTA-E-SILVA, Eliane; **Etologia aplicada em bovinos**. *Revista de Etologia* 2011, Vol.10, N°1, 45.
- RINK, Bjarke. **Desvendando o Enigma do Centauro: como a união homem-cavalo acelerou a história e transformou o mundo**. São Paulo: Equus, Brasil, 2008.
- REGAN, T. **The case for animal rights**. Los Angeles: University of California Press, 2004.
- SCHADE, Jackson; SOUZA, Anderson Fernando de; CURTI, Juliana massitel; ET ALL.. **Exame de claudicação em equinos: Análise em movimento**. In book: Inovação e Pluralidade na Medicina Veterinária (pp.130-145), 3ª ed.Cp.: 17, Atena, agosto, 2020. DOI: [10.22533/at.ed.84520110817](https://doi.org/10.22533/at.ed.84520110817)
- STENGERS, Isabelle. **Reativar o animismo**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. *Edições Chão da Feira*. Caderno de Leituras N.62, 2017.
- SILVEIRA, Flávio Leonel **As paisagens coexistenciais interespecíficas, ou sobre humanos e não-humanos compartilhando espaços domésticos numa cidade amazônica**. *Illuminuras*, Porto Alegre, 42(17): 288-315, 2016.
- _____. **Trajetórias pessoais e as paisagens do possível: percurso, memória e narração**. *Illuminuras*, Porto Alegre, v.12, n. 29, p. 35-66, jul./dez, 2011.
- SAUTCHUK, Carlos Emanuel. **Aprendizagem como Gênese: prática, skill e individuação**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, pp. 109-139, jul./dez. 2015
- _____. "Pesca e aprendizagem: gestação e metamorfoses no estuário do Amazonas", *Amazônica. Revista de Antropologia (UFPA)*, vol. 5, n. 2, 2013: 502-519.
- _____. "O que a rede nos ensina sobre o pescador?", *Revista Coletiva*, vol. 1, 2010
- SEYFERTH, Giralda. **Campesinato e o Estado no Brasil**. *Mana*, 17(2), 2011.
- SAFFIOTI, Heleith **Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres**. Série Estudos e Ensaios/ Ciências Sociais/ FLACSO – Brasil – junho/2009.
- SIMMEL, George. **A sociabilidade**. In: *Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade*. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2006.
- SANTOS JÚNIOR, Roberto Araújo de Oliveira. "Notas sobre o dualismo sociedade/natureza e o papel das ciências sociais na questão ambiental." *Ambiente e sociedade na Amazônia: uma abordagem interdisciplinar*, 2014.
- SABOURIN, E. **Camponeses do Brasil, entre a troca mercantil e a reciprocidade**. Rio de Janeiro: Editora Garamond Universitaria, Col. Terra Mater, 2009.
- SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. LIMA FILHO, Manuel Ferreira.. **Por uma antropologia do objeto documental: entre a "a alma nas coisas" e a coisificação do objeto**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 37-50, jan/jun. 2005
- SERVAIS, Véronique. **Enchanting dolphins. An analysis of human-dolphin encounters**. In: KNIGHT. John (Ed.). *Animals in person. Cultural perspectives on human-animal intimacies*.

New York : Berg, 2005, pp. 211-230.

SINGER, Peter. **Libertação animal**. Porto Alegre, São Paulo: Lugano, 2004.

TADDEI, Renzo; GAMBOGGI Ana Laura. **Educação, antropologia, ontologias**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 42, n. 1, p. 27-38, jan./mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-9702201506134264>

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)**. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1983].

TAMBIAH, Stanley J. **Continuidade, integração e horizontes em expansão**. Mana [online]. 1997, v. 3, n. 2, pp. 199-219. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-93131997000200007>>. Epub 15 Maio 2007. ISSN 1678-4944. <https://doi.org/10.1590/S0104-93131997000200007>.

VELHO, Otávio G. “**A frente pastoril.**” Em *Frentes de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da transamazônica.*, 22 –34. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELDEN, Felipe F. V. **Inquietas companhias. Sobre os animais de criação entre os Karitiana**. São Paulo: Alameda, 2012, pp. 93-162.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade** ¹ *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, 21, Outubro, 2003.

WALKER, Alice. **HORSE**. Reaktion Books, 2008.